



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL  
ESTUDO DE CASO: DOCUMENTOS REFERENTES A FAZENDA DE  
SAUBARA - SANTO AMARO - BAHIA

1650 - 1792

HELOISA HELENA FERNANDES GONÇALVES DA COSTA

SALVADOR - BAHIA

T/UFBA  
069  
C837  
Consulta

T/UFBA 069 C837

Autor: Costa, Heloisa Helena Fernan  
Título: Contribuição dos museus par



1272556  
227792

1983

**Universidade Federal da Bahia - UFBA**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**Esta obra foi tratada digitalmente no**  
**Centro de Digitalização (CEDIG) do**  
**Programa de Pós-graduação em História da UFBA**

**Coordenação Geral: Marcelo Lima**

**Coordenação Técnica: Luis Borges**



**VIRTUTE SPIRITUS**

**Junho de 2017**

**Contatos: [poshistro@ufba.br](mailto:poshistro@ufba.br) / [lab@ufba.br](mailto:lab@ufba.br)**

207732

**MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

CONTRIBUIÇÃO DOS MUSEUS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL  
ESTUDO DE CASO : DOCUMENTOS REFERENTES A FAZENDA DE  
SAUBARA - SANTO AMARO - BAHIA  
1650 - 1792

AUTOR : HELOISA HELENA FERNANDES GONÇALVES DA COSTA  
ORIENTADOR : PROF. LUIZ ROBERTO DE BARROS MOTT

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À UFBA COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
BIBLIOTECA  
REGISTRO 4232.556  
DATA 25/08/83

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
BIBLIOTECA  
No. de Tombo 9131

SALVADOR - BAHIA  
MAIO 1983

PEDRA FILOSOFAL

Eles não sabem, nem sonham,  
Que o sonho comanda a vida.  
Que sempre que o homem sonha  
O mundo pula e avança  
Como bola colorida  
Entre as mãos de uma criança.

Antonio Gedeão

Este trabalho é dedicado a todos os  
MUSEUS BRASILEIROS

Que seus administradores possam compreender, na totalidade, a importância dos museus para a formação pessoal e social dos indivíduos e a partir daí, envidem esforços sempre maiores para que aquelas instituições estejam incluídas no rol das que contribuem, verdadeira e cristamente, para o desenvolvimento da nação brasileira.

A

Marco, Bernardo, Ivan, Alair e João  
que por muito amor  
souberam compreender  
e, pacientemente, esperaram.

Aos

professores e amigos do Mestrado em Ciências Sociais da  
UFBA, que estimularam, através dos exemplos pessoais, da  
transmissão de conhecimentos, da boa vontade em comparti  
lhar experiências e amizade.

A Mott, Consuelo, Luiz Henrique, João, Wilter, Bira, Bira  
Rebouças, Eugênia, Johildo;  
à Rita e Jacques.

À

Mercedes, pela amizade e experiência vivenciada em con  
junto.

A Nádia e Silvia, porque sem elas a datilografia e a  
tranquilidade não teriam sido possíveis.

A todos os amigos que compartilharam anseios e dúvidas ,  
contribuindo, indiretamente, para a execução do trabalho.

## R E S U M O

Os museus existentes nas diversas partes do mundo têm de sempenhado através dos séculos, o papel de guardiões dos bens cul  
turais.

Seus acêrvos tem características diversas e abrangem qua  
se todas as áreas do conhecimento humano.

Até a 2a. metade do século XX uma grande parte dos museus mundiais esteve preocupada com a preservação dos objetos, monumentos ou sítios históricos, sem discutir as razões desta atitude e o uso que se poderia fazer das coleções sob sua guarda.

Esta maneira de pensar estava em íntima conexão com os padrões vigentes nos séculos passados, quando as formações sociais - se caracterizavam pelo autoritarismo e o conservadorismo que permitiam a manutenção do "status quo", impossibilitando assim uma evolução social em iguais condições para todos.

Os tesouros da arte e da história, oriundos das esferas - do poder, desde o início das civilizações antigas, tornaram - se objetos de caráter sagrado, indiscutíveis; podiam ser admirados - e serviam perfeitamente aos interesses da classe dominante, ao aumentar ainda mais a distância econômica e social que existia entre ela e o restante da população.

No século XX, apesar de ser um tempo também marcado pelo autoritarismo e violência, muitos países tem procurado rever suas posições sociais, econômicas e políticas perante a comunidade mundial e existe um processo de revitalização e democratização da cultura.

A partir da criação da UNESCO, em 1946 e do Conselho Internacional de Museus, em 1947, tem havido uma constante preocupação, traduzida em uma série de seminários e conferências gerais, sobre o papel dos museus no mundo.

O consenso dos profissionais de museus, nos anos 80, leva à tomada de consciência acêrca da função social que estas instituições devem exercer, em busca de uma sociedade mais justa, igualitária e pacífica.

Os países do Terceiro Mundo que assimilam as proposições - da UNESCO, têm encontrado nos museus um caminho adequado para senen

sibilizar suas comunidades e resgatar a memória histórica, com firmes intenções de promover a identidade cultural.

O tipo de desenvolvimento que corresponde às necessidades de um país só pode se basear na tomada de consciência de sua civilização, tradições e valores e sob este ângulo, os museus têm uma importante missão a cumprir, na medida em que preservam o patrimônio cultural e o utilizam em benefício da integração entre as diversas sociedades.

Embora muitos museólogos e profissionais de áreas afins estejam analisando o potencial social dos museus, os museus brasileiros, com raras exceções, não têm acompanhado as discussões teóricas que tem tido lugar em vários países, sob auspícios do Conselho Internacional de Museus.

O Brasil não promoveu, até o momento, uma política museológica nacional e em consequência, o Sistema Educacional Brasileiro, que já possui deficiências próprias, não incorpora o museu em seu plano curricular, considerando-o como atividade extra-classe, esporádica e turística. Em razão disto, os museus brasileiros não estão integrados ao processo educativo e por conseguinte não exercem sua função social adequadamente. Apenas preservam as coleções sem perspectiva de usá-las, cientificamente, como parte do processo da dinâmica social e em função dos verdadeiros interesses da sociedade.

A constatação destes fatos e a tese de que Museu e Educação são realidades que não podem permanecer separadas, justificam o fortalecimento dos museus históricos, tornando-os uma presença viva e atuante dentro da sociedade brasileira.

Entretanto, para efetuar esta integração é necessário que os museus de conteúdo histórico sejam revistos e seus objetivos sejam reformulados, à luz dos conceitos e da metodologia da ciência histórica, em estreita correlação com os meios universitários para absorção de pesquisas científicas, técnicas de trabalho e base teórica.

Tendo em vista todos estes fatores conjugados, propõe-se uma nova forma de atuação para os museus de história, tomando como exemplo prático a comunidade de Saubara, atual distrito de Santo Amaro, Estado da Bahia, Brasil.

## A B S T R A C T

The museums existing in the different parts of the world have been performing, for centuries, the role of safekeepers of the cultural assets.

Their heritage have different characteristics and include nearly all areas of human knowledge.

Until the second half of the twentieth century, many of the world's museums were concerned only about the preservation of objects, monuments or historic places, without discussing the reasons of this attitude nor the use that could be made of the collections in their safeguard.

This way of thinking was closely connected to the patterns accepted during the past centuries, when the social formations were characterized by authoritarianism and conservativeness which permitted the maintenance of the "status quo", making impossible a social evolution under equal conditions for all.

The treasures of art and history, resulting from the spheres of power, since the beginning of ancient civilizations, became objects of a sacred nature, unquestionable; they could be admired and perfectly lent themselves to the interests of the dominant class, increasing ever more the economical and social distance existing between it and the rest of the population.

In the twentieth century, although also marked by authoritarianism and violence, many countries have been trying to reassess their social, economical and political positions before the world community, and there is a process of revitalization and democratization of culture.

Since the creation of UNESCO, in 1946, and of the International Council of Museums, in 1947, there has been a constant concern, become manifest by a series of seminars and general public lectures, on the role of museums throughout the world.

The consensus of the museum professionals, during the eighties, brought about the awareness of the social role which should belong to these institutions, in search of a more just, equalitarian and pacific society.

The countries of the Third World which assimilate the proposals of UNESCO have been finding in the museums an appropriate way to touch emotionally their communities and redeem their heritage, in order to promote their cultural identity.



The kind of development that is in accordance with the necessities of a country can only happen when becoming aware of its civilization traditions and values under this angle, and the museums have an important mission to fulfill in this respect, taking steps to preserve the cultural heritage, using it in benefit of the integration between the various societies.

Although many museum curators and professionals of the related areas are questioning and analysing the social potential of museums, the Brazilian museums, with very few exceptions, have not been accompanying the theoretical discussions which were happening in several countries, under the auspices of the International Council of Museums. Up to now, Brazil has not fostered a national museum policy and consequently the Brazilian Educational System, which has already its own deficiencies, does not include the museum into its curricular plan, considering the same as an extra-classes activity, sporadic and touristic. Due to this fact, the Brazilian museums are not integrated into the educational process and thus do not perform their social function. They only preserve the collections without the perspective of using them scientifically as a part of the social dynamics and in function of society's real interest.

Ascertaining these facts and the theory that the museum and education are realities, which cannot remain apart, justify the strengthening of the Historical Museums, so they may be alive and active presence within Brazilian society.

However, to accomplish this integration it is necessary that the museums with historical contents be revised and their objectives reformulated, in the light of the concepts and methodology of historical science, narrowly correlated with the universities' resources for absorption of scientific research, working techniques and theoretical bases.

In view of all these interconnected factors, a new form of performance is proposed for the museums of History, taking as a practical example the community of Saubara, the present-day district of Santo Amaro, in the State of Bahia, Brazil.

SUMÁRIO

## SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u> : CONCEITOS E FONTES	<u>PAG.</u> 12
--	-------------------

### PARTE 1

Os MUSEUS DOS ANOS 80

<u>CAP. I</u> - <u>TIPOLOGIA DOS MUSEUS</u>	25
1.1 - A RELAÇÃO COM O ESPAÇO FÍSICO	26
1.2 - UMA TENTATIVA DE CLASSIFICAÇÃO	37
1.3 - COMO SE COMPORTAM OS MUSEUS EM DIVERSAS PARTES DO MUNDO	48
<u>CAP. II</u> - <u>MUSEUS E INTERDICPLINARIDADE</u>	57
<u>CAP. III</u> - <u>ASPECTOS DA CIÊNCIA MUSEOLÓGICA</u>	
3.1 - COMO SE DÁ A RELAÇÃO PÚBLICO E OBJETO	63
3.2 - O OBJETO E O MUSEU	68

### PARTE 2

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DOS MUSEUS PARA O PROCESSO EDUCATIVO NAS SOCIEDADES EM DESENVOLVIMENTO.	74
--	----

### PARTE 3

ESTUDO DO CASO

<u>CAP. I</u> - <u>AS NOVAS FUNÇÕES DO MUSEU DE CONTEÚDO HISTÓRICO</u>	82
<u>CAP. II</u> - <u>O USO DOS DOCUMENTOS DA FAZENDA DE SAUBARA: 1650-1792</u>	92

<u>CONCLUSÃO</u>	108
------------------	-----

<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	112
-----------------------------------	-----

<u>ANEXOS</u>	116
---------------	-----

INTRODUÇÃO

CONCEITOS E FONTES

## INTRODUÇÃO

### CONCEITOS E FONTES

Este estudo sobre uma perspectiva histórica e sociológica dos Museus na sociedade contemporânea, usando como exemplo prático os documentos referentes à Fazenda de Saubara nos séculos XVII e XVIII (atual distrito de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano) não pretende ser nada além do que aquilo a que inicialmente se propôs, isto é, uma dissertação de mestrado. Isto que dizer que a intenção é realizar um exercício de raciocínio lógico, de forma sistematizada, clara e concisa, o qual identifique as interrogações e posições, até o presente definidas, que a autora tenha desenvolvido sobre o tema.

A finalidade é demonstrar de que maneira a História pode e deve ser vista pela ciência museológica, ao tempo em que se situa o Museu - elemento indispensável à infra-estrutura educacional - no seu contexto histórico atual, tempo de complexas e rápidas mutações nos mais diversos campos de conhecimento humano levando o homem a se modificar, rever informações, conceitos, práticas, na rapidez de segundos.

De há muito se tem falado no binômio Museu x Educação, entretanto a prática não tem correspondido à farta produção teórica sobre o tema.

Em 1681, o Governo francês ampliou o Louvre em sete salas destinadas a artistas e estudantes; em 1759, a Inglaterra abriu ao público o British Museum com funções claramente educativas. Isso mostra que a vinculação dos temas não é assunto novo, mas um longo caminho vem sendo percorrido para que museus e processo educacional se tornem intimamente ligados.

No decorrer do século XIX houve uma tendência em abrir coleções particulares ao público ou ampliar museus existentes, em toda a Europa, para receber maior número de visitantes; entretanto, o fim econômico-político era ainda mais forte do que o social e a educação se resumia a informar fatos, datas e feitos heróicos, no intuito de fortalecer o sistema de poder, rejeitando muitas vezes tudo aquilo que não fosse a cristalização de sua própria cultura.

É por demais conhecida a história do surgimento das coleções particulares, para satisfação pessoal e deleite de seus colecionadores. Luc Benoist consegue resumir de forma objetiva a histó

ria dos museus em seu livro *Musée et Museologie*. (1)

Qualquer que tenha sido sua origem, a coleção supõe uma reserva de riqueza e constitui privilégio da classe dominante. (2) Esta afirmação permite a compreensão da existência de uma percentagem muito maior de museus históricos e artísticos até final do século XIX. Somente pessoas de elevado poder aquisitivo ou instituições como a Igreja e o Estado poderiam formar valiosas coleções cuja finalidade sempre esteve ligada à preservação dos valores e tradições desta mesma classe. Assim, os museus surgiram sob a égide de lugares indiscutivelmente respeitados, admirados e endeusados, preservando por muitos anos, uma imagem elitista, em estreita correlação com o modelo social.

Não se pretende discutir neste estudo, o valor histórico e artístico das obras preservadas nas grandes e admiráveis coleções do passado. Até porque somente naquele contexto poderiam ter sido realizadas e resguardadas.

O que se deseja é discutir, analiticamente, o uso destas coleções no passado e a forma de utilizá-las agora em benefício da sociedade, através do processo educacional.

- Por que será que os museus brasileiros "vão muito mal, obrigado?" (3)

- Por que será que o descaso pelo patrimônio público ainda é uma constante? Há casos e mais casos de acervos preciosos destruídos devido às péssimas condições das reservas técnicas e das salas de exposições, devido a empréstimos irregulares de objetos de valor que nunca deveriam circular livremente em mãos de leigos ou por desvios de peças para outros países ou coleções particulares, devido a arbitrariedades administrativas e porque não citar as falhas técnicas em museologia, as informações erradas e deturpações de mensagem.

---

(1) BENOIST, Luc. *Musées et Museologie*. 2a.Ed.Paris, Presses Universitaires de France, 1971, 127 pp.

(2) Idem, p.12

(3) LEITE, José Roberto Teixeira. Os museus brasileiros vão mal, obrigado. Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, 1973.

Será que é devido à falta de pessoal qualificado para o trabalho nos museus ?

Paradoxal que pareça, estes últimos 30 anos têm sido agraciados com a maior quantidade de cursos de diversos níveis - graduação, especialização e reciclagem - nas áreas de museologia e museografia.

Então o que será que acontece ?

Muitos são os fatores que levam a este terrível estado de descaso para com o patrimônio nacional:

- 1 - a não regulamentação da profissão de museólogo através de legislação pertinente em âmbito federal; não existindo normas oficiais que orientem a atividade do profissional de museologia, que exijam sua presença nas instituições, tornando seu parecer técnico alguma coisa digna de valor; muitas vezes são tomadas decisões à revelia do técnico e nada se pode fazer até que a própria consciência nacional se modifique. Na maioria dos casos, os diretores de museus, por causa da não regulamentação da profissão do museólogo, se encontram no direito de decidir como bem lhe aprouver sobre o acervo em questão. Se um museólogo tem sob sua responsabilidade um determinado acervo, não é a ele que o diretor do museu vai consultar sobre uso, conservação, apresentação, empréstimo ou segurança dos objetos. Por força da não regulamentação da ação do museólogo, o diretor do museu usa de critérios próprios e os museus ficam à mercê do bom senso da sensibilidade de seus dirigentes.
- 2 - a falta de capacidade do poder público em admitir gastos efetivos e permanentes para a manutenção adequada dos museus; em muitos casos falta um planejamento orçamentário destinado especificamente aos museus; paga-se os salários dos funcionários e mais nada. Se o museu programa uma atividade - cursos, palestras, exposições temporárias, shows de música e dança, concertos, entre outras - necessita sair à procura de patrocinadores. A mentalidade existente no poder público ainda é a de que o museu, tendo suas salas de exposição arrumadas, não precisa de mais nada. Resta apenas esperar pelo visi

tante, às custas de parques e minguados recursos para limpeza e vigilância.

- 3 - a pequena incidência de vagas para museólogo nos quadros de funcionários dos museus públicos, em decorrência da falta de compreensão do valor do profissional de museologia.
- 4 - em alguns dos casos verifica-se também a má formação profissional dos museólogos, por força muito mais acentuada das deficiências do sistema educacional que da subutilização de sua capacidade técnica.

Entretanto, todos estes fatores tem uma origem comum, mais profunda, perigosa e alarmante. Decorre do fato, facilmente observável em todos os países, de que a busca de informação tem suplantado em larga escala a busca pela formação do indivíduo como ser humano e como cidadão.

Isto quer dizer que a Educação - processo permanente e contínuo que acompanha o indivíduo permitindo-lhe ser singular em sua individualidade mas integrando-o socialmente através de auxílio mútuo e do companheirismo - não tem logrado atingir seus objetivos. Os sistemas educacionais têm se mostrado divididos em etapas estanques com claro apêlo competitivo e poucas chances de integração para os indivíduos que não correspondam aos padrões e expectativa do grupo social.

Entendemos EDUCAÇÃO como um processo global e contínuo, durante o qual a aquisição de conhecimentos e formação de valores possam levar o indivíduo a se estruturar em tal equilíbrio sistêmico, que ele possa viver com dignidade e alegria em seu próprio meio, questionando-se, adaptando-se ou reformulando-se em função das ações e reações do seu mundo social e interior.

Consideramos que os museus fazem parte deste processo educacional global e pretendemos demonstrar de que maneira se dá a atuação do museu no processo.

A sociedade do século XX tem se caracterizado pelo autoritarismo, pela violência, pela perpetuação de valores anti-éticos e anti-cristãos, pela massificação dos indivíduos, pela não-valorização da vida e do bem estar coletivo.



De um lado estão os países do grupo chamado "desenvolvido", que têm maior poder econômico, maior capacidade armamentista, maiores oportunidades de industrialização desenfreada, maiores índices de informação coletiva em menor espaço de tempo.

De outro lado, os países do grupo "em desenvolvimento", que buscam com sofreguidão atingir rapidamente os estágios dos anteriores, como se os modelos que devessem ser seguidos houvessem atingido os melhores resultados possíveis.

A maioria dos países integrantes dos dois grupos compreende desenvolvimento como queima de etapas para atingir poderio econômico.

O conceito de desenvolvimento que se tem em mente no presente estudo não é o que leva em conta apenas o aspecto econômico, o crescimento em termos quantitativos, o nível do Produto Nacional - Bruto, por exemplo; desenvolvimento é entendido como:

" processo global e multidimensional que leve em conta os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais que atuam nas sociedades, consideradas não como elementos isolados, mas como partes da rede complexa de relações e de forças que caracterizam a situação mundial ". (1)

Sob esta ótica todos os países do mundo são países em desenvolvimento, na busca de um crescimento qualitativo das sociedades, pois todo crescimento só é válido quando contribui para a plena realização dos indivíduos e das comunidades, quando oferece maiores chances de humanização e criatividade, quando promove as relações entre os povos sem lhes exigir a perda da identidade cultural, quando permite a satisfação das condições básicas para sobrevivência e além disso, possibilita condições de educação integral e permanente (FORMAÇÃO + INFORMAÇÃO), enriquecendo e elevando o espírito e o intelecto dos indivíduos.

O estudo da renovação dos museus em um mundo em transformação engloba, pois, tres aspectos básicos:

- o desenvolvimento dos homens e das sociedades;

---

(1) M'BOW, Amadou-Mahtar. Metas para o futuro. In: O correio da UNESCO. Ano 5, no. 5, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas 1977, pp. 6-13.

- a problemática da cultura e da identidade cultural;
- o museu voltado às necessidades de crescimento da comunidade onde está situado;

A análise do processo de relacionamento destes três aspectos será o caminho para atingir a compreensão dos objetivos propostos para este trabalho, que são:

- demonstrar a importância dos museus no processo educacional;
- identificar formas e maneiras de dinamizar o museu de conteúdo histórico, ampliando-o de órgão meramente informativo para elemento de indagação científica e desenvolvimento de pesquisas;
- desenvolver um projeto de exposição e análise dos documentos da Fazenda Saubara, a partir de técnicas museológicas e museográficas dentro de um contexto histórico-sociológico atual.

Estes objetivos foram propostos a partir da observação de que, ainda hoje e em larga escala, a prática museológica tem se mostrado distante da teoria; se é verdade que os museus se tornaram mais acessíveis a um número maior de pessoas, também é verdade que a maioria deles não oferece ao visitante condições de conforto visual, intelectual e físico, deixando de seguir regras básicas da teoria museológica, desrespeitando normas administrativas, ética de aquisições e salvaguarda de objetos.

Sendo este o quadro, como desejar que os museus façam parte da infra-estrutura de apoio à Educação que por sua vez é parte fundamental no desenvolvimento da sociedade ?

Os museus de hoje, em especial aqueles sob influência das diretrizes traçadas pelo Conselho Internacional de Museus e, conseqüentemente pelas normas de conduta da UNESCO, estão propondo uma nova visão museológica para seus acêrvos, o que significa estarem dentro de um contexto histórico e sociológico pertinente ao século XX.

Amadou - Mahtar M'Bow, na Introdução ao Plano a Médio Prazo (1977-1982) da UNESCO, fala sobre a preservação do patrimônio cultural em benefício do homem, da seguinte maneira:

" A reivindicação da identidade cultural não é um apêgo vão

e nostálgico a um passado já superado. Evidentemente está ligado à tradição, a esse registro de experiências acumuladas por uma coletividade ao longo da história. Mas seu sentido real está em converter o passado num fermento para o futuro.

Assim, a preservação do patrimônio cultural nos seus mais diversos aspectos - seja a dos monumentos e cidades, que devem ser protegidos contra os danos causados pelo tempo, pela poluição ou ação humana, seja a das línguas, das tradições orais, das artes do espetáculo e da música, cuja vitalidade deve ser assegurada, é simultânea e indissolúvelmente, uma tentativa de fortalecimento da identidade cultural, a condição para tornar uma cultura aberta a todas as demais e fonte de riqueza para a humanidade." (1)

Os indivíduos são diferentes entre si por um direito natural e para alcançarem seu pleno desenvolvimento individual e social necessitam, não de uma uniformidade, de um número de série, mas de um sistema educativo com concepção democrática, ou seja, resguardar o individualismo, a variedade, a diferenciação orgânica e promover o equilíbrio entre estes.

Fazendo parte deste processo de unir equilibradamente as diferenças entre indivíduos e sociedades estão os novos museus ou os antigos museus que adquiriram mentalidade nova.

Especialmente nos países em desenvolvimento econômico, os ditos de Terceiro Mundo, os museus têm procurado uma organização tendo em vista as condições de vida e as necessidades sociais atuais de suas comunidades.

É compreensível que nestes países, os museus científicos e tecnológicos sejam a palavra chave e possuam uma função didática - muito importante. Faz parte da busca pela identidade cultural, na tentativa de abordar o futuro de maneira própria, livres do colonialismo e das formas de alienação a que por tanto tempo se submeteram.

Entretanto, museus de conteúdo histórico, que representam a maior percentagem dos museus do mundo, podem e devem procurar novas maneiras de usar seus acervos, explorando a capacidade de descoberta pessoal, a atividade criativa, a indagação.

Neste sentido, os museus que conseguem superar entraves di

---

(1) M'BOW, op.cit.p.10

diversos e agir em função dos indivíduos, preservando objetos de comprovado valor histórico, artístico, científico e educando para o presente e o futuro, estão se integrando no conceito anteriormente formulado para Educação.

O estudo científico, o desenvolvimento das tecnologias, a divulgação das pesquisas em todas as áreas do conhecimento humano, devem ser patrimônio mundial em benefício de uma ordem social mais justa, equitativa e solidária.

É a partir destas conceituações iniciais que se fundamenta este estudo, o qual busca analisar o papel dos museus na sociedade contemporânea, em função do desenvolvimento social.

Não se pretende relatar aqui a história da evolução dos museus ou mesmo dos sistemas educacionais através dos séculos.

O trabalho foi dividido em três partes, onde:

a primeira parte é dedicada à descrição dos diversos tipos de museus existentes até 1982, a constituição de seus acervos, suas funções básicas, os museus de específicas regiões do mundo e, em especial, os museus brasileiros;

a segunda parte analisa as perspectivas da instituição Museu na sociedade atual, identificando sua importância social e econômica no processo educativo;

a terceira parte analisa as novas funções dos museus históricos regionais e apresenta um projeto de exposição de conteúdo histórico, utilizando documentação referente à Fazenda Saubara, no período de 1650 a 1792, que procura refletir na prática o uso dos conceitos definidos no decorrer do estudo.

## FONTES

Além da bibliografia existente sobre os temas estudados, foram utilizadas outras fontes disponíveis.

De uso comum para as três partes do trabalho foram os jornais do Rio de Janeiro (Jornal do Brasil e O Globo), São Paulo (O Estado de São Paulo) e Salvador (A Tarde, Tribuna da Bahia, Jornal da Bahia), abrangendo o período de 1970 a 1982; os catálogos descriptivos de museus de vários países; textos avulsos, mimeografados, destinados às salas de exposição dos museus; documentos produzidos durante os Congressos Nacionais de Museologia, os Encontros de Dirigentes e Técnicos de Museus, a Iª Conferência Geral dos Museus Brasileiros; boletins do Conselho Internacional de Museus; Museum News, periódico da Associação Americana de Museus.

Para a Iª Parte foram de grande valia os documentos produzidos durante as Conferências Gerais da Unesco, o Plano a Médio Prazo (1977 - 1982) da Unesco, o periódico O Correio da Unesco, números referentes ao período 1970 - 1981.

Foram realizadas entrevistas pessoais com Diretores de Museus (17), técnicos (43), visitantes leigos (48) e visitantes especializados (29) nas instalações de cinquenta e quatro (54) museus brasileiros.

Em visitas de estudo a 27 museus, no Brasil, observou-se especificamente, a montagem das exposições, os trabalhos de pesquisa e a relação do público com o museu.

Na IIª Parte foi realizada uma análise exaustiva na documentação do Ministério de Educação e Cultura, referente às Leis de Diretrizes e Bases para o Sistema Educacional Brasileiro, nos três graus.

Foram entrevistados 18 diretores de escolas públicas, em Salvador (Bahia), Barra Mansa e Niterói (Rio de Janeiro), Santos Dumont, Ouro Preto e Mariana (Minas Gerais), bem como 13 professoras destes municípios, com a finalidade de traçar um perfil da escola pública brasileira, com relação ao uso do museu.

Finalmente, para a IIIª Parte, utilizou-se a documentação manuscrita existente no Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, referente ao período em que a Fazenda de Saubara foi propriedade da referida Santa Casa. São registros de testamentos, admissão de feitores, contratos de rendeiros, inventários de patrimônio, decisões de irmãos quanto ao regimento para feitores, contratos de mão-de-obra para consertos e reformas da Capela de Bom Jesus dos Pobres.

Os manuscritos estão encadernados, alguns com livros-cópias, nem sempre em boas condições:

- Livro do Tombo nº 40 (2 volumes) - 1629 - 1635 e 1652 - 1685, onde constam o testamento original do Padre Francisco de Araujo, o caderno de aplicação do testamento e o nº de ornamentos da capela.
- Cópia do Livro 3º de Tombo, nº 42 - 1685 - 1849, com cópias de certidão e petição de verba do testamento do Padre Francisco de Araujo.
- Livro dos Acórdãos nº 13, nº 14, nº 15 e nº 16 - que descreve os acordos entre rendeiros da Fazenda e a Santa Casa e os acertos sobre serviços vários.
- Livro do Inventário da Fazenda Saubara - nº 213 B - Só contém 42 folhas escritas, embora conste as datas limite - 1714 - 1760.
- Livro de Conta dos Patrimônios e Rendimentos que administra a Santa Casa, calculada no ano de 1754, pelo ex-escrivão Simão Gomes Monteiro. - nº 210.
- Livro das Instituições - nº 211 - 1623 - 1773 - É um mapa e resumo de todas as instituições da Casa, mas que só consta o período de 1773.
- Livro de Assentamentos dos Rendeiros de Saubara nº 818 E 3 - Conta o ano de 1792.

Também nesta parte, foram entrevistados moradores da região, com o objetivo de sentir o quanto eles sabiam da história do município de Santo Amaro e do distrito de Saubara, buscando avaliar o grau de conhecimento, o interesse pelos bens culturais, a compreensão do que é um museu.

Ao lado destes, houve entrevistas com ex-proprietários de terras em Saubara, especificamente os da família de Manuel Astério

Pimentel, que detinha até a década de 20 deste século, a maior quantidade de terras, incluindo a capela deixada pelo Padre Francisco de Araujo.

Muito contribuíram para a compreensão global deste estudo, as visitas a museus estrangeiros, realizadas pela autora, em setembro de 1979 (Estados Unidos) e agosto de 1980 (Países Europeus).

P A R T E 1

OS MUSEUS DOS ANOS 80



CAPÍTULO I

TIPOLOGIA DOS MUSEUS

# CAPÍTULO I

## TIPOLOGIA DOS MUSEUS

A cultura, no seu sentido mais amplo, é a reunião das atividades criadoras de uma sociedade, suas formas de organização, suas crenças e costumes, seus métodos de produção e aquisição dos bens materiais, seu lazer, seus ideais, suas conquistas sociais, artísticas, econômicas, históricas, políticas.

Por seu turno, todos os museus preservam e apresentam aspectos culturais de determinado povo, em dada época, na medida em que guardam testemunhos da história e da produção das atividades humanas.

Dessa maneira, de uma forma mais abrangente, todos os museus são históricos pois que estão sempre a demonstrar os testemunhos - de tempos anteriores, e ainda quando fazem projeções para o futuro, estão trabalhando dentro de uma consciência histórica que projeta e analisa a participação do homem no processo de evolução social.

Mesmo os museus de arte contemporânea que buscam a apresentação do potencial criativo de uma ou várias pessoas, tem que refletir sobre o tempo histórico em que aquelas pessoas estão vivendo, da mesma forma em que analisa o tempo emocional, social, psicológico, no intuito de entender as razões das obras criadas.

A par desta noção de historicidade inerente ao conceito de MUSEU, verifica-se que há inúmeras variedades de museus, tanto a partir do seu posicionamento físico quanto das coleções que possui para guarda e exposição.

O Conselho Internacional de Museus define Museu, em seus Estatutos, Parágrafo II, artigos 3º. e 4º :

" O ICOM reconhece a qualidade de museu a qualquer instituição permanente que conserve e apresente coleções de caráter cultural ou científico, para fins de estudo, educação e satisfação.

Consideram-se nesta definição:

- a) as galerias permanentes de exposição, dependentes de bibliotecas ou de centros de documentação ;
- b) os monumentos históricos, as partes de monumentos históricos ou suas dependências, assim como os tesouros de

Igrejas, os locais históricos, arqueológicos e naturais, desde que abertos oficialmente à visitação pública ;

c) os jardins botânicos e zoológicos, aquários e vivários e outras instituições que apresentem espécimes vivos;

d) os parques naturais. "

Analisando cuidadosamente a definição anterior percebe - se que um museu não está necessariamente limitado pelo prédio que ocupa, podendo ocorrer casos em que um museu está situado ao ar livre fazendo parte de um ecossistema de preservação do patrimônio cultural e natural de um país ou região. Assim, são museus que não se limitam dentro de uma única construção civil, militar ou religiosa, enquanto outros são museus estabelecidos dentro de prédios ( monumentos históricos, sedes construídas especialmente, imóveis alugados ou emprestados ).

A partir desta observação, foi possível encontrar duas classificações de caráter mais amplo e geral para melhor identificar os tipos de museus existentes nas mais diversas partes do mundo na década de 80.

## 1.1 - A RELAÇÃO COM O ESPAÇO FÍSICO

### 1.1.1 - MUSEUS AO AR LIVRE

Conhecidos como museus ao ar livre ou ecomuseus ( " open-air museum ", " musée de plein air ") estas instituições museológicas, têm um caráter muito recente e sua nomenclatura tem a ver com o tipo de mensagem e de acervo que apresentam. A definição de museus ao ar livre adotada em 1957 pelo Conselho Internacional de Museus, referia-se a uma coleção de objetos históricos que incluía exemplos de arquitetura pré-industrial de estilo popular (moradias urbanas e rurais, armazens e material de construção da era pré-industrial), mansões, igrejas e prédios históricos da era industrial, permanentemente aberta ao público.

Analisando as coleções representativas da arquitetura tradi

cional, própria ao ambiente rural, os objetos de uso agrícola feitos pelo homem e outros equipamentos correlatos, os estudiosos de museologia foram desenvolvendo um conceito mais abrangente até que chegaram à categoria ecomuseu ou museu do meio ambiente.

Meio ambiente é um conceito amplo, de significado complexo, mas poderia ser resumido no conjunto de condições naturais (biológicas, energéticas, físicas, espaciais) em íntima conexão com as concretas ambientações feitas pelo homem. Significa que, meio ambiente natural e meio ambiente humano se interpenetram tornando-se difícil distinguir as marcas limítrofes entre a atuação de um ou de outro.

Por isso, esse tipo de museu tem um caráter interdisciplinar marcante e evidente aproximação com a ecologia.

O nome ecomuseu é criação recente, mas a idéia já existia em vários lugares, fruto dos museus etnológicos que, respeitando na medida do possível, o sítio onde os objetos foram encontrados, desenvolviam -se ao ar livre.

Os primeiros museus deste tipo surgiram nos países escandinavos, através das coleções representativas do folclore regional. Inicialmente tiveram o objetivo de preservar exemplos significativos da vida rural e o Nordiska Museum em Estocolmo, criado em 1872, foi o primeiro deles. Outros se seguiram, como o Skansen, também em Estocolmo, fundado em 1891. Durante os primeiros 50 anos do Século XX, Dinamarca, Noruega, Finlândia e Suécia, foram os detentores da maior quantidade de museus ao ar-livre, mostrando construções e objetos artesanais típicos de zonas rurais.

Só muito mais tarde outros países europeus se engajaram na idéia, e o que foi, a princípio, iniciativa individual ou de determinados grupos particulares, passou a ser de responsabilidade do Estado.

É possível distinguir características específicas nos ecomuseus:

- são coleções de várias construções;
- elas representam um período histórico imediatamente anterior a era industrial;
- os edifícios estão permanentemente em exposição pública, a partir de um programa regular de apresentação;
- os edifícios podem ser de arquitetura rural ou urbana, mas

- devem ter um sítio histórico determinado ;
- todo o programa de exposição tem um objetivo francamente educativo. <sup>(1)</sup>

Estas características não foram previamente estabelecidas quando da criação dos principais ecomuseus hoje existentes. Muitos deles nasceram e cresceram espontaneamente, sem consciência - prévia da importância de estarem integrados ao meio ambiente. Eles tiveram início procurando reconstituir uma determinada região, seus aspectos folclóricos e tecnológicos, utilizando paralelamente objetos reais e modelos indicativos das técnicas agrícolas e construtivas, tentando demonstrar os hábitos e costumes do dia a dia, tais como: higiene, alimentação, indumentária, ornatos e artefatos. Eram basicamente museus de folclore.

Entretanto, à partir de uma nova filosofia sobre o papel do Museu na sociedade, os museus de ar livre passaram a investir na associação entre meio ambiente natural, humano e urbano, considerando cada vez com maior ênfase, o objetivo educacional e a mensagem social que se poderia levar ao visitante.

Como excepcional exemplo disto, citamos o Museu Nacional do Niger, que procura mostrar didaticamente a diversidade regional da República do Niger. Em uma área que totaliza 1.200.000 quilômetros quadrados, o Museu Nacional, em Niamey, reúne quatro atividades diferentes, mas de estreita relação entre si: zoologia, etnografia, lazer e centro de ação educativa e social. É um grande espaço, bem utilizado, visando completar e ampliar o ensino básico oferecido pelas escolas.

Apesar de serem construídas habitações de todos os tipos existentes no país; existem artesões - ferreiros, tecelões, sapateiros, escultores, marroquineiros, ceramistas, ourives - oriundos das diversas tribos (yeruras e tuaregues, songhays e haussas, berberes e peules) que são o "documento vivo", pois demonstram através de seus trabalhos feitos com técnicas tradicionais todo um passado cultural que merece ser lembrado.

---

(1) ANGOTTI, Thomas. Planning the open-air museum and teaching urban history ; the United States in the world context. In: MUSEUM, vol. XXXIV, no.2. Paris UNESCO, 1982 - pp.179-188 .

Há ainda exposições e cursos de culinária, costura, higiene, pesca, plantio, criatório de animais domésticos, shows musicais, " contadores de histórias e lendas ", de forma que o visitante estrangeiro adquiere uma noção completa da nação do Níger e os próprios habitantes do país têm oportunidade de conhecer seu patrimônio cultural global sem fazer longas e difíceis viagens.

Pablo Toucet, conservador do Museu que ele mesmo concebeu e organizou, explica a ação do centro educativo onde:

" Cerca de 300 meninos e meninas frequentam regularmente os cursos do centro educativo do Museu Nacional do Níger. Terminando o ciclo de estudos na escola primária oficial, esses jovens se vêem impossibilitados de integrar a vida ativa do país e vão engrossar as fileiras dos desocupados, esquecem os conhecimentos adquiridos e se constituem em grave problema nacional.

Portanto, não se tratava de criar no museu, uma escola do mesmo tipo das do Estado. Nosso propósito era e é principalmente impedir que os jovens esqueçam o que aprenderam ; para isso fazem cursos de revisão de língua e de matemática e ao mesmo tempo recebem uma formação mais ampla que lhes permite servirem-se das mãos para trabalhos práticos - que encontram aplicação imediata na vida diária ". (1)

Continuando, ele mostra também que os deficientes foram alvo de preocupação quando a partir de

" ... outubro de 1971, o Museu Nacional lançou com seus próprios recursos um movimento em prol dos cegos e dos paraplégicos. O objetivo era fazer desses inválidos, em sua maioria lançados à mendicância, homens capazes de ganhar a vida trabalhando. Para tanto era preciso em primeiro lugar atender as suas necessidades de alimentação, vestuário e transporte. Depois era preciso submetê-los a uma série de exercícios físicos a fim de que adquirissem certa habilidade manual.

Esses inválidos estão agora instalados em um pavilhão especialmente construído para eles. O ensino é dado por dois jovens saídos de nossa escola de formação artesanal. Cada cego trabalha ao lado de um paraplégico, associação que tem dado bons resultados". (2)

(1) TOUCET, Pablo. Um museu original, a céu aberto. In: O Correio da UNESCO, Ano 3. no. 4. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975 pp.32-35.

(2) Idem, p.35

Este ecomuseu está preocupado com o meio ambiente e com a maneira de orientar a população quanto ao uso adequado do mesmo , através da preservação de costumes, tradição, folclore, técnica e da análise deste modo-de-vida do passado correlacionando-o com o presente, com a vida atual daquela população.

Os ecomuseus, fazendo parte de uma nova filosofia sobre a atuação dos museus na sociedade contemporânea, têm sido muito apreciados pelos países africanos, orientais e latino-americanos, devido à possibilidade de se tornarem instrumentos da unidade nacional ou regional, auxiliando decisivamente no processo educativo, tanto de pessoas instruídas quanto de analfabetas.

O que eles pretendem é não permitir a perda do "senso do passado". Esta expressão tem sido levantada pela UNESCO e quer traduzir um anseio pela formação de raízes no solo dos valores duradouros da vida, em busca do amadurecimento pleno do homem e da solidariedade. Mas, apesar de tudo, estes museus se vêm às voltas com o problema de encontrar meios de preservar a herança cultural sem paralisar o crescimento, sem reduzir ou atrofiar processos criativos, através de algum tipo de mensagem mal programada e, conseqüentemente, mal interpretada.

Na formação de um ecomuseu a tendência é solicitar grande colaboração por parte da população local, congregando elementos de diversas idades e níveis, a fim de que cada pessoa, tendo uma habilidade específica, possa contribuir na organização do museu e posteriormente na manutenção, quer seja executando tarefas, fiscalizando, exercendo funções recicláveis de chefia, administração, pesquisa, divulgação.

Uma outra experiência marcante, embora diferente do Museu Nacional do Níger é a do Ecomuseu da Comunidade Urbana de Creusot Montceau-les-Mines, França.

Neste caso foi procurada uma forma de conciliação entre os valores tradicionais e o contínuo e rápido crescimento industrial.

Toda uma diversificada população foi motivada a se unir em prol da criação de um museu do homem e da indústria, cujos objetivos foram:

- criar uma exposição permanente sobre a história do território, da comunidade urbana, primeiro passo para garantir o

apoio das autoridades administrativas, nacionais e locais;  
 - inserir o ecomuseu no contexto econômico, social e humano das 16 comunidades participantes.

Houve um grande movimento coletivo que se desenvolveu desde a procura de objetos para formar o acervo até a tomada de depoimentos, confecções de audio-visuais e preparação documental "do todo" adquirido. Um grupo de trabalho reuniu especialistas e habitantes especialmente competentes e motivados que elaborou os planos de exposição e a lista de objetos necessários à mesma; outro grupo foi responsável pelo entrosamento do museu com a comunidade através de reuniões temáticas para criar um interesse comum (a cidade, o bairro, a agricultura, a pesca, a vinha, a cerâmica, a escola, a ecologia).

Assim, com um interesse cada vez maior da população, a exposição foi sendo produzida não apenas pelo pessoal do Museu de Creusot mas por inúmeras pessoas que participaram de uma ou mais fases da realização do projeto, segundo as possibilidades, os conhecimentos e o tempo disponível. Foram agrupados objetos de artes e tradições populares, retratando a vida da região no período entre o século XIX e início do século XX, apresentados lado a lado com pessoas demonstrando habilidades manuais tais como tecelões, ceramistas e antigos funcionários do corpo de bombeiros local.

Nas palavras de Yudhishtir Raj. Isar, em seu artigo sobre patrimônio industrial e sociedade contemporânea, tem-se que:

"O Ecomuseu de Creusot é, ele mesmo, um exemplo notável de aproximação interdisciplinar que pode ser adotado no resguardo de tal patrimônio. Com sua forma muito original de apresentação e interpretação do passado industrial da cidade e do país, que se insere bem no projeto de um museu sobre a realidade tangível e viva de 16 localidades, constituindo esta "comunidade urbana", ele é um ponto de reencontro dos mais propícios, para uma reflexão construtiva". (1)

Nestes dois exemplos citados observa-se o enorme potencial aglutinador de culturas diversas que o ecomuseu possui e o quanto se pode explorar este potencial em benefício da comunidade.

---

(1) ISAR, Yudhishtir Raj., Patrimônio Industrial e Sociedade Contemporânea. In: MUSEUM, vol. XXXIX, nº 4 Paris, UNESCO, 1977 pp 240-242



Retomando o ponto inicial, percebe-se que os museus ao ar livre eram, em seus primórdios, apenas coleções etnográficas, criadas a partir da necessidade de preservação de um sítio histórico. Mas, em muito pouco tempo, ampliou - se o conceito de museus ao ar livre para ecomuseu, dando margem à preservação inclusive do patrimônio industrial de determinadas comunidades.

O apêlo em favor da preservação tornou-se uma ampla cruzada, que procura abranger paisagens (Museu da Charneca, na Noruega) sítios (Museus da Hungria , Museu de Marquês, em Sabres, Cidades Museu de Ouro Preto e Olinda, no Brasil), construções industriais e equipamentos que fazem parte delas com a finalidade de levar o público visitante a compreender seu lugar no processo industrial , as relações sócio-econômicas em questão, a participação individual e coletiva, enfim, todo o processo de transformação social da comunidade.

Há sempre uma tentativa de preservar os locais e objetos, em seu estado natural, mas quando necessário não há escrúpulos em reconstruir habitações ou promover reconstituições de ambientes.

Tal foi o caso do Ndebele Kraal MUSEUM, que se situa n o Transval Central, na África Austral.

Sentiu-se a necessidade de reconstruir a História dos ... Ndebeles através de sua arquitetura pois não havia qualquer documentação que compusesse o quadro evolutivo daquele povo e a identidade cultural estava seriamente prejudicada. Buscou-se a cooperação de um ancião Ndebele, de 96 anos, que orientou grupos de jovens na reprodução de vários tipos de casas que ele havia conhecido e assim recriou-se uma arquitetura artesanal.

Os recursos da História Oral foram aqui utilizados e das entrevistas com a população idosa foram surgindo idéias e esclarecimentos que contribuíram para a formação de um museu vivo, dinâmico, onde se pode conhecer hoje, a história de um povo antes desmemoriado.

Muitas tradições na área de produção de cestaria e cerâmica foram retomadas e hoje são utilizadas para sobrevivência de muitas famílias que vendem seus produtos artesanais.

Através da observação de vários tipos de palhoças, algumas hipóteses sobre a descendência dos Ndebeles foram levantadas. Con

forme John Deacon<sup>(1)</sup> fizeram comparações de estilos e técnicas construtivas e detectaram a possibilidade de a nação Ndebele ser um ramo de um povo de língua Nguni; há ainda influência oriental e utilização de materiais sugeridos pela civilização ocidental.

Todos os costumes ligados à indumentária, ornatos, culinária, arte, cerimônias sociais e religiosas foram reavivados e fazem parte do dia-à-dia do Museu.

A comunidade e seu museu têm hoje excelente grau de integração e o grande mérito da iniciativa foi haver reconduzido a nação para a preservação consciente de seus valores, utilizando - os como amálgama para o fortalecimento da unidade nacional.

Analisando todos estes exemplos é possível distinguir o ECOMUSEU dentre os demais tipos de museu, como sendo o "avant-guard", a tônica do momento na área da museologia. Não se trata de uma questão de valores sobre que tipo de museu é melhor ou mais importante. Trata-se de admitir que uma nova filosofia ganha força nos meios museológicos e a cada dia os conceitos são revistos e o uso dos museus pela comunidade tem sido melhor pensado.

O ecomuseu dá margem a uma série de eventos paralelos, a uma constante renovação de idéias, pela própria peculiaridade de estar em estreita relação com a ecologia e com o meio ambiente natural e humano.

Um grande número de museólogos, fora do Brasil, está se dedicando a estudar os efeitos que os ecomuseus tem produzido em suas comunidades, buscando absorver seu raio de influência e suas possibilidades de levar o grupo social a que pertencem a se auto-analisar e se modificar de acordo com as conveniências do grupo.

É uma nova forma de pensar comunitariamente, o que nos leva a crer na chance de o museu, como instituição, poder desempenhar um esplêndido papel de renovador cultural, na medida em que puder ser uma conquista da comunidade e em benefício dela mesma.

Por que será que o ecomuseu parece demonstrar ter mais chances de desempenhar este papel ?

Em primeiro lugar é necessário retomar alguns pontos, para uma análise mais detalhada.

---

(1) DEACON, John - O museu vivo de Ndebele. In: Panorama, no.69, África do Sul, Buchler & Cia.S.A., 1983. pp. 6-7

É sintomático que os países africanos, asiáticos e especialmente os que obtiveram sua independência recentemente, tenham preferido investir em museus deste tipo. Significa que a filosofia de trabalho e de uso destes museus está mais próxima dos seus anseios de promover a preservação da identidade cultural, do que os museus ditos tradicionais.

O fato de o ecomuseu tratar do tema sociedade pré-industrial, ou seja, procurar estabelecer os pontos de contato entre a arquitetura e a vida de uma comunidade na fase de transição para uma época industrial, em seus primórdios, leva as pessoas a se integrarem, a se questionarem sobre de que forma está evoluindo aquela sociedade e este é um dado novo em museologia.

Até então, os museus eram estimuladores do pensamento admirador e raras vezes, do pensamento criativo.

Com o desenvolvimento do conceito Ecomuseu, surge aos poucos um novo museu com características integradoras, mas também possibilitando o raciocínio criador, a indagação, o "por que é assim, por que não foi assim?", permitindo a compreensão mais fluída, o aproveitamento mais amplo por parte de toda a população e não apenas por aquele grupo de iniciados, de cultos, que sempre tiveram o privilégio de apreciar museus.

Ecomuseu é, literalmente, um museu aberto ao público, seja porque o público auxiliou na organização e montagem, seja porque participa de todos os seus eventos.

### 1.1.2 - MUSEUS EM AMBIENTES FECHADOS

A grande maioria dos museus, nas diversas partes do mundo, funciona em uma sede, uma construção pré-determinada para abrigar uma coleção.

As sedes podem variar sob diversos aspectos: edifícios grandes ou pequenos, tombados pelo Patrimônio Histórico ou Artístico ou não, casas particulares ou de propriedade do Estado, entre muitas outras formas.

Qualquer que seja o tipo de sede de um museu ela deve ser

sempre PRÓPRIA, isto é, ser um local previamente destinado àquele museu, em caráter permanente. Isto porque o museu necessita levar ao público uma imagem sua, com características definidas. Da mesma forma que um indivíduo é reconhecido, identificado através de um corpo físico, também o museu deve ser reconhecido pelo público por meio de sua construção, seu partido arquitetônico.

A primeira fase de identificação com o público se dá, pela reação deste, ao contato com o corpo físico do museu e então - pode-se estabelecer um namoro ou uma rejeição.

Existem inúmeras razões pelas quais um museu deve ser instalado em sede própria. A principal delas é pela necessidade em formar, de imediato, uma imagem pública de fácil reconhecimento.

Que estudante brasileiro, já tendo cursado a 6a. série do 1º. grau, não reconheceria o Museu Imperial de Petrópolis, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista ou o Museu Histórico Nacional?

Outras razões também devem ser colocadas.

Se um museu não possui sede própria, isto é, local permanentemente definido para seu uso, necessita estar em contínuas-mudanças tão logo termine o prazo de ocupação do imóvel ou então seja estabelecido outro uso para o mesmo.

As consequências destas mudanças são desastrosas tanto para a imagem já formada junto ao público quanto para o acervo.

Com relação à imagem e bem especificamente no caso brasileiro, o excesso de mudanças provoca um descrédito e um desinteresse surgindo a noção de que o museu é uma entidade pouco séria, desconsiderada pelos órgãos oficiais.

Com relação ao acervo há forte possibilidade de danos e extravios, ocasionando perdas irreparáveis no patrimônio público.

Caso estas considerações não bastassem, ainda deve ser lembrado que um museu instalado em sede provisória não consegue ter a mesma expressão museológica e museográfica que tem aquele que possui casa própria. As reformas e adaptações necessárias a uma correta mostra tornam-se inexecutáveis e a exposição sofre as sequelas da inadaptação.

Feitas estas observações que dão embasamento à tese da

necessidade de qualquer museu ser instalado, tão logo inicie sua vida pública, em uma sede própria, as questões pertinentes ao local de instalação do museu requerem análise mais detalhada.

Decidida a criação de um determinado museu, seja porque - uma coleção particular vai passar para o domínio público, seja por que o governo ou alguma entidade adquiriu peças de reconhecido valor histórico, artístico ou científico, com finalidade museológica, surge uma questão básica:

— onde será instalado o museu ?

Para responder a esta pergunta há uma quantidade ilimitada de questões que devem ser motivo de profunda reflexão:

- é necessário definir a área de atuação (história, arte ou ciência) e a esfera temática ( história do país, do estado, antropologia, política, arte popular, arte decorativa, ciência e indústria, biologia, etc.) para se conhecer o tipo de enfoque a ser dado aos objetos;
- verificar a que tipo de público se pretende atingir em curto, médio e longo prazo;
- procurar descobrir o local, o espaço, físico adequado se for o caso de construção do prédio, analisando as condições de acesso, de estacionamento, de transporte coletivo, as áreas de lazer e jardins, as condições climáticas a fim de avaliar a influência que elas exercerão sobre o acervo;
- verificar, no caso de já existir o imóvel, se há possibilidade de reformas suficientes para adaptação do acervo ao espaço pretendido; se o imóvel fôr tombado mais cuidado será necessário, porque nem sempre a reforma pretendida pode ser executada, por se tratar de construção representativa de uma época, com partido arquitetônico e decoração característicos;
- tentar compatibilizar coleção e prédio, caso este já exista; isto significa que não se concebe um museu de arte contemporânea instalado em um prédio seiscentista, pois dificultaria a compreensão de ambos os "documentos" (prédio e coleção) ou ainda um acervo de biologia com es

pêcimens vivos em um prédio barroco, primorosamente decorado com talhas e douramento.

É melhor existir um prédio tombado, sem coleções em seu interior, a existir um acervo que esteja em contraste visível com a arquitetura e a decoração do imóvel.

A integridade do acervo deve ser mantida a nível de mensagem a ser dada ao público e nas questões de segurança.

- verificar as dotações orçamentárias que serão necessárias à manutenção do museu naquele local escolhido; isto porque não se deve pensar em criar um espaço de uso público se os custos de manutenção posterior, em função do local, forem previstos tão elevados que se tornarão inviáveis, provocando conseqüentemente o fechamento do museu ou o mau uso da instituição.

Somente após a análise destas questões básicas e de outras que, por razões de detalhamento do projeto serão postas em discussão, é que será possível decidir o local do museu, considerando sobretudo a idéia de que um museu é tão importante para o bem estar cultural dos indivíduos na mesma medida em que um hospital se faz necessário ao bem estar físico da comunidade.

## 1.2 - UMA TENTATIVA DE CLASSIFICAÇÃO

Não é tarefa simples encontrar uma classificação para os diversos museus existentes, ainda que os mesmos sejam caracterizados, principalmente, pelos tipos de objetos de suas coleções.

Segundo Ellis Burcaw,<sup>(1)</sup> a principal divisão é feita entre museus de arte e todos os outros tipos, como consequência de uma básica diferença filosófica, que concebe arte como uma produção única, rara, diretamente ligada ao talento humano. Essa produção, chamada "trabalho de arte", é avaliada por sua própria razão de ser e se a criação do artista resulta em um objeto material durável, este se torna um objeto viável para um museu de arte. Quanto a todos os outros tipos de museus, são concebidos com objetos naturais ou produzidos em quantidade, de caráter comum e usual, mas que

(1) BURCAW, G.Ellis. Introduction to Museum Work. Nashville, American Association for State and Local History. Tennessee. 1975. 202 pp.

são valorizados como exemplos típicos do mundo natural ou de culturas humanas. Nesse grupo de museus a divisão existe entre aqueles cujas coleções são testemunhos da história humana e as coleções de espécimens naturais que demonstram o mundo da natureza.

Conduzindo o raciocínio neste sentido, Burcaw chegou a uma classificação didática e compreensível que é :

museus de arte, de história e de ciência.

Entretanto, há inúmeras subdivisões entre estas e há casos em que um museu pode se enquadrar perfeitamente em duas categorias ao mesmo tempo, como por exemplo, o Museu de História e Tecnologia da Smithsonian Institution, em Washington. Apresenta com excepcional qualidade a evolução da sociedade americana, tanto nos aspectos históricos quanto nas áreas de ciência e indústria, relacionando-as com períodos históricos determinados e então torna-se difícil estabelecer as zonas limítrofes entre ciência e história.

De fato, esta diferenciação por categoria só tem importância pela necessidade de se estabelecer um critério seletivo quando da formação do acervo, tendo em vista o uso que se pretende fazer dele, procurando dar maior relevância a este ou aquele aspecto, sem perder de vista o valor da interdisciplinaridade (assunto que será analisado no capítulo 2); qualquer classificação terá sempre uma exclusiva finalidade normativa e didática, para efeitos estatísticos e mensuráveis.

Como já foi observado, os museus são históricos por princípio, se levarmos em conta que qualquer atitude de preservação diz respeito a algo já existente em um espaço e tempo determinado historicamente.

Mas, guardadas as proporções que a constatação permite, a intenção do estudo é analisar a função do museu hoje, a partir de cada área de atuação.

### 1.2.1 - MUSEUS DE ARTE

São incontáveis as discussões sobre uma definição de ARTE e no próprio ambiente artístico não se obteve ainda, um consenso.

Para efeito de ordem no raciocínio acerca de coleções de arte e a partir da observação lógica do produto artístico, é possível considerar arte como qualquer produto da criação humana que produz sensações e reações estéticas aos olhos, ouvidos, olfato, tato e mente.

Segundo Herbert Read<sup>(1)</sup>, a arte se fundamenta em dois princípios básicos:

forma, derivado do mundo orgânico é o aspecto objetivo universal de todas as obras de arte;

criação, peculiar à mente, que a impulsiona a criar e apreciar a criação de símbolos, fantasias, mitos, que tomam uma existência objetiva universalmente válida somente em virtude do princípio de forma.

A forma é uma função da percepção; a criação, da imaginação. Estas duas atividades mentais esgotam, em seu jogo dialético, todos os aspectos psíquicos da experiência estética e conjugada aos aspectos biológicos e sociais que a arte também possui, levam a uma concepção de vida.

Usando como ponto de partida a criação e a forma, como avaliar o que é viável de se transformar em trabalho de arte com fins museológicos ?

Burcaw<sup>(2)</sup> esclarece que, para os propósitos do museu, há um tipo de atividade ou criação artística que resulta em um objeto ou conjunto de objetos, em suma, uma produção material; outro tipo de criação resulta em eventos ou sequência de eventos, sons, movimentos, sensações que não são materiais e não podem ser repetidos de maneira exatamente igual; são o que se poderia chamar de performances artísticas.

Assim é possível estabelecer uma diferença entre trabalho de arte, algo de importância estética criada pela sensibilidade humana, como sinfonias, peças teatrais e obra de arte, que é um artefato, um objeto, com a mesma função estética.

---

(1) READ, Herbert. Educación por el arte. 2a. ed. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1959, 341 p.

(2) BURCAW, Ellis. Op.cit.



Os trabalhos de arte não são criações artísticas para efeito de coleções de museus de arte; podem fazer parte da documentação de museus de história da dança, história do teatro, museus de imagem e som, através de meios audio-visuais, servindo à apreciação estética em momentos claramente definidos no conjunto de exposições temáticas, temporárias ou permanentes.

As obras de arte, materialmente constituídas, formarão os acêrvos artísticos e também para estas convencionou-se uma classificação baseada na função primeira do objeto.

Quando um objeto é criado com única intenção deliberada de produzir sensações estéticas, suscitando conceitos de beleza, plasticidade e crítica, é considerado como obra de arte e incluído na categoria de Artes Plásticas (ou Artes Maiores ou Belas Artes como querem alguns). Aqui se agrupam diversas manifestações pictóricas, arquiteturais e escultóricas.

Muitos objetos hoje considerados "obra de arte", não foram produzidos sob esta ótica. Sua principal função era utilitária, mas com o decorrer do tempo, a mudança de hábitos, a reorganização social ou algum outro fator que gerou mudança de uso, tais objetos tiveram uma substituição de função, perdendo sua identidade no mundo utilitário e ganhando espaço nos locais destinados à apreciação pública. Tal é o caso das porcelanas, dos cristais, móveis, tapetes, imagens, serviços de jantar e café em metais nobres, entre outros, que devido a seu valor intrínseco, sua raridade, sua beleza, foram preservados. Às coleções assim formadas costuma-se denominar Artes Decorativas.

As funções dos museus de arte estão intimamente ligadas às próprias funções que a arte desempenhou ao longo dos séculos.

Enquanto a arte foi exclusivamente feita para apreciação estética, os museus seguiam o mesmo rumo. À medida em que esta idéia evoluiu, os museus passaram a complementar suas exposições com informações acerca do artista e seu tempo e hoje eles estão procurando promover a educação através da arte.

Sem minimizar o caráter expositivo, a função social dos museus é à grande vertente do século.

Não se concebe um museu onde tudo e todos se voltam para o espetáculo, a grande mostra de obras famosas, as excepcionais cria

ções de Picasso, Van Gogh, Gauguin, Matisse, Henry Moore, Da Vinci, entre muitos outros.

Até os anos 50 do nosso século, os museus de arte eram visitados por "experts", em sua grande maioria, ou turistas de vários níveis que ali só entravam por força da programação de viagem. A mensagem era altamente erudita, não havia nenhuma referência ao artista em seu contexto histórico-social, não havia correlação de uma obra com outras, com escolas e estilos, nem com o século. Bastava a "obra-prima" e os visitantes saíam boquiabertos ou então, absolutamente indiferentes, sem entender nem valorizar o que lhes tinha sido mostrado.

Na segunda metade do século XX os conceitos começaram a ser revistos e a arte apresentada nos museus tornou-se mais compreensível.

Esses novos conceitos surgiram a partir de uma tomada de consciência, com relação ao caráter mesmo da arte, como obra e como trabalho.

A grande consagração dada às artes plásticas foi arrefecendo, no sentido de valorizar, par a par, outros tipos de arte no espaço museológico e os museus de arte abriram suas portas para receberem arte indígena, arte primitiva, arte "popular", manifestações artesanais, enfim todas as expressões de uma cultura popular espontânea.

Outras manifestações artísticas também foram introduzidas nos museus de arte, tais como teatro, dança, literatura. Um exemplo dos mais interessantes é o descrito por Michael Kustov<sup>(1)</sup>, sobre o Instituto de Artes Contemporâneas de Londres, quando decidiu celebrar o cinquentenário da morte de Guilherme Apollinaire, que além de poeta, foi empresário, crítico de arte, profeta de um novo espírito.

A comemoração compreendeu uma exposição documental de fotografias e manuscritos; uma exposição de arte sobre Apollinaire visto pelos artistas que foram seus contemporâneos, reunindo as pinturas e as esculturas que ele defendia; uma seção de obras novas de artistas atuais e que deviam constituir uma homenagem à memória de Apollinaire e por fim uma peça teatral sobre o homem e sua

---

(1) KUSTOV, Michael - Situation et problèmes de certains musées d'art contemporain. In: MUSEUM, vol. XXIV, no. 1. Paris, UNESCO. 1972. pp. 33-57

obra, que foi apresentada todos os dias, enquanto durou a exposição.

O Instituto programou também, durante os anos de 1968 e 1969, uma série regular de conferências tratando de questões intelectuais e sociais, que sem estarem diretamente ligadas às preocupações aparentes daqueles que praticam as artes plásticas, contribuíram para a formação de uma linguagem própria elucidativa das numerosas obras de artistas modernos, assim como organizou palestras sobre linguística e ecologia. O vocabulário conceitual e analítico que se pôde tirar destas disciplinas, sua relação com a semântica das artes plásticas e as implicações mais vastas com a "arte povera" e a arte de sistemas, despertou o interesse de artistas e do público em geral.

Um exemplo mais próximo é o do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro que nos anos 70 promoveu exposição de gravadores - brasileiros, onde os artistas permaneciam junto a seus trabalhos, executando outros e dando um aspecto fundamentalmente didático à mostra.

Estas manifestações novas dentro do espaço museológico sucederam-se em várias partes do mundo, como resultado de um pensar coletivo, através de congressos, seminários e colóquios, entre os anos 1968-1970, sob patrocínio da UNESCO.

Os aspectos mais discutidos diziam respeito à elitização e superficialidade da arte, à ligação direta entre o museu, a arte e a classe dominante.

E o que se desejava ?

Um museu que promovesse reflexões e estimulasse a busca do reencontro com a liberdade e a espontaneidade das experiências pessoais e as transformasse em elementos de um discurso social, dentro de um contexto democrático.

Isto porque, até 1945, a maioria dos museus de arte retinha as idéias do Sec. XIX, conservadoras e elitistas, restringindo seu público a uma pequena faixa da população, considerada "esclarecida" e ainda que, exposições e atividades paralelas tenham sido intensificadas, a estrutura dos museus permanecia inalterada.

Hoje, nos anos 80, os museus de arte assumem outra posição, por razão de um novo enfoque sociológico da arte. Deixa de existir o museu "receptor e receptáculo de valores sacralizados", para ser um centro de onde fluem informações de caráter multidiscipli-

nar, especialmente como em países como o Canadá, Estados Unidos, França, Inglaterra, Holanda.

A preocupação dos museus de arte agora é conduzida para dois aspectos:

- como os museus de arte podem auxiliar a educação e cumprir sua função social, sem perder os componentes mágicos que contribuem para a valorização dos "geniais mestres" do passado ?
- como encarar os movimentos inovadores, a criação artística contemporânea ?

Sempre existiu latente uma correlação entre arte e história, mesmo quando alguns teóricos tentaram criar rígidos limites entre estas duas áreas do conhecimento.

Muitos museus de arte, como o Metropolitan Museum, em Nova York, preservam e exibem testemunhos de antigas civilizações (Grécia, Egito, Pérsia), os quais têm muito mais significação para a História e a Antropologia, do que propriamente para a arte, pois se trata de múmias, armas, moedas, tumbas, indumentária, entre outros.

Em contrapartida, museus de conteúdo histórico, como o Museu Histórico Nacional, colecionam pinturas de autores famosos, esculturas, obras de arte, que ilustram exposições históricas de períodos pré-determinados; são objetos que poderiam compôr, sem distorção, as coleções de arte do Museu Nacional de Belas Artes.

Alcançar o limite entre as duas áreas do conhecimento é quase impossível.

E nesta não limitação se encontra o ponto de apoio para a atuação dos museus de arte junto à educação. Pelo fato de suas coleções apresentarem obras que sensibilizam os padrões estéticos dos visitantes e podem ser vistas não só pelo ângulo artístico, de estilos e criatividade, mas também pelo ponto-de-vista histórico e sociológico, despertando nos indivíduos o senso crítico de análise do todo e das partes, os museus de arte podem criar um interesse - cada vez maior pelo conjunto exposto e pelo que irradia em mensagens bem programadas de caráter globalizante.

Tornando-se centro de emissão, o museu de arte não perde

sua mística, seu caráter excepcional como possuidor de obras raras, mas torná-se centro de efervescência, local de troca de idéias, de questionamento, de despertamento. Não mais uma apreciação exclusiva e até, por vezes, autoritária, da obra de Braque, de Renoir, de Rembrandt' em detrimento de expressões fauvistas, por exemplo. Muito mais agora, uma democratização da cultura, uma participação ativa e dinâmica do público, um "dar-se conta" de uma função social muito mais forte do que a artística pura e simplesmente.

Alguns especialistas entendem que o "happening artístico" contemporâneo não é conciliável, em um mesmo lugar, com as obras de arte já consagradas; entretanto, as provocações artísticas que surgem nas Bienais, isoladas ou coletivamente, são viáveis para apresentação paralela com um Renoir, porque o paradoxo é uma forma de apreciação, de percepção e de análise. Não se trata de considerar esta união como prática exclusiva e constante, mas dependendo do estudo que se queira fazer de certas obras e artistas é uma prática saudável e com resultados positivos a nível de aprendizagem.

Museus de arte devem possibilitar a motivação estética, produzir emoções, agitar a imaginação, contribuir para a educação, estimulando o intelecto.

## 1.2.2 - MUSEUS DE HISTÓRIA

Os museus de história tiveram origem nas coleções de retratos (as galerias italianas), no começo da Renascença.

Da mesma maneira como evoluiu a ciência histórica, evoluíram os conceitos sobre museus de história no âmbito da ciência museológica. Entretanto, a prática mostrou-se sempre muito distante da teoria e apenas em alguns países, costumeiramente vanguardistas, as coleções históricas têm sido apresentadas de forma inovadora.

" No começo deste século o panorama da historiografia era dominado por uma concepção, herdada do séc. XIX, denominada de "história historizante" (Henri Berr) ou "história episódica" (evenementielle: Paul Lacombe). Segundo esta concepção, a missão do histo

riador consistia em estabelecer - a partir dos documentos - os "fatos históricos", coordená-los e, finalmente, expô-los coerentemente". (1)

Também os museus acompanhavam esta tendência factual e conjugavam a esta, uma atitude de excessiva valorização do personagem histórico, do "herói" em detrimento de uma visão mais coletiva.

Os acêrvos destes museus são formados por uma infinita variedade de peças que identificam acontecimentos em épocas determinadas. Mapas, retratos, desenhos, canetas, documentos, indumentária, mobiliário, porcelanas, objetos de uso pessoal, carruagens, livros, cristais, enfim, um verdadeiro palco de variedades.

O acervo diversificado, por si só, não comprometeria a atuação do museu histórico, mas as funções do museu e as formas expositivas sempre acompanhando o conservadorismo oitocentista, dão margem a severas críticas.

O avanço da ciência histórica, dando ao fato o papel relevante, mas restrito de componente explicativo das flutuações conjunturais, levou os especialistas em museus a produzirem discussões e debates sobre a participação do museu histórico na comunidade.

Ainda se discute a razão de ser dos museus de história, entretanto a linha mestra que norteia o debate considera a ciência - histórica como disciplina fundamental e reguladora da atuação destas instituições.

"O museu de história é um estabelecimento de caráter científico particular, que pode ser definido da seguinte maneira: ele reúne e estuda, no limite de uma época, de uma região, de um tema, os objetos típicos e de certa forma únicos que ilustram a evolução econômica, social, política e cultural segundo as leis da história. O museu de história transmite os conhecimentos de tal forma - cientificamente acumulados, para um meio científico que lhe é próprio: a exposição. Na exposição são apresentados, de maneira acessível a todos, os principais acontecimentos, processos e informações sob os efeitos das leis que regem a evolução histórica". (2)

---

(1) CARDOSO, Ciro Flamarion S. Os Métodos da História / Ciro Flamarion S. Cardoso e Hector Peres Brignolli; tradução de João Maia - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. 529 pp.

(2) HERBST, Wolfgang - Le musée d'histoire face au développement de la science historique. In. MUSEUM, vol. XXIX, no. 2/3. Paris, UNESCO, 1977. pp.61-69.

Esta tendência do novo pensamento museológico implica diretamente na formação do acervo dos museus de história.

Até então, sob a égide da classe dominante, quer Igreja, quer Estado, os museus colecionavam objetos significativos a esta mesma classe, que serviam para testemunhar o poder, o fausto, a riqueza e levar uma mensagem simbólica que contribuisse para a manutenção do sistema. Sempre eram objetos de valor material, condizentes com o gosto de cada período ou monarca e o público, ao visitar as exposições, não conseguia atingir um nível de compreensão global porque a apresentação era feita de tal modo que havia sempre uma grande distância social. Tudo era para ser admirado, mas à distância, sem qualquer possibilidade para o indivíduo pensar em ascender socialmente, ter acesso a alguma condição mais elevada.

Em nenhum museu do século XIX e mesmo em uma grande maioria deles, no séc. XX, a história da população, que é o maior contingente humano a participar do processo histórico, foi demonstrada. Seus trabalhos artesanais, sua vida e costumes, seus anseios, compõem ainda hoje uma lacuna, com raras e excepcionais exceções.

Os museus de história "contam a história" dos componentes do topo da pirâmide, e a base, onde se situa a maioria dos indivíduos de uma nação, não é documentada.

Assim como foi visto ocorrer com os museus de arte, também os museus de história vêm seguindo novo rumo, em busca de uma função mais social, de maior envolvimento com a população, oferecendo oportunidades iguais de uso do acervo, sem distinções de níveis ou capacidades.

Estes rumos trouxeram questionamentos e problemas, mas também novas e promissoras perspectivas.

Dos problemas culturais destaca-se a necessidade de decodificar a linguagem científica dos historiadores através de explicações didáticas, a nível de entendimento para o público em geral. Esta é uma tarefa muito específica de cada cultura.

As questões científicas traduzem-se em o quê, e como, coletar objetos para as coleções; a delimitação de tempo, região e tema; a preparação de programas interdisciplinares, tanto para a coleta quanto para a apresentação.

Quanto aos aspectos técnicos são muito relacionados às possibilidades de cada museu e de sua comunidade. Os meios de comunicação, as formas audio-visuais, os objetos em si mesmos devem ser usados de forma a não atrapalharem uns aos outros e apresentarem - coerentemente a mensagem.

As normas gerais para os museus de história são:

- tomar consciência de sua função social, como integrante dos sistemas educativos;
- procurar demonstrar a interrelação positiva ou negativa do homem com seu mundo social;
- expor, interpretando a dinâmica social, o elo de ligação entre a história hoje e o amanhã.

### 1.2.3 - MUSEUS DE CIÊNCIA

De todos os tipos de museus este, certamente, é o de mais fácil absorção pelo público porque os objetos que formam suas coleções são muito mais próximos do cotidiano de cada pessoa do que as coleções de arte e história.

De acordo com os objetos coletados há uma nítida distinção entre:

- museus de história natural (coleções de zoologia, botânica, geologia e áreas afins);
- museus de ciência e indústria (coleções de modelos, maquetes, objetos, material audio-visual indicativos dos princípios de física, química, matemática, eletricidade, ótica, etc.).

São museus de caráter didático, que preservam objetos de valor histórico, mas criam condições auxiliares à exposição e mostram objetos do presente de maneira a tornar bem clara a mensagem científica.

Os países do Terceiro Mundo têm preferido estas exposições científicas como ponto de apoio para o seu desenvolvimento tecnológico, tendo em vista a impossibilidade de oferecer o mesmo grau de



conhecimento em cada ambiente escolar. Geralmente, são países dotados de tecnologias rudimentares (que significam todo um conjunto de procedimentos não industrializados, herança de tempos anteriores) e de tecnologias avançadas, introduzidas pelos países colonizadores e que não se adaptam com propriedade aos países em questão.

Museus deste tipo podem auxiliar a comunidade na busca de tecnologias alternativas que procuram economizar os recursos naturais, utilizando-os em função das necessidades da comunidade e preservando, tanto quanto possível, o meio ambiente natural e cultural.

A curiosidade, o interesse pelo mundo em que vivemos, a integração entre o homem e a natureza, fazem com que as pessoas se interessem rapidamente pelos acêrvos dos museus de ciência.

Exposições temáticas sobre doenças e sua prevenção, métodos de estocagem de alimentos, aplicação da energia solar na vida diária, entre milhares de outros temas, atraem visitantes dos mais diversos níveis.

O material audio-visual, os textos pedagógicos, as pesquisas efetuadas nos próprios museus e em outros laboratórios são elementos de apoio técnico científico, promovendo o elo de ligação entre o objeto e o tema.

Nos países em vias de desenvolvimento, a difusão e vulgarização da ciência para o grande público tem contribuído para suscitar vocações científicas e auxiliar à construção econômica e tecnológica do país.

Também aos museus de ciência está destinado um papel relevante na formação cultural e científica dos indivíduos, como parte do amplo processo educativo que promove o desenvolvimento social das comunidades mundiais.

### 1.3 - COMO SE COMPORTAM OS MUSEUS NAS DIVERSAS PARTES DO MUNDO.

Em quase todos os países, museus e seus acêrvos são criados pelos poderes públicos e a determinação quanto ao tipo e às características dos mesmos tem sua base na política cultural e econômi

ca de cada país.

Os museus estão em "crise de crescimento".

Existe atualmente no mundo perto de vinte mil museus, sendo que a maioria na Europa, onde surgiram os primeiros, 25% nos Estados Unidos e 25% no resto do mundo, conforme citação de Luc Benoist (1).

No entanto, apesar de haver um número cada vez maior de museus, cada país ou grupo de países tem uma tendência particular, um interesse mais específico. As interpretações quanto ao papel do museu na sociedade contemporânea variam, em função das tendências-determinantes.

Em rápida análise, a identificação destas linhas de pensamento é a proposição deste item.

#### MUSEUS EUROPEUS

Ainda que absorvendo uma série de novos conceitos museológicos, os museus da Europa, em sua maior parte, não perderam ainda a característica original de galeria de luxo, com forte tendência-elitista, em especial na França, Espanha, Itália, berços dos mais antigos museus conhecidos.

Talvez por razão das inúmeras obras primas de arte preservadas em construções feudais ou mansões e castelos burgueses, quem sabe pela própria característica da psicologia nacional.

Os turistas são aceitos em profusão, mas estão ali apenas apreciando; a comunidade, orgulhosa de suas "obras-primas", também aprecia, sem elaborar qualquer indagação artística, histórica ou científica. Os museus são para ver, não para pensar.

O próprio Louvre, situado bem próximo do Conselho Internacional de Museus, tão cheio de idéias renovadoras, não apresenta modificações em seu estilo pesado, sóbrio, bem ao gosto oitocentista.

Bem mais atentos ao fluxo de idéias renovadoras estão os museus britânicos, o Rijksmuseum em Amsterdan, a Fundação Calouste - Gulbenkian, em Lisboa.

---

(1) BENOIST, Luc. op.cit.

Por estas razões diferenciadoras, não se pode generalizar um tipo de atuação dos museus europeus. Melhor seria avaliar o que ocorre em cada país, tarefa para outro estudo, bastante específico.

#### MUSEUS AMERICANOS

Estes têm um caráter bem mais popular, sem perder a seriedade das pesquisas e o talento para expor esteticamente seus objetos. São considerados "clubes democráticos", onde os visitantes vão encontrar amigos, lanchar, ler, ouvir música e shows, assistir peças de teatro ou filmes e visitar as exposições. São  pontos de encontro, especialmente nos dias de entrada livre.

Um constante serviço de relações públicas promove o intercâmbio entre museu e público.

Acontecem cursos, palestras, recitais de poesia, promoção de discos, tardes de leitura e inúmeras outras atividades. (1)

São lugares vivos, dinâmicos, sempre modificando os eventos e conseguindo enorme participação pública.

Diferem basicamente dos museus europeus, com respeito à proposta de trabalho; enquanto aqueles são apenas para ver, estes são museus para experimentar.

Esta concepção é fundamentada na filosofia educacional americana que considera a experiência a base do conhecimento e da compreensão. São muito valorizadas as exposições com material eletrônico, aparelhagem visual, modelos móveis que o visitante pode acionar, cenografia e dioramas.

São museus muito apreciados porque não cansam o público, ao contrário, aguçam a curiosidade e despertam o interesse. Adultos e crianças satisfazem seus sentidos de tato, olfato, audição e visão, aprendendo com rapidez as informações e ampliando seus conhecimentos a partir de descobertas pessoais.

---

(1) VALLADARES, José. Museus para o povo. Bahia, Publicações do Museu do Estado da Bahia, No. 6 - 1956 - 105 pp.

### MUSEUS RUSSOS

A natureza dos museus russos é em linhas gerais, o ensino , como função primordial à serviço de toda a comunidade.

A arte é considerada como qualquer outra atividade, sem nenhum privilégio e assim, o aspecto estético tem importância relativa; em consequência tem conseguido superar seus condicionamentos históricos e desenvolver funções sociais intimamente ligadas aos modernos conceitos museológicos e museográficos, adaptando-os às necessidades de suas nações.

A história, a ciência, a economia política, a étnografia e a literatura têm predominado no campo de interesse dos museus, com objetivos de explicar e promover a manutenção do regime.

Os critérios básicos da museologia quanto à métodos e técnicas, tem sido utilizados no processo museológico, contribuindo para a organização de museus modernos, com aparato tecnológico e grande promoção das ciências básicas.

São museus dinâmicos, com exposições programadas museograficamente, abrangendo uma série variada de disciplinas, submetidas a informações parciais: belas artes, arquitetura, história, história-natural, artes decorativas (com ênfase à ourivesaria), arqueologia, ciência básica (física, química, matemática).

Existe um Comitê Soviético ligado ao Conselho Internacional de Museus, que tem promovido constante intercâmbio com os países-filiados ao ICOM.

### MUSEUS AFRICANOS

Procurando seguir, na medida de suas particularidades, os pontos de vista da UNESCO citados em seu Plano a Médio Prazo (1977-1982) por Amadou-Mahtar M'Bow, os museus africanos consideram que a função primordial a eles destinada, se resume em tres aspectos:

- participação da comunidade na preservação e utilização do patrimônio nacional ;
- busca da identidade cultural, que é básica para a compreensão entre os diversos grupos étnicos, em especial aqueles profundamente descaracterizados pelos longos períodos

de colonização ;

- melhoria das condições de vida presente e futura, utilizando o passado como embasamento para análise daquelas condições.

Muitos estudos tem sido feitos na África e no Sudeste da Ásia para tentar uma adaptação dos museus às necessidades da vida-moderna, não apenas modernizando a instituição mas repensando suas funções e potencialidades.

A UNESCO tem desenvolvido programas de pesquisa sobre a tradição oral na África e estudos sobre o papel das artes nas culturas africanas e sua influência fora da África.

Todas estas contribuições possibilitaram a preferência para o tipo ecomuseu ou museu vivo, integral, que é um dos meios de valorizar a diversidade de culturas étnicas.

Com o apoio de pessoal qualificado, oriundo dos países membros da UNESCO, os museus africanos tem conseguido superar seus condicionamentos históricos e desenvolver funções sociais intimamente ligadas aos modernos conceitos museológicos e museográficos , adaptando-os às necessidades de suas nações.

#### MUSEUS BRASILEIROS

O Brasil é um privilegiado país que possui cursos regulares de graduação, pós graduação, especialização e reciclagem na área de Museologia.

Mas, lastimavelmente, não possui uma política nacional de museus, embora a maioria dos museus pertença ao poder público, sendo esparsas as fundações particulares.

A própria profissão de museólogo não foi, até o presente, regulamentada. Cada estado brasileiro tem profissionais em museologia, mas só existem dois órgãos de classe:

- . Associação Brasileira de Museologia, com sede no Rio de Janeiro e
- . Associação de Museólogos da Bahia, com sede em Salvador.

A nível de consultoria, funciona no Rio de Janeiro um Comitê Nacional do Conselho Internacional de Museus.

Constatada esta situação, como desejar que os museus brasi

leiros tenham uma posição definida, com base em consenso de classe, quanto à atuação dos museus em benefício da sociedade ?

O Brasil é um país de memória curta quanto às propostas culturais e muito pouca praticidade na realização de seus objetivos sociais.

Para citar apenas alguns exemplos, em 1967 a Associação Brasileira de Educação, promovendo o I Congresso Nacional de Audiovisual, convidou a Associação Brasileira de Museologia a participar e, ao final do Congresso, surgiu um documento chamado Novos Rumos para os Museus, que não foi além de mero documento.

Em 1976, portanto quase dez anos depois, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, em Recife, promoveu o Encontro Nacional de Dirigentes de Museu, do qual resultou um outro documento: Subsídios para Implantação de uma Política Museológica Brasileira. Deste encontro participaram inúmeros diretores de museus, profissionais de áreas afins, autoridades governamentais. Do documento restou tão somente a boa intenção.

Em 1980, em Petrópolis (R.J.), novo Encontro de Dirigentes foi realizado. Em 1981, no Rio de Janeiro, o VII Congresso Nacional de Museus foi organizado pela Associação Brasileira de Museologia e a I Conferência Geral dos Museus Brasileiros foi promovida pela Associação de Membros do ICOM-Comitê Brasileiro. Ainda em 1981, realizou-se em Salvador, o Encontro Nacional de Museólogos, onde foi apresentado um Ante-projeto para Regulamentação da Profissão de Museólogo.

Debates, conversas, discussões, planos, comissões de estudo!

E o museu brasileiro ?

E o patrimônio cultural ?

Continuam à mercê do bom senso, da capacidade profissional, da formação cultural de cada diretor ou técnico.

Já existe uma tomada de consciência sobre as funções sociais do museu, mas é ainda incipiente a nível de país.

Das atitudes remanescentes da geração passada, a mais constante é a valorização do poder individual em detrimento da atitude coletiva, advinda do trabalho de uma equipe integrada dentro do Museu.

Uma nova geração de museólogos e até mesmo de profissionais em áreas afins, vêm procurando dotar os museus de condições museológicas e museográficas adequadas, com vistas a encaminhar o museu para o correto desempenho de suas funções. São porém, atitudes isoladas, sem o respaldo oficial necessário.

Há, por outro lado, toda uma estrutura educacional deficiente e confusa, que valoriza a informação em detrimento da formação global do indivíduo. É um círculo vicioso que condiciona museus e escolas ( de 1ª. e 2ª. grau e várias universidades ) ao não aproveitamento do potencial museológico existente.

A mais acentuada tendência dos museus brasileiros é a preservação dos objetos de valor histórico e artístico, com as mesmas características europeizantes do século passado, sem realizarem uma apresentação sob critérios científicos, com as peças inseridas em contextos sugestivos e esclarecedores.

No que se refere a museus de ciências - história natural ou tecnologia - o interesse demonstrado é muito pequeno e os exemplos característicos de tecnologias primitivas vão, pouco a pouco, desaparecendo.

Muito relacionada a estas atitudes alheatórias que sofrem os museus, por parte dos órgãos públicos competentes nas áreas culturais, a maior parte das instituições museológicas brasileiras - não é levada a sério, o que dificulta as proposições científicas-desenvolvidas no âmbito das mesmas. Esta dificuldade é sentida na falta de apoio financeiro e técnico para a continuidade dos programas, na falta de Sistemas Estaduais de Museus acoplados a um Sistema Nacional, que unidos estipulem regras para a atuação de diretores, técnicos, pessoal administrativo e de apoio, trabalhando nos museus, normalizando, de acordo com as recomendações do Conselho Internacional de Museus, a preservação e o uso das coleções e monumentos.

Apesar de todas estas constatações, a preservação de bens significativos ao patrimônio cultural tem tido mais atenção, a partir da atuação ímpar de Aloísio Magalhães à frente da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da Fundação Pró-Memória.

Entre outras atitudes, ele fermentou idéias e criou uma

Coordenadoria Nacional de Museus, que apresenta perspectivas de um trabalho permanente, ainda que, até o momento, esta coordenadoria só atinja museus do âmbito federal, não legislando sobre os demais, (estaduais, municipais e particulares)

A tabela a seguir, demonstra objetivamente as preferências museológicas brasileiras.

### CRESCIMENTO DO NÚMERO DE MUSEUS NO BRASIL APÓS 1950

TIPOS DE MUSEUS	ATÉ 1950	APÓS 1950	%
Museus de História	84	197	234
Museus de Artes Plásticas	7	11	157
Museus de Artes Decorativas	7	8	124
Museus de Artes e Tradições Populares	8	15	187
Museus de Ciência e Tecnologia Industrial	5	7	140
Museus de Ciência e História Natural	18	35	194

Fontes: CARRAZONI, Maria Elisa, coord. Guia dos Museus do Brasil, 2ª ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura/AGGS, 1978, 167 p. il, (Guias Culturais Brasileiras, 1).

ALMEIDA, Fernanda de Camargo, coord. Guias dos Museus do Brasil. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura/AGGS, 1972.

OBS.: A data limítrofe tem um significado especial tendo em vista a criação da UNESCO em 1946 e do Conselho Internacional de Museus em 1947

No Brasil, tal como ocorre na maioria dos países latino-americanos os museus históricos têm preferências sobre os demais.



CAPÍTULO II

MUSEUS E INTERDISCIPLINARIDADE

## CAPÍTULO I I

MUSEUS E INTERDISCIPLINARIDADE

Muito se discute, atualmente, sobre o papel que o Museu como instituição que guarda e conserva objetos de valor, deve desempenhar no mundo.

Alguns teóricos julgam que ele está sempre à margem dos verdadeiros interesses de uma sociedade, questionando a validade de se dar atenção, dispender tempo e recursos com coleções de objetos "inúteis" do ponto de vista utilitário, no contexto de um mundo tão carente de recursos diretamente ligados à própria sobrevivência humana. Consideram os museus supérfluos e pouco merecedores de credibilidade científica, encarando a salvaguarda de objetos de arte, como provocação em relação a tantas pessoas analfabetas e com meios insuficientes para se educar.

Para estes teóricos, tentaremos uma argumentação convincente, não como exercício de lógica, sem embasamento concreto, mas partindo da premissa de que os museus são respostas à necessidade social de informação e formação, são meios através dos quais se pode estudar a problemática social, fermentando idéias com intenção de contribuir para a qualidade de vida das gerações futuras.

No Preâmbulo da Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem, produzida na IX Conferência Internacional Americana - Bogotá - 1948, temos que:

"Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, como são dotados pela natureza de razão e consciência, devem proceder fraternalmente uns para com os outros.

O cumprimento do dever de cada um é exigência do direito de todos, direitos e deveres integram-se correlativamente em toda a atividade social e política do homem.

Se os direitos exaltam a liberdade individual, os deveres exprimem a dignidade dessa liberdade.

Os deveres de ordem jurídica dependem da existência anterior de outros de ordem moral, que apoiam os primeiros conceptualmente e os fundamentam.

É dever do homem servir ao espírito com todas as suas faculdades e todos os seus recursos, porque o espírito é a finalidade suprema da existência humana e a sua máxima categoria.

É dever do homem, exercer, manter e estimular a cultura por todos os meios ao seu alcance, porque a cultura é a mais elevada expressão social e histórica do espírito.

E, visto que a moral e as boas maneiras constituem a mais nobre manifestação da cultura, é dever de todo homem acatar-lhes os princípios."

A atitude de manter acervos museológica e museograficamente organizados, expressa uma elevação espiritual e intelectual, possibilita a comunicação entre grupos e comunidades maiores, preserva e divulga os traços culturais de um povo.

Uma das maneiras de educar o homem é elevar seu espírito, dotando-o de condições tais que ele possa reunir grande variedade de informações dos diversos campos do conhecimento humano, úteis à sua formação como indivíduo, como ser.

Conviver com museus deveria ser de tal forma agradável e útil, que não mais se usaria a expressão "visitar museus", como se houvesse tamanho distanciamento físico e intelectual, só permitindo o ir de tempo em tempo à instituição.

Consideramos que os museus conscientes da necessidade de revitalização de sua forma de atuar no mundo, estão despertando para a grande importância de seu caráter questionador e formador de consciência crítica no público.

Nestes novos museus, ou seja, museus que se revitalizam a partir dos conceitos propostos pelo ICOM e pela UNESCO, os métodos ativos da educação, combinando proposições visuais e conceituais, oferecem amplas perspectivas. Os objetos expostos não são peças "inúteis" ou "supérfluas", possuem vida dinâmica própria, em função do aproveitamento total da mais forte característica dos museus de hoje: a interdisciplinaridade.

Não se concebe, atualmente, que um museu desconheça ou deixe de fazer uso do potencial interdisciplinar de suas coleções.

A interdisciplinaridade quer significar a íntima relação entre disciplinas afins, que reunidas com seus métodos e técnicas ao redor dos objetos de uma coleção, dão a estes objetos uma múltipla visão, permitindo-lhes viver, "falar" com o público a partir de um contexto globalizante, possibilitando-lhes sair da situação me

ramente expositiva, factual.

Tomemos como exemplo, o Museum of London. É organizado em ordem cronológica, do período pré-histórico ao século XX, descrevendo, minuciosamente a história global da cidade de Londres. Em cada período (Tâmisa na pré-história, Londres Romana, Londres Saxônica e Medieval, Londres dos Tudor aos Stuart, Londres Georgiana, o século XIX, Londres hoje) a vida da cidade pode ser observada em seus aspectos cotidianos da nobreza e do povo: econômicos, sociais, políticos, administrativos, militares, biológicos, comerciais, arquitetônicos, artesanais, religiosos, artísticos, tecnológicos e todos os demais aspectos diretamente correlatos, como os meios de transporte, a urbanização, as medidas de higiene e profilaxia, os surtos epidêmicos, a preservação ecológica, o incêndio de Londres, os sistemas educativos, as comunicações, a moda masculina e feminina, os brinquedos, o lazer, a farmacopéia, os vinhos, as comidas, o dinheiro.

Tudo isto está organizado de tal forma que o visitante encontra e pode se deter a esmiuçar toda a evolução do mobiliário inglês, observando cada sala, cada período, entendendo porque e como os móveis se modificaram através dos tempos, os processos manuais e industriais, os tipos de madeira empregados, os estilos, a moda, etc...

No preparo desta exposição global, foi necessário recorrer a vários estudiosos de assuntos diversos. A farmácia que há dentro da exposição organizada com fórmulas, produtos, ambientação de época, foi resultado do trabalho de médicos, farmacêuticos, arquitetos, fotógrafos, museólogos. E assim ocorreu com todas as outras apresentações.

Com a finalidade de expor de maneira tão completa os objetos existentes e continuar desenvolvendo suas atividades de pesquisa e conservação do acervo, tem o Museu, departamentos de estudos sobre cada período, seções especiais de impressão, desenho, pintura, costumes e têxteis, fotografia, serviços técnicos, cenografia, música e sons.

Para o público há serviços educativos voltados aos adultos e às crianças, relações-públicas, livraria, biblioteca, lancheonete, loja de souvenirs, auditório, telefones públicos, transportes

constantes, entrada no hall principal por quatro vias de acesso.

Este é um museu que, absorvendo as modernas técnicas museológicas, utiliza o seu quadro de pessoal em benefício do melhor uso de seu acervo, visando em linha direta de atendimento, o público.

O Museu é frequentado, em média, por 1000 pessoas diariamente. Todas estas pessoas têm oportunidade de apreender a coleção de maneira global e específica; a depender do seu grau de interesse, seu nível, sua idade e formação cultural, poderá ter sensações estéticas despertadas, estimulação intelectual e análise crítica sobre a evolução da cidade e seus arredores; "um pensar criativo" e avaliação da importância do passado na compreensão do presente, extrapolando o futuro.

Museus como este, em cada país do mundo, são instituições vanguardistas na compreensão da valiosa contribuição do Museu como meio de desenvolver as comunidades onde estão situados.

Os visitantes devem encontrar no museu os elementos para descobertas pessoais que os ponham a pensar. Não apenas memorizar nomes, datas, acontecimentos, técnicas, mas aprender a reconhecer, a ver muito mais do que apenas olhar, a entender. Esta maneira visual de aprender tem sido a inovadora contribuição dos museus ao processo educacional e pode ser usada em todas as etapas do desenvolvimento intelectual, para pessoas de qualquer idade.

Este caráter interdisciplinar é o fio condutor da atuação museológica nos dias de hoje. Cada museu deverá exprimi-lo com base em suas características peculiares, sua filosofia e a mentalidade de seu país.

O objetivo primordial que tem sido buscado é o de congregar disciplinas para oferecer visão ampla, correta e dinâmica do patrimônio cultural.

Assim, os museus de arte mostrando o artista através de sua obra, e situando ambos no meio ambiente humano (técnico, social) e natural; os museus de história mostrando a dinâmica social, dimensionando os problemas de hoje e as perspectivas do amanhã; os museus de ciências e técnicas industriais, esclarecendo os princípios básicos das ciências, promovendo políticas de proteção e uso

dos recursos naturais, despertando para a análise das condições de vida a que o próprio homem tem se proposto, com firme intenção de repensar o mundo das próximas gerações.

Se os museus não se posicionarem neste sentido, os teóricos pessimistas e descrentes quanto à razão de ser destas instituições culturais terão fortes argumentos em defesa de sua tese.

Felizmente uma boa parte dos museus do mundo está entendendo e buscando um caminho corajoso e firme.

CAPÍTULO III

ASPECTOS DA CIÊNCIA MUSEOLÓGICA

## CAPÍTULO III

### A CIÊNCIA MUSEOLÓGICA

#### 3.1 - COMO SE DÁ A RELAÇÃO ENTRE MUSEU E PÚBLICO

A interpretação do uso do Museu junto ao público não foi sempre a mesma.

Nos primeiros tempos, na "infância dos museus", a idéia predominante era a de que o museu fazia um grande favor; concedia ao público a possibilidade de admirar obras primas, antes entesouradas em mãos de nobres e burgueses, nas coleções particulares de elevado valor.

A técnica de apresentação era usada para valorizar o objeto, meio e fim da atividade expositiva; o público tinha apenas o direito de admirar, sem levantar qualquer dúvida ou discordância. Devia aceitar, porque discordar era quase um sacrilégio.

Mas as sociedades se transformaram em discutíveis processos evolutivos e após a II Grande Guerra o museu começou a ser visto, pelos profissionais e mandatários, com novos olhos, novas características.

A cada dia os homens tomavam mais consciência da precariedade de suas vidas e seus bens materiais. Então, passaram a considerar a possibilidade de os museus se tornarem mais educativos, menos distantes do público, menos fechados em seus próprios salões de elite.

Antes das guerras os museus organizavam visitas-guiadas, programas com escolas, mas sempre tinham seus temas prontos, suas posições formadas. A abertura dos espaços para o grande público começou no pós-guerra, talvez por refletirem sobre a destruição maciça dos bens culturais, talvez em uma tentativa de orientar quanto à salvaguarda daquele patrimônio, mas certamente com a firme intenção de soerguer os valores culturais globais, não permitindo a perda das raízes que identificavam os povos, diferenciando-os entre si.

Ainda não se tratava de democratização da cultura, mas já era um passo adiante.

Nos últimos anos, sob influência das idéias liberais e do progresso técnico, a atenção está voltada para a educação como fator de igualdade e nivelamento, como afirma Jacqueline Boel.



Entretanto, a relação museu x público se dá muito mais amplamente do que apenas com os grupos de estudantes, previamente organizados.

Existem áreas do conhecimento - a Psicologia Social, a Comunicação, a Administração de Empresas e Administração Pública - que precisam ser conhecidas do pessoal que trabalha em Museu a fim de se estabelecer melhor relacionamento com o público.

Algumas regras básicas da ciência museológica são mais relacionadas com as atitudes do público diante do objeto e achamos interessante reforça-las.

Primeiro: é necessário criar um clima de amizade entre o público e o museu.

Isto pode ser feito através de monitores capacitados a ouvir interessadamente as opiniões e sugestões do visitante, a fornecer informações sem querer parecer mais esperto ou mais capaz do que o outro indivíduo, a permitir que o visitante fique a vontade para perguntar, conversar, calar-se, ser lento ou rápido, estando sempre discretamente atento para que o visitante veja todo o acervo, caminhe no circuito de visitaçõ sem interrupções.

O monitor precisa ser treinado para saber demonstrar ao visitante que ele é bem-vindo, que o museu foi organizado em função dele, que ele pode usar o museu para sua apreciação estética, sua aprendizagem, ou seu relax mental. Mas tudo isto deve ser feito com técnica a fim que o visitante não ultrapasse os limites do seu lugar e crie problemas para os funcionários do museu ou outros visitantes.

Segundo: o museu tem por obrigação criar exposições atrativas; espaços arejados e bem cuidados, conforto físico, visual e mental para os visitantes, oferecendo sempre informações corretas e de fácil compreensão.

Uma das tarefas do museólogo é ensinar o visitante a ver. Existe uma série de técnicas que orientam quanto a este ponto específico, mas a principal delas é criar nas exposições um ambiente de calma e serenidade, levando o visitante a se acalmar intimamente da agitação que lhe proporciona a vida moderna, com o objetivo de poder apreciar e usufruir integralmente dos temas e objetos expostos. Para isso pode se utilizar também da ecologia, do paisagismo, em nítida atitude interdisciplinar, ao lado de todas as demais técnicas

museográficas concernentes.

Terceiro: a organização de exposições temáticas que atinjam a grupos específicos de visitantes, porque não se pode manter permanentemente uma mesma exposição, com tendência niveladora. Quando falamos em nivelar ao alcance de todos significa que o museu deve procurar uma linguagem simplificada em troca das conceituações científicas elaboradas, acessíveis apenas a um grupo de especialistas.

Pela própria dinâmica do museu, ele deve promover exposições que popularizem as novas tendências da ciência e da técnica e que são destinadas a todo tipo de visitante; outras exposições já seriam mais cientificamente elaboradas, para atender aos "experts" no assunto, como por exemplo, "novas técnicas de laminação de metais"; "técnica construtiva de aviões turboélices com grupo propulsor de 2 turbinas"; emprego da quantificação e estatística em história econômica e demográfica".

Quarto: permitir e estimular a participação do público, através de associações de amigos do museu.

"A origem das associações de amigos recenseados por nossas enquetes remonta a segunda metade do séc. XIX... Se 22 associações foram constituídas em 12 países entre 1900 e 1940, este número, cresceu de forma espetacular entre 1940 e 1970: 72 associações apareceram em 20 países, sendo a maior parte em Europa, Austrália, Índia, Nigéria e Israel. De 1970 até hoje (1977), 21 associações foram criadas em 11 países. (1)

As finalidades destas associações são múltiplas:

- sustentar o museu financeiramente;
- contribuir para o enriquecimento das coleções e para a coleta de fundos ;
- organizar grupos de voluntários para guiar visitas, montar exposições temporárias, promover serviço educativo;
- contribuir com a restauração e manutenção de peças.

Deve ser constituído imediatamente um regimento que estabeleça a categoria dos membros, o valor das cotizações, os di

---

(1) VILLARES, Marie Jean Béraud - Fondation'une association d'Amis de musées - réflexions et conseils. In.: MUSEUM, vol. XXIX, No. 1.Paris, UNESCO, 1977 pp.44-45.

reitos e deveres de cada tipo de membro. O regimento deve ser registrado em cartório oficial e então se pode iniciar o trabalho conjunto.

Cada museu estabelece o tipo de associação que lhe é conveniente, com maior ou menor participação nas diretrizes do museu.

Quinto: manter um serviço educativo para todas as idades, permitindo que as crianças e estudantes em geral convivam abertamente com o museu.

Os museus didáticos para crianças têm a grande vantagem de ensinar aos pequenos o convívio com a instituição, formando hábitos salubres de pesquisa, observação e interpretação; mas estas atividades didáticas não devem dificultar o relacionamento infantil com os demais museus.

Se os museus estão empenhados em participar ativamente do processo educativo, não tem o direito de alijar as crianças, porque elas também fazem parte do processo.

Será sempre muito proveitoso que pais e filhos, professores e alunos, famílias inteiras visitem o museu, conversem sobre o que estão vendo, participem, dêem idéias. É através deste traço de união entre gerações que a mensagem proposta no museu pode ser divulgada, absorvida e talvez, aplicada.

Da mesma forma, o setor educativo deve estar preocupado com idosos e deficientes físicos, visuais e mentais.

O público idoso quase nunca vai ao museu. As exposições não são preparadas para recebê-los e as instalações em geral, são inadequadas. Nas sociedades tribais o idoso é uma figura respeitada e venerada, pela sua vivência e saber acumulado. Na sociedade capitalista o idoso é um imprestável, que não pode mais produzir e não tem mais possibilidade de se posicionar no grupo social, em condições normais.

Cabe ao museu resgatar aquela imagem de valor para as pessoas idosas. Mas, de que maneira? Usando o trabalho dos idosos, sempre que possível, na exposição ou internamente; promovendo exposições temáticas onde os idosos participem, seja diretamente na organização, seja indiretamente, na apreciação do material exposto; promovendo campanhas de visita ao museu ou levando uma parte

do museu aos asilos, hospitais e casas de apoio aos mais velhos.

Por exemplo, o Museu de História e Tecnologia da Smithsonian Institution, em Washington, tomando consciência do fato - de que as crianças americanas tem tido cada vez menos oportunidades de sentar ao lado dos avôs para conversar e ouvir estórias, que os idosos estão cada vez menos inseridos no processo de crescimento da sociedade e que os valores culturais de um povo estão estreitamente ligados às tradições orais transmitidas de geração em geração, decidiu promover tardes de estórias e lanches, onde grupos de crianças são convidados a visitar o museu, para após a visita sentarem ao lado de "vovôs" e "vovós" postigos que lhes contarão estórias e lendas; farão brincadeiras originadas de ambientes rurais; eventualmente produzirão pequenas peças de arte sanato e tomarão um lanche com biscoitos, bolos e doces da "vovô". É uma maneira de valorizar o papel do idoso, de torná-lo respeitado revigorando sua imagem ao mesmo tempo em que amplia o crescimento psicológico, emocional das crianças, criando e fortalecendo sentimentos de afetividade.

Também o deficiente deve ter um tratamento normal dentro do museu, para integrá-lo como membro da comunidade, ativo e participante, excetuando-se aqui os casos excepcionais de problemas graves e perturbadores, que impossibilitem completamente o raciocinio, a percepção e os movimentos básicos.

Exemplo marcante é o citado no Cap.I quanto ao Museu Nacional do Niger.

No caso brasileiro, o excepcional trabalho da Dra. Nise da Silveira, que lutando durante muitos anos pela melhoria do atendimento médico nos hospitais psiquiátricos, conseguiu realizar, com ajuda de profissionais diversos, entre os quais museólogos, o Museu de Imagens do Inconsciente, no Hospital de Engenho de Dentro, Rio de Janeiro.

Os museus dependem do público para sua própria sobrevivência e devem se preocupar em atender bem a este servindo-o com todo seu potencial, até que chegue o dia em que o público também necessite do museu cotidianamente, para seu uso individual e coletivo, sua formação, seu lazer, sua satisfação.

### 3.2. O OBJETO E O MUSEU

Qualquer instituição museológica só tem razão de existir quando possui uma coleção de objetos para preservar e expor.

Na ciência museológica, o capítulo que se refere ao objeto dentro do museu é muito vasto e são inúmeros os caminhos a percorrer para tornar o objeto aproveitável globalmente.

Os objetos, comumente denominados "peças de museu" precisam ser claramente definidos e esta não é uma questão simples, de nomenclatura ou estilo. Os museólogos precisam demonstrar reações específicas em relação ao objeto, a saber:

- reações práticas - limpeza e manutenção, prevenção contra deteriorações possíveis, catalogação e inventário em livros e fichas apropriadas.
- reações estéticas - procurar ver no objeto, sua aparência estética e os efeitos psicológicos mais marcantes que ele poderá produzir com a finalidade de melhor explorar estes aspectos na exposição.
- reações educacionais - realizar pesquisa sobre a peça, de forma multidisciplinar, para constar da documentação e verificar o potencial educativo daquela peça para usá-la em benefício da ampliação dos conhecimentos dos visitantes.

Tão logo um objeto chegue ao Museu, é necessário verificar sua proveniência para saber se ele poderá constar do acervo ou não.

Há casos de pessoas que desejam vender peças ao museu e elas foram roubadas anteriormente. Se o museu tem conhecimento deste fato não poderá, sob nenhuma hipótese, adquirí-la.

Outras vezes, a peça chega a título de doação mas pertence a um inventário de família, que ainda não foi concluído.

Muitos são os casos; exemplos não faltam sobre museus que adquiriram peças de maneira incorreta e tiveram sérios problemas para resolvê-los.

Mas, se a peça entra no museu corretamente, a primeira atitude é fazer uma ficha preliminar, onde devem constar dados básicos: nome do objeto, procedência, modo de aquisição, laudo de avaliação, quem vendeu, doou ou coletou, dimensões, responsável pelo

recebimento e data.

Verifica-se então o estado de conservação. Se for bom, a peça é encaminhada para o setor técnico onde será feita a pesquisa, o tombamento e a catalogação adequada. Se o objeto necessitar de cuidados especiais quanto à restauração, vai, imediatamente, para o gabinete de restauro, acompanhado da 2ª via da ficha preliminar e só quando estiver recuperado é que irá para o setor técnico.

Após estes procedimentos, verifica-se onde o objeto deverá ser exposto ou se deverá ficar na Reserva Técnica temporariamente.

A Reserva deve estar em perfeitas condições para receber os objetos:

estantes firmes e bem posicionadas; controle permanente do grau de umidade, calor e incidência de luz solar em demasia; etiquetas objetivas e sem rasuras, postas na própria peça ou em suportes, caso existam; limpeza diária contra poeira.

Para a exposição, estas mesmas observações são válidas e outras mais, que complementam o vasto mundo da museografia.

Museografia é o conjunto de métodos e técnicas que dão em basamento à ciência museológica, no aspecto técnico de expor e documentar o acervo.

Uma exposição de objetos não significa a simples atitude de arranjá-los esteticamente; se assim fosse, as grandes e belas mansões burguesas, as lojas de decoração, estariam aptas a resolver a questão. Não significa apenas, um bom senso decorativo, vai muito mais além.

Em um museu, a exposição é o ambiente científico próprio para que sejam demonstradas as pesquisas e os trabalhos desenvolvidos internamente ou que chegam ao museu, vindos de universidades ou laboratórios. (1) Nela precisam ser previstos:

- área adequada para circulação de visitantes;
- áreas para descanso;
- circuito expositivo programado com lógica (temas, cronologia, destaques, sequência compreensível);
- salas esteticamente dispostas e acolhedoras;

---

1 - Obs. Laboratório é empregado aqui para todas as ciências, indistintamente e não exclusivamente as ciências naturais.

- informação visual e auditiva adequadas;
- segurança dos objetos;
- iluminação correta;
- atendimento a todo tipo de visitante, sejam os dotados de capacidade total de percepção a nível dos sentidos, sejam deficientes físicos, visuais e mentais.

A exposição cumpre seu papel quando o visitante consegue, de maneira agradável, absorver o conteúdo histórico, artístico e técnico dos objetos e a mensagem que foi proposta através da pesquisa e da organização interdisciplinar.

Não somente a exposição cumpre as funções do museu perante o público; embora, geralmente, o público só conheça este aspecto do museu e veja nesta atividade o trabalho do museólogo, como tendo começado e terminado na função expositiva.

A museologia tem dois raios de ação, que correm paralelos e intercalados, com o mesmo nível de responsabilidade:

preservar e expor.

Preservar ultrapassa muito a mera atitude de manter limpos os objetos, restaurados, etiquetados. Significa documentá-los corretamente e mantê-los distantes das perspectivas de extravios, roubos ou danos.

Desde o momento em que o museu existe, o patrimônio que ali se guarda e expõe é do domínio público e este tem plenos direitos de cobrar da instituição o bom e perfeito uso das coleções que formam o acervo.

Documentar o acervo é atitude de fundamental importância.

Cada museu tem, por razão de suas peculiaridades, tipos de documentação específica, mas existe uma determinação geral que todos precisam cumprir.

Os livros que todo museu, obrigatoriamente, tem que possuir e preservar são Livro de Tombo, onde se faz o tombamento de todas as peças, indistintamente, e não pode sofrer rasuras; Livro de Ocorrências, onde é anotado tudo que ocorre de excepcional no museu (quebra de objetos, tentativas de arrombamento, etc.); Livro de Empréstimos e Devoluções, onde são registradas as saídas e en

tradas de objetos do acervo ou de outras instituições; Livro de Registro de Bens Móveis e Imóveis, no qual são registrados todos os bens que compõem o patrimônio do museu, à exceção do acervo.

Em qualquer anotação feita nestes livros deve constar o nome e cargo de quem registrou e a data; na falta de um destes elementos, o registro é considerado invalidado, sem fundamento.

Não pode haver rasuras; incorreções devem ser referidas corretamente na coluna de observações. Não é permitido o uso de lápis ou caneta porosa, para evitar danos aos livros.

As páginas deverão estar numeradas e rubricadas pelo funcionário encarregado de fazer a abertura dos livros.

Quanto às fichas, estas podem ser impressas de acordo com a especificação de cada acervo, pois os museus possuem coleções diversificadas e torna-se impossível estabelecer padronização. Apenas precisa ser lembrado que, qualquer que seja o modelo da ficha, existem dados básicos que são comuns a todas:

- a) nome do objeto;
- b) características que o identifiquem individualmente:  
dimensões, peso, material de que é feito, técnica, estilo, época, original ou cópia (se for histórico ou artístico), estado de conservação, descrição;
- c) modo de aquisição (compra, coleta ou doação);
- d) quem comprou, coletou ou doou;
- e) procedência (local da aquisição e local de onde ele veio originalmente);
- f) data da aquisição;
- g) data do registro na ficha;
- h) nº de inventário que o objeto recebeu ao entrar no museu;
- i) nome de quem registrou todos os dados.

O fichário do museu pode ser desdobrado em inúmeros outros, como ASSUNTO, ESTADO, PAÍS, UTILIZAÇÃO, MATERIAL, entre outros; o que não se pode fazer é prescindir do fichário de inventário.

Todos estes cuidados são tão importantes para o relacionamento entre o museu e o objeto, quanto a relação entre objeto e público, através da exposição.

São atitudes técnicas que têm implicações diretas no cará



ter científico e na credibilidade que o museu deve demonstrar perante o público.

Um trabalho sério e correto honra o nome da instituição nos mais diversos níveis de atuação.

Os museus que seguem estas recomendações, ditadas pelo Conselho Internacional de Museus e repassadas com bom senso e critérios profissionais para a vivência de cada instituição, são menos atingidos por situações desagradáveis de extravios, roubos, perdas, danos diversos em suma, em seus acervo ou documentação.

Os museus são instituições que prestam serviços ao público, que zelam pelo patrimônio nacional em qualquer das esferas (municipal, estadual ou federal) e que mais do que isso, preservam o patrimônio cultural de um povo.

A este mesmo povo que permite ao museu manter seu patrimônio inalterado, deve ser dada a função de fiscalizar o bom ou mau uso que se faz dos bens públicos.

Os museus só serão respeitados quando entenderem que estas duas atitudes

preservar e expor

devem ocupar o mesmo degrau na escala de valores da instituição.

P A R T E 2

A IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DOS MUSEUS  
PARA O PROCESSO EDUCATIVO NAS SOCIEDADES EM  
DESENVOLVIMENTO

Aproximadamente 2/3 da população mundial fazem parte dos países chamados de Terceiro Mundo, ou seja, aqueles que estão em busca do desenvolvimento, por eles considerado como economias não dependentes.

Há várias características que são observadas quando se tenta enquadrar países na categoria "Terceiro Mundo":

- o analfabetismo, que continua sendo um dos grandes males do séc. XX, por suas repercussões profundamente negativas no desenvolvimento individual e coletivo ;
- predomínio quase absoluto das atividades agrícolas ;
- um avassalador crescimento demográfico, que implica em cada vez maiores zonas de pobreza, proliferação de endemias ligadas à subnutrição, aumento do número de analfabetos (900 milhões em 1980, segundo estatística da UNESCO) ;
- o tempo de vida médio dos indivíduos é muito pequeno, há fome e ínfimas condições de moradia, higiene ;
- a renda média "per capita" é baixíssima , em geral de 30 para 1 em relação aos países desenvolvidos (ricos), chegando algumas vezes à catastrófica situação de 90 para 1 ;
- o contingente populacional é sobretudo de crianças e jovens.

Estas características, por certo, estão evidenciadas em escalas diferentes nos diversos países do Terceiro Mundo, pois cada um tem procurado o seu caminho para o desenvolvimento e os estágios são diferentes. Há países mais industrializados e com um índice um pouco menor de analfabetismo do que outros, mas todos sofrem, ao menos, pressões semelhantes de dois tipos: os países desenvolvidos, tanto no bloco capitalista quanto no bloco comunista, estão em franco processo de crescimento, acarretando o aumento da distância para com os países em vias de desenvolvimento; as relações comerciais entre os países "ricos" e os países "pobres", são na grande maioria das vezes, favoráveis aos primeiros que possuem uma economia independente.

Os países em desenvolvimento sofrem as imposições decorrentes de sua dependência, em todos os níveis.

A transferência de tecnologia implica, geralmente na adoção de técnicas não adaptáveis às realidades dos países recedores; isto gera dispêndio demasiado de capital, materiais caríssimos, custos elevados de mão-de-obra técnica e especializada.

As tentativas de imitação são sempre desastrosas, porque o que foi concebido para um tipo de sociedade, com condições e valores próprios, não pode ser simplesmente transplantado; faz-se necessário redefinir usos e formas em função dos objetivos de cada país e de suas realidades sócio-econômicas e culturais.

Então, que significação podem ter os museus de arte, história e ciência, no desenvolvimento social de países tão carentes e deficitários?

Os museus têm um papel determinante que é, superando as barreiras ideológicas, promover a integração cultural entre as nações, permitindo a cada uma delas revitalizar sua consciência nacional, respeitando as demais.

Isto quer significar que os museus, como já está ocorrendo em alguns países, devem contribuir para a formação global dos indivíduos, para o fortalecimento da identidade cultural, sem permitir que se perca de vista o conceito de unidade dentro da diversidade, de intercâmbio de informações verdadeiramente equilibrado, em busca da solidariedade internacional.

Os museus nos países do Terceiro Mundo têm dupla função social:

- externamente, divulgando para outras comunidades a cultura daquele grupo, tornando-a conhecida, compreendida e conseqüentemente, respeitada;
- internamente, informando para sua própria comunidade o seu passado e seu presente, fortalecendo os traços de união e suscitando sentimentos de valorização do patrimônio cultural;

Para atingir estas funções sociais em plenitude, os museus precisam estar atentos ao desenvolvimento de sistemas educacionais em estreita ligação com seus acervos e proposições, não permitindo que sejam vistos, apenas, como atividades extra-muros e sim intra-muros.

Isto quer dizer que os currículos escolares devem estar entrelaçados com os programas museológicos de tal maneira, que museu e escola se completem mutuamente.

Muitos países estão investindo em museus, como por exemplo, Niger, Togo, Ghana, Senegal, Nigéria, Kenya, Mali, Singapura, Panamá, Chile, Jamaica, Brasil, Colombia, Equador, Fidji, Maghreb, México, entre outros.

Como este investimento pode resultar em divisas econômicas favoráveis? Se o Estado emprega capital dotando os centros urbanos e alguns meios rurais capacitados, de museus e se estes museus estiverem inseridos em uma política cultural nacional adequada, não só crianças e jovens, mas também adultos, poderão lucrar com esta atitude.

Estando os programas museológicos alinhados com os padrões já citados em capítulos anteriores, o analfabetismo começa a ser erradicado, as vocações científicas e intelectuais vão sendo despertadas, as informações sobre os progressos das ciências vão sendo amplamente divulgadas, vai passando a existir uma sensibilização coletiva, um sentimento nacional vai se formando, o nível de violência e auto-destruição decai, o espírito individual se eleva pouco a pouco e novas gerações mais pacifistas e mais humanas vão aparecer.

Há muitas pessoas que consideram estas idéias uma utopia e conseqüentemente, não acreditam nelas; há outras que são pessimistas e, considerando dados estatísticos, acreditam no exterminio das nações em muito menos tempo do que os museus levariam para auxiliá-las; alguns acreditam nas funções sociais, interdisciplinares, educativas e pacificadoras dos museus, sempre que estes estejam direcionados para objetivos semelhantes aos da UNESCO.

- Por que será que caberia aos museus este papel formador dos indivíduos, singular e coletivamente?

- Por que não deixar aos museus o seu papel cultural e às escolas, suas tradicionais funções?

Os sistemas educacionais até hoje conhecidos, ainda que exercendo bem, em alguns casos, sua tarefa de passar informações e conhecimentos, não conseguiram cumprir sua função básica de formar indivíduos conscientes de sua responsabilidade como cidadãos. Até

mesmo o nível de instrução tem decaído consideravelmente nos últimos anos e o jovem sai das escolas, mesmo em grau universitário, com sérias dificuldades de ordem teórica e prática no que diz respeito à profissão e posicionamento pessoal frente ao mundo que o espera.

Assim sendo, congregar esforços, investir capital e mão de obra, na união de atividades entre escolas e museus tornou-se um ponto capital para o desenvolvimento.

A primeira das razões é exemplificada pelo fato de que os museus retomam as raízes, os valores do passado, que uma vez apreendidos explicam o presente e preparam para o futuro, sob uma consciência crítica de pontos positivos e negativos. Em suma, estimulam o pensamento analítico sobre épocas e contextos determinados.

A segunda tem em vista que os museus congregam as pessoas para um trabalho conjunto, (como ocorre em museus africanos, mexicanos e americanos) e isso fortalece os laços de solidariedade, tão pouco demonstrados no dia-a-dia das pessoas.

A terceira, os museus preservam o patrimônio cultural de um povo, permitindo-lhe orgulhar-se de suas criações, suas belezas naturais, suas realizações.

A quarta, os museus de história natural e tecnologia e indústria, em conjunto com as escolas de 1º., 2º. e 3º. grau, podem desenvolver projetos exequíveis sobre tecnologias alternativas, perfeitamente válidas para a realidade de cada país, sem necessidade de importar modelos, muitas vezes mais dispendiosos e menos adequados.

A quinta, os museus globalizantes contribuem grandemente para a educação do público, difundindo noções básicas de alimentação, higiene, saúde, preservação ecológica, instrução básica, prevenção contra drogas, correto uso da televisão e do rádio.

A sexta, museus históricos orientam quanto: a evolução do papel do homem e da mulher na família e na comunidade; problemas de migrantes; inovações pedagógicas e uma infinidade de temas.

A sétima, museus de arte investem nas exposições temáticas sobre a história da arte mundial, os processos artísticos, estilos, técnicas materiais e despertam o potencial latente dos indivíduos

participantes.

As razões não se esgotam aí e exatamente por serem tantas servem apenas como exemplo do que tem sido feito e do muito que há por fazer.

Economicamente, os museus são válidos porque, tendo por base as razões já citadas, na medida em que o país investe em projetos museológicos e na proporção que a influência destes projetos avança sobre um número muito grande da população, o Estado - pode deixar de gastar com projetos paralelos e empregar o capital em outras atividades.

Por exemplo, o Museu do Estado, em Recife, Pernambuco, promoveu uma exposição sobre o uso de plantas para efeitos medicinais, há alguns anos atrás. A população, estimulada a colaborar, não só auxiliou na montagem, como participou ativamente do evento que durou um mês. Após isto uma boa parte da população passou a utilizar os conhecimentos aprendidos, evitou gastar seu parco sa lário com remédios alopáticos para solucionar pequenos problemas de pele, estômago e até, emocionais. Paralelamente foi realizada uma campanha de profilaxia contra o grande número de insetos nas moradias mais pobres e verificou-se que, houve grande melhoria nas doenças de pele como resultado da aprendizagem no museu.

Também o Museu de Ndébele promoveu uma exposição sobre "técnicas construtivas para moradias de baixo custo" e surtiu grande efeito na população, que utilizou os conhecimentos adquiridos.

O Museu Geológico do Estado da Bahia permitiu a um funcio nário que se ausentasse do trabalho para frequentar um curso so bre Lapidação de Pedras Preciosas e Semi-Preciosas. O aproveitamento foi excelente e este mesmo funcionário vai poder dar aulas no laboratório do museu, gratuitamente, a um grupo de 23 pessoas da comunidade, que ao saírem do curso, terão ao menos uma atividade-profissional que lhes possibilitará a sobrevivência de maneira - correta e digna.

Estes são apenas alguns exemplos de como o investimento em museus, nos países em desenvolvimento, pode reverter em redução de gastos públicos e melhoria das condições de vida da população.

Se há uma comunidade com 500 escolas e 10 museus, é muito oportuno que, ao invés de o poder público investir em laboratório,

biblioteca, filmoteca, mini-coleções, entre outras coisas para cada uma das 500 escolas, procure dotar os 10 museus com toda aquela infra-estrutura necessária e suficiente para receber os alunos das 500 escolas. Que sejam criados currículos escolares integrados oficialmente às atividades dos museus; que os museus sejam um prolongamento das aulas recebidas nas classes escolares.

Desta forma, as turmas de alunos visitarão o museu não uma ou duas vezes no ano, mas sim tantas quantas fossem necessárias.

As escolas devem ser dotadas de excelentes salas de aula, sanitários, cantinas, áreas de esporte e lazer, centro cívico, administração, secretaria, almoxarifado e jardins.

As cidades, em cada bairro e até mesmo as zonas rurais devem ter transporte coletivo rápido, limpo, acessível, para o deslocamento normal da população, sem tensões nem aflições.

É preciso abandonar a idéia de unidades estanques, auto-suficientes, porque isto é uma irrealidade especialmente no caso brasileiro.

É importante criar o espírito de equipe, de trabalho integrado, solidário, onde as instituições desenvolvam um regime de cooperação mútua, sem a vaidade de se desejarem completas, fechadas em si mesmas, acabadas.

Todas as pessoas são passageiras no mundo, ninguém é permanente. Tudo, as coisas naturais ou criadas pelo homem tem um sentido coletivo e tudo que o homem fizer será a colheita das gerações futuras.

Se as escolas forem dotadas de tudo o que parece ideal, não haverá orçamento que suporte. Então, que as escolas sejam feitas com o essencial, que os museus sejam feitos com o essencial e ambos se complementem em uma integração de atividades.

A cada dia os museus se tornam mais populares e menos elitistas, sentindo e explorando seu potencial didático, divulgando seu acervo, que é do público por direito adquirido.



PARTE 3

ESTUDO DE CASO

CAPÍTULO I

AS NOVAS FUNÇÕES DO MUSEU DE CONTEÚDO HISTÓRICO

## CAPÍTULO I

## AS NOVAS FUNÇÕES DO MUSEU DE CONTEUDO HISTÓRICO

Algumas questões vêm, há muito, sendo colocadas, no que diz respeito ao debate sobre as principais funções do museu e a maneira pela qual os museus devem transmitir os conhecimentos, para efeito de estimulação intelectual.

A principal delas formula o problema da apresentação da história, quer seja urbana ou rural, nacional ou regional, com vistas à maximização do seu valor educacional.

A segunda, é a indagação sobre o que seria considerado documento para efeito de acervo museológico. Que critérios adotar para a triagem do material, sem ser parcial, coletando peças que identifiquem apenas um ângulo do processo histórico, ou organizador de "bric-a-brac", reunindo tudo que chegar às mãos, promovendo um verdadeiro hall de antiquário?

A terceira, abre o debate sobre o conceito de desenvolvimento social e comportamento do museu, interagindo no processo. A qui cabem as discussões sobre o "museu integral" amplamente analisado na Mesa Redonda de maio de 1972, realizada no Chile, sobre "A função dos museus na América Latina de hoje".

Qualquer discussão sobre o assunto requer, inicialmente, uma reflexão a respeito da ciência histórica, sua evolução e sua aproximação com uma série de outras disciplinas afins.

A História, tal como se apresenta hoje, é uma ciência em constante crescimento. Procurando estudar a evolução, no tempo, de tudo aquilo que diz respeito ao viver social dos homens, a História não se dedica mais, a descrever o fato histórico por si só, tal como ocorria até os primeiros anos deste século. Existe, atualmente, uma tendência a encarar os fatos como dados referenciais que analisados sob a ótica das várias disciplinas históricas e correlatas, permitem o entendimento das estruturas e conjunturas, que atuam como propulsoras na evolução das sociedades.

"Ao lado da história política, diplomática e militar, cujo predomínio era antes absoluto, desenvolveram-se novos e férteis campos de estudo que ocupam, hoje em dia, a vanguarda das pesquisas históricas, por seus brilhantes sucessos, resultantes do progresso ininterrupto de uma metodologia e uma problemática em constante renovação e aperfeiçoamento: história econômica, história de

mográfica e história social (esta compreendendo o estudo das mentalidades coletivas). Atualmente já não aceitamos uma narrativa histórica cujo ritmo seja marcado apenas, e principalmente, por dinastias, batalhas, ministérios, tratados, etc.; o quadro que se vislumbra, após um estudo deste tipo, parece-nos por demais estreito. Além de grandes personagens e grandes acontecimentos políticos - na verdade, mais do que a estes - aspiramos conhecer para cada período e cada sociedade, o quadro técnico, econômico, social e institucional; as pulsações conjunturais; os movimentos da população; a vida das grandes massas e não somente a dos grupos dominantes; os movimentos e relações sociais; a psicologia coletiva, e não apenas a dos "personagens históricos". Ainda mais, aspiramos entender os mecanismos que explicam as concordâncias e discordâncias existentes entre os diversos níveis de uma determinada sociedade, queremos ser desta uma imagem tão integrada e global quanto possível." (1)

Assim como a ciência histórica tem evoluído em seus métodos e técnicas para compreensão do fenômeno social, os museus têm procurado acompanhar estas novas tendências e a museologia encara a pesquisa interdisciplinar como atividade primordial, dentro dos museus.

A mera preservação dos objetos, de uma forma museograficamente correta, não é suficiente para a ampliação do horizonte cultural das pessoas que frequentam o museu, exatamente porque, muitas destas pessoas não têm tido oportunidade de compreender o processo histórico. Os objetos devem ser um elemento constitutivo, mas não o fim único e exclusivo da exposição, pois uma exposição composta de objetos cuidadosamente escolhidos e etiquetados, pode ser sempre a imagem do passado, mas não será uma exposição histórica.

As coleções de um museu histórico devem ser pretextos, suportes materiais que possibilitem um trabalho científico a partir de uma evolução histórica ordenada, de uma periodização científica, com base nas leis da história.

---

(1) CARDOSO, Ciro Flamarion S. Os métodos da história. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979. (Cf. Henri - Irinée Marrou, "Qu'est-ce que l'histoire ?" em Histoire et ses méthodes, col. Encyclopédie de la Pléiade, Paris, Gallimard, 1961)

Com esta finalidade, museus de conteúdo histórico devem reconhecer que a base de seus estudos com vistas a apresentações didáticas, está nas mesmas bases metodológicas e teóricas da ciência histórica.

Este comportamento deve ser assimilado e praticado nos diversos museus históricos:

museus de história regional, nacional, de história militar, de arqueologia, de história política, de antropologia, de história da tecnologia, de história do teatro, etc...

É evidente que o enfoque no qual se sustenta o Museu do Índio, por exemplo, não será o mesmo para um museu de antiguidades persas, nem para o Museu do Recôncavo Wanderley de Pinho (Ba). Naturalmente, cada museu tem sua função específica. Mas a percepção da importância de aplicar procedimentos científicos advindos da ciência histórica, tanto na coleta de material para o acervo, quanto na exposição dos objetos e na publicação do resultado das pesquisas em ciências sociais, torna-se extremamente necessária, pois desta percepção, depende o futuro dos museus de história, como instituições dotadas de credibilidade e caráter científico.

No caso brasileiro, pela falta de compreensão, dentro dos próprios museus de história, da importância do procedimento científico e interdisciplinar a maior parte das exposições tem provocado enfado e crítica negativa; o público, por não encontrar uma mensagem histórica calcada nos padrões científicos, admira os objetos por seus valores intrínsecos, sem associá-los ao processo evolutivo das formações sócio-econômicas.

O conhecimento do profissional de museu, das condições dialéticas multiformes dos diversos aspectos do processo histórico e de suas leis, está em última correlação com as atividades relacionadas à coleta, manutenção, pesquisa e apresentação do acervo.

Deste conhecimento surge um critério de seleção e exposição dos objetos que irá compor o universo histórico, artístico, político, econômico e social do museu.

O acervo de um museu de história é, em geral, muito diversificado, e os critérios de escolha estão diretamente relacionados com a limitação temporal, espacial e temática. Os critérios de raridade e estética nem sempre podem ser considerados, como ocorre

primordialmente nos museus de arte, porque a importância maior é dada ao potencial de comunicação que o objeto possui para caracterizar o período e a região determinados.

Para que o museu desempenhe eficazmente as suas funções históricas, dentro do processo educativo, duas vias de composição do acervo podem ser seguidas:

- a apresentação dos objetos originais (documentos manuscritos, moedas, selos, barras de ouro e prata, indumentárias civis e militares, móveis, bandeiras, leques, luvas, porcelanas, cristais, retratos, pinturas, entre uma infinidade de outros);
- o uso de modelos (concretos ou abstratos), de cópias e reproduções.

Nem sempre o uso de um objeto ou grupo de objetos originais consegue ser suficientemente adequado para produzir o efeito histórico e estético, que se pretende obter, sob as técnicas da moderna museografia. Então, faz-se necessário complementar a exposição com material auxiliar, que amplie as possibilidades de entendimento global do acervo.

Este material de apoio pode ser uma expressão audiovisual, música ambiente, sons característicos (em reproduções de batalhas, por exemplo), modelos reduzidos (navios, carruagens, interior de ambientes), fac-símile de manuscritos, maquetes, painéis gráficos e estatísticos, dioramas (reproduções em tamanho real de paisagens, animais e pessoas ou ambientes internos), aparelhos eletrônicos, reproduções fiéis de objetos em casos excepcionais e com fins determinados.

Todo este "aparato" faz parte das técnicas museográficas, com o objetivo de passar dinamicamente a mensagem que se pretende; entretanto, a eficácia de uma demonstração científica está calcada na confecção dos textos explicativos. As descrições das peças, as etiquetas, as frases de efeito em ampliações parietais são muito valiosas. Entretanto, os textos com explicações e comentários favorecem a compreensão dos testemunhos históricos, esclarecem a significação dos objetos na medida em que estes refletem os acontecimentos diversos que, unidos por liames históricos, compõem todo o processo do desenvolvimento social.

Tanto a exposição quanto os textos que a acompanham, devem ser fruto do trabalho científico de pesquisa, através da colaboração de especialistas em várias disciplinas.

O propósito do museu é enriquecer o conhecimento do visitante é precisa contar com o apoio de historiadores profissionais; mas ao reverter os textos em linguagem acessível ao grande público, não pode reduzir a ciência histórica ao nível simplificado de mero denominador comum.

Os textos devem ser claros e objetivos, pequenos o suficiente para não cansar e longos o bastante para atender com eficácia ao conteúdo da exposição.

Procurando observar estes critérios científicos e conciliando a junção de "obras primas" com objetos comuns mas representativos, em um mesmo espaço expositivo, os museus de história poderão ser interpretados e entendidos dentro do seu contexto histórico e social, como parte do processo de desenvolvimento do país.

### 1.1 - O MUSEU INTEGRAL

No período de 20 a 31 de maio de 1972, sob os auspícios do governo chileno, realizou-se em Santiago, uma mesa redonda com especialistas da museologia e de outros "domínios do saber", com a finalidade de discutir a função dos museus na América Latina.

Do encontro resultou a escolha de um tipo de museu, denominado integral, quer dizer, que participe da vida do país e apresente os objetos em seu contexto recriado, conforme citação de Grete Mostny Glaser (1).

Nos dez anos que se seguiram, após a Mesa Redonda do Chile, muito pouco da museologia tradicional foi revisto ou transformado na tentativa de atingir os objetivos do museu integral e esta observação é válida para todos os países da América Latina, à exceção do México.

A situação brasileira é bastante problemática e não se conseguiu, até agora, formar uma consciência nacional de respeito e valorização, em relação à ciência museológica. Às autoridades bra

---

(1) - GLASER, Grete Mostny. Introduction, In: Museum, vol XXV, nº 3. Paris, UNESCO. 1973.

sileiras falta uma correta percepção do que é a museologia e do que pode e deve fazer com os acervos dos museus, em favor da promoção de melhorias nas comunidades latino-americanas.

Esta incompreensão tem estreita relação com a idéia de desenvolvimento existente no seio da sociedade brasileira. Desenvolvimento é considerado como crescimento econômico, industrialização em larga escala, uso de tecnologias sofisticadas com o objetivo de formar uma imagem de elevado padrão tecnológico perante as demais nações.

A mentalidade nacional considera museu apenas como preservador do patrimônio, nunca como elemento de renovação social, sensível aos problemas econômicos e sociais que afligem o país e as demais comunidades da América Latina.

Para os museólogos desta nova geração, tanto no Brasil quanto nos demais países em desenvolvimento, os critérios de evolução social estão fundamentados na equidade que determina a produção de bens; na distribuição e consumo destes bens pelos membros da sociedade; de maneira equilibrada e justa, na justiça social que permite a todos os indivíduos receberem educação e cultura com iguais possibilidades; nas oportunidades de elevação espiritual em igual proporção para todos; na liberdade de expressão e atitudes, pautada nos mais altos níveis da solidariedade humana.

Dos critérios anteriormente referidos e das análises desenvolvidas ao longo dos capítulos que formam esta dissertação, surge uma proposta para tornar vivos os museus históricos brasileiros, com a precípua finalidade de promover a participação de cada indivíduo no processo de desenvolvimento.

Cada cidadão seria levado a entender a História do Brasil, não como expectador, mas sabendo-se parte ativa do processo, atuando direta e cotidianamente nele.

A ciência histórica não seria reduzida ao "populesco"; estaria apenas, mais acessível, mais palpável ao entendimento coletivo. A toda pessoa, conforme sua faixa etária e sua capacidade de apreensão do conhecimento histórico, seria dada igual possibilidade de obter informações, interpretá-las e vivenciá-las.

De maneira concreta, a proposta se formaliza em:

- 1 - criação de Museus Históricos Regionais, na esfera municipal;



2 - criação de um Sistema Estadual de Museus, para cada Estado membro da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil, integrado a um Sistema Nacional, do qual emanariam diretrizes formuladas após discussões e consenso entre os membros dos Sistemas.

Justifica-se a proposição para Museus Municipais, a partir da constatação de que a importância de um museu para a vida da cidade é diretamente proporcional ao tamanho da mesma.

Em primeiro lugar, porque o museu passa a desempenhar uma função cívica e cultural ao mesmo tempo. É no museu que a comunidade se reúne, para promover e participar das mais variadas atividades.

Segundo, porque a comunidade se orgulha de estar preservando o seu passado e mostrando-o a quantos visitem a cidade. Torna-se um marco referencial.

Terceiro, porque é correto afirmar que nos grandes centros urbanos, onde existem inúmeros museus paralelamente a outras manifestações culturais, o sentimento de afinidade com os museus fica mais disperso;

São raras as oportunidades que a maior parte da população brasileira tem, de visitar museus nacionais como o Museu Imperial, Museu Nacional, entre outros. Então, o contato com a história brasileira, através de coleções de objetos originais é muito pequeno.

Muitos dos manuscritos e objetos valiosos para a ciência histórica estão se perdendo em pequenas cidades que desconhecem o valor destes testemunhos. Por exemplo, cidades ligadas ao ciclo da mineração como Gêtio do Ouro e Rio de Contas, na Bahia;

É muito mais fácil sensibilizar uma comunidade e desenvolver um trabalho de base, através de pequenos museus regionais, já que o contato com os museus nacionais é muito esparso e não está em íntima correlação com as necessidades e os desejos daquela comunidade. O senso de preservação de manuscritos, objetos de pequeno porte e outros, torna-se mais claro para comunidades como Camamu -Ba. (fundada no Sec. XVII) do que se tentar despertar este espírito, através de colocações expositivas sobre o valor do Museu Histórico Nacional; este significa muito pouco para um município do litoral baiano que nunca recebeu tratamento cultural adequado. Qual

quer atribuição de valor e atitude de preservação e recomposição do patrimônio cultural só terá sentido se um trabalho de base tiver início nestas comunidades.

Se levado a efeito, será um trabalho coletivo, onde cada município brasileiro sentir-se-á responsável e orgulhoso de seu próprio museu e a memória nacional, em um país tão sem memória, poderá ser resguardada a partir da história dos municípios, que englobada, formará a história nacional.

Este Museu de História Municipal deve ter caráter multidisciplinar; partindo da análise sociológica do grupo em questão, realizaria a integração das diversas ciências sociais, em função direta da relação objeto - público.

Todo município brasileiro com população superior a 30.000 habitantes, deve ser considerado apto a formar seu próprio museu.

A organização - seleção e tratamento do material, documentação por coleção, programa expositivo - deve, necessariamente, ser feita sob orientação de pessoal de nível universitário, partindo do seguinte:

- os objetos selecionados devem ter relevância histórica, arqueológica, geológica e artística com especial significação para a história do município;
- cada objeto deve ser pesquisado sob tratamento científico, por profissionais universitários e estudantes, conforme o sistema de periodização e os conceitos metodológicos da ciência histórica;
- a exposição deve ser programada de forma a explicar, coerente e imparcialmente, a evolução histórica global do município;
- os objetos devem passar por rigorosos processos de documentação, de acordo com as técnicas museológicas e museográficas, determinadas pelo Conselho Internacional de Museus e adaptadas à realidade brasileira.

Os objetivos deste museu de história regional são:

- contribuir para o desenvolvimento social do município, integrando-se ao processo educacional;

- promover a compreensão do público quanto aos problemas sociais do município, relacionando-os ao contexto nacional;
- estimular o debate social e, conseqüentemente a proposição de soluções positivas em benefício da comunidade;
- preservar o patrimônio cultural do município;
- sensibilizar as novas gerações para a importância do conhecimento de seu passado e presente;
- estimular o senso estético e o raciocínio intelectual;
- promover a integração dos diversos grupos sociais do município, estimulando os trabalhos conjuntos, a cooperação e a humanização dos indivíduos;
- tornar a ciência histórica acessível a todos, em níveis adequados de assimilação;
- divulgar as pesquisas desenvolvidas nos meios universitários, buscando a elevação do padrão cultural individual e coletivo;
- incentivar os visitantes a participarem das atividades do museu, despertando aptidões e vocações profissionais;
- restabelecer o valor de determinadas atividades manuais, socialmente rebaixadas de nível por razão da industrialização;
- estimular a preservação da memória coletiva, a partir do uso da História Oral.

Pretende-se que o museu de história regional, ao permitir que cada município se reintegre culturalmente no contexto histórico que lhe diz respeito, seja o núcleo difusor de conhecimentos e informações, ao mesmo tempo em que cumpra a função social destinada aos museus desta nova era museológica.

CAPÍTULO II

O USO DOS DOCUMENTOS DA FAZENDA DE SAUBARA

## CAPÍTULO II

## ESTUDO DE CASO: O USO DOS DOCUMENTOS DA FAZENDA SAUBARA, REFERENTES AOS SÉCULOS XVII E XVIII (1650-1792), COM FINALIDADE MUSEOLÓGICA

A criação de um museu de história e a organização de uma mostra permanente, são sempre motivadas por dois princípios:

- a preservação de um conjunto de objetos;
- o uso destes objetos para a ampliação dos conhecimentos históricos de um grupo social determinado.

A proposta para formação de um museu municipal, de conteúdo histórico, na cidade de Saubara foi motivada pela existência de monumentos dos séculos XVII e XVIII em crescente processo de descaracterização e pelo fato de existir, no Arquivo da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, uma documentação social que relata a história da antiga Fazenda de Saubara, durante o período em que esta foi propriedade da referida Santa Casa.

Após visitas ao local, observou-se um desconhecimento (em alguns casos obteve-se informações muito esparsas) da evolução sócio-econômica-cultural da cidade e, em consequência, uma falta de "senso do passado", gerando reformas incorretas no partido arquitetônico dos monumentos, perda de documentação oficial, desativação de atividades artesanais tradicionais, excessivo individualismo e falta de percepção das precárias condições de vida.

Em resumo, um espírito coletivo de acomodação e alienação quanto ao processo histórico-cultural.

Foi observado, ainda, que o sentimento religioso é o elo de ligação mais forte entre as pessoas da região, ainda que os conceitos religiosos sejam arcaicos e contribuam muito pouco para despertar comportamentos sociais mais evoluídos, conforme o contexto do século XX.

A partir destas constatações, formulou-se um Projeto de Museu Histórico Globalizante, cuja principal finalidade é contribuir para a evolução social da comunidade, através da valorização de seus traços culturais mais marcantes.

Projeto de Museu Histórico Globalizante  
para Saubara, atual distrito do  
município de Santo Amaro - Bahia

1 - Justificativa:

O processo de descaracterização que atinge o distrito de Saubara e a insensibilização de seus habitantes quanto ao valor do conhecimento do passado e da análise do presente para a promoção de melhores perspectivas de vida futura da comunidade, tornam necessária uma atitude de resgate histórico, com vistas a reunir a população em torno de objetivos sociais coletivos, que respondam diretamente aos anseios da comunidade.

2 - Objetivos

Geral

Levar a população local, através do conhecimento de sua história, a reconhecer as sobrevivências do passado no presente, quais os aspectos que se modificaram e quais os que resistem às mudanças; a analisar o caráter positivo ou negativo das modificações; a preservar o patrimônio histórico-cultural da região e usar este patrimônio em benefício da melhoria das condições de vida, através da formação de um espírito comunitário, humano e pacifista.

Específicos

- Organizar um museu histórico na Capela de Bom Jesus dos Pobres, hoje desativada de suas funções religiosas, por ser esta a construção mais antiga ainda existente.
- Preservar a arquitetura civil tradicional.
- Criar um grupo de estudos para preservação ecológica e histórica da região.
- Promover a criação de um Centro Cívico, Artístico, Musical e Literário, acoplado ao Museu.
- Formar uma Associação de Moradores de Saubara, para cuidar dos interesses da população.
- Criar, entre estudantes de diversos níveis, o Grupo de Turismo, que promoveria excursões regulares aos monumentos e sítios históricos do Recôncavo.

#### 4 - Metodologia

##### 1ª Fase - Levantamento das condições atuais de Saubara.

Serão fotografados os monumentos existentes, partes internas e externas e as fotos constarão de um fichário de inventário, onde serão anotadas as informações básicas na parte da frente e os dados complementares, atrás.

Deverá ser feita uma enquete entre os moradores para saber: nome, endereço, filiação, grau de instrução, profissão, possuidor de casa própria, herança ou compra, interesses coletivos, preferências individuais, aptidões, idade, religião, interesse em participar do projeto, forma de participação.

Ao mesmo tempo, um grupo de universitários dos cursos de Museologia e História, da UFBA, desenvolverá uma pesquisa histórica levantando dados em fontes primárias e secundárias, nos arquivos municipais (Santo Amaro e Saubara) e estaduais (Arquivo Público do Estado). Além da pesquisa documental, usar as técnicas da História Oral e promover testemunhos orais, realizando ainda, um levantamento icnográfico, para detectar objetos de uso pessoal, mapas, fotografias, pinturas, imagens, etc.

Um grupo de universitários de Pedagogia e Letras desenvolverão paralelamente, reuniões nas escolas locais, orientando professores e alunos para:

- no ensino da Geografia, explorar a observação do meio ambiente natural e humano, através da leitura de mapas e da observação "in loco". Saber interpretar um mapa é imprescindível, pois é esta iniciação à cartografia, com vocabulário específico e compreensão dos símbolos, que permitirá aos estudantes o melhor aproveitamento da leitura de jornais ou revistas; em um mapa do município de Santo Amaro associar produção agrícola, porcentagem de população rural e índice de analfabetismo e analisar relação entre eles.
- No ensino da história, fazer a distinção entre testemunho como documento e testemunho como qualquer vestígio do passado. Professores e alunos, orientados, iriam tentar, na sua medida, realizar a tarefa de um historiador, isto é, construir pistas, caminhos para o estudo, através de vestígios do passado.

- na aprendizagem da língua portuguesa, aprender a conhecer textos literários e textos científicos na área de Ciências Sociais; perceber o que é documento ( lei, decreto, relato, crônica) com a finalidade de auxiliar na preservação, caso encontre na própria família ou em locais de trabalho de algum amigo ou parente, documentos sendo postos fora como objeto inútil.

Outro grupo estará incumbido de pesquisar o folclore; as tradições; os costumes da vida familiar, religiosa, social; o artesanato e as atividades produtivas.

Conforme o prazo determinado no cronograma que foi estabelecido, todo este trabalho será analisado e terá início a 2ª fase.

### 2ª Fase - Preparação do material

Nesta fase serão fotografados todos os objetos encontrados: documentos manuscritos; documentos impressos; livros; indumentária; móveis; objetos para uso no culto católico; peças de porcelana, cristal e prata; objetos de uso em atividades artesanais, agrícolas e de pesca; objetos de uso nas casas de fazenda e nas casas mais pobres; etc.

Após as fotos, haverá o arrolamento de tudo aquilo que vai fazer parte da exposição permanente, seja através de doação, compra ou empréstimo. Depois de estabelecido o processo, será feita a documentação correta e a numeração para o Museu e então, novas fotos para o acervo.

As primeiras fotos têm a função de inventariar tudo o que existe na região, mesmo que não possa fazer parte do museu. Sempre servirá como material ilustrativo.

Enquanto isto, o grupo de pesquisa histórica deverá estar analisando e microfilmando documentos para uso na exposição; o grupo de preservação ecológica, levantando por fichamento e foto todas as árvores, plantas, geologia do terreno, bem como os dados sobre clima, temperatura; o grupo de preparação e motivação dos moradores, organizando turmas de trabalho para a montagem do museu, ao tempo em que orienta a população quanto aos desvios no partido arquitetônico das residências.

Durante esta fase, os grupos organizadores deverão estar sempre atentos para despertar na população o interesse pelos teste



munhos da história local, explicando o que é a ciência histórica, os tempos na História, os termos mais usuais, em suma, familiarizando a comunidade com os conceitos e métodos científicos, preparando-a para conviver com o museu.

Os organizadores devem procurar dar uma visão do homem como ser histórico que se realiza no tempo; explicar conceitos como desenvolvimento, crescimento, cultura, democracia, aristocracia, população marginalizada, entre outros; mostrar como é importante para o indivíduo localizar-se no tempo e nas circunstâncias em que vive, a fim de ser capaz de criar e transformar seu meio ambiente, solidário com os demais indivíduos em função do crescimento qualitativo da comunidade.

### 3ª Fase - Planejamento da Exposição

A partir das informações e aquisições obtidas nas fases anteriores, será possível organizar o museu e suas exposições.

A capela tem três partes distintas: nave, sacristia e capela mor, sendo que a sacristia é dividida em duas salas separadas, ao lado da capela mor.

A nave é destinada ao período colonial incluindo a capela mor; a sacristia do lado direito, destinada ao período do Império e a sacristia do lado esquerdo, período Republicano.

Como 1ª etapa será programado o período colonial.

O Recôncavo Baiano tem sido bastante estudado e existe um consenso quanto à divisão em regiões distintas, em relação ao uso da área:

- zona do açúcar, localizada nas terras do massapê;
- zona do fumo, no alto Recôncavo, mais distante do litoral;
- zona de produção de gêneros alimentícios em pequena quantidade (mandioca, arroz) e criação de gado, espalhada descontinuamente, pelo Recôncavo Norte e Sul.

A área mais estudada tem sido a do massapê.

A análise destes documentos sobre uma fazenda de criação de gado vacum, em vasta região que se estendia até a orla marítima, torna-se mais interessante por sua singularidade e proporciona uma escolha de temas variados e atuais para a exposição permanente do Museu.

### Dados históricos

A fazenda Saubara, hoje distrito de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, fazia parte dos bens da família Caramuru, (Diogo Alves e Catarina Caramuru) que é a mais profunda raiz genealógica das famílias antigas da Bahia, conforme Wanderley de Pinho. (1)

A documentação mais antiga encontrada é o testamento do Padre Francisco de Araujo, bisneto de Caramuru pelo ramo da família de Genebra Dias (filha deste), datado de 1650, doando à Santa Casa de Misericórdia da Bahia as suas terras e os bens móveis e imóveis que nelas encontrassem.

Esta doação foi feita através do testamento do Padre dirigido ao Provedor da Santa Casa (vide Anexos) onde ele determina a maneira pela qual gostaria de ser sepultado, orienta quanto ao administrador que ficaria na fazenda, explica seus débitos e suas demandas, deixando junto um caderno de notas mais detalhado.

Outras partes do testamento falam do uso que se deve dar à terra, às florestas, aos escravos e aos índios.

Destas recomendações destacam-se:

"Não se arrende terras nenhuma por nenhuma maneira por razão dos matos nem dos pastos. Somente a minha família roçara capoeiras antigas arredadas do mar por razão das lenhas e matos, vendem mastros, vergas e alguns páos para se serrarem em bem da capella de modo que não haja estrago nem fação madeiras para barcos quer total destruição de matas para rendimentos da Capella, se trate criar muito gado vacum e outras crias que se derem nas terras que são minhas; farão \_\_\_\_\_, algodão, arrosaes e tabacos de sorte que o tempo for mostrando, a fazenda outrossim terá para sua serventia embarcação para bom aviamento e venda das cousas da Capella".

No caderno de aplicação, o Padre promove a alforria de alguns escravos,

"Cecília, minha escrava, deixo forra, a qual não desampare esta fazenda; a filha Bastiana dará ao Pae vinte mil réis e tanto que eu morrer leve-a logo para sua casa.

Rufina crioula rapariga fica forra sem gravame algum e ficará em poder de Luiz d'Araujo para ser doutrinada e casada; decla

---

1 - PINHO, Wanderley. História Social da Cidade do Salvador. Salvador, Prefeitura Municipal - 1968.

ro que lhe deixo para seu dote dez cabeças de gado vacum e lhe deixo um cobertor de pagão que tenho e a Cecília se dará uma vaca mansa.

Os índios da terra todos são forros se irão para onde quiserem."

Maria Soeira deixo forra e a sua filha Joana," enquanto recomenda sobre o uso de outros;

"... não me venderão escravo algum, antes se fôr necessário \_\_\_\_\_ sempre nem alugarão escravo algum às lavouras; contento-me com farinhas, algodão, arrozais e outras coisas e o meu feitor Luiz D'Araujo todos os annos dará conta ao Provedor da Casa ..."

Uma questão que não foi possível elucidar, diz respeito à data de morte do Padre Francisco de Araujo.

Em 09 de julho de 1650, foi feito o testamento e aprovado pelo tabelião Mathias Cardoso.

Em 20 de julho de 1652 é dado o cumpra-se do Juiz.

Em outro documento, chamado Auto de Posse, datado de 25 de fevereiro de 1652, o Provedor Baltasar d'Aragão d'Araujo ordena que seja tomada posse da Fazenda e seus bens:

"Saibão quantos este instrumento de auto de posse virem que no anno de nascimento de N. S. Jesus Christo de mil e seiscientos e cinquenta e dois annos aos vinte e cinco dias do mes de fevereiro nestes limites da Saubara nas casas que forão \_\_\_\_\_ Padre Francisco de Araújo onde eu Escrivão da Santa Casa de Misericórdia vim por ordem do Provedor Baltasar d'Aragão d'Araujo e mais irmãos da Mesa Conselheiros em companhia do Tesoureiro Alonso Marques a tomar posse e entrega de todos os bens móveis e de raiz, escravos, ouro e prata, curraes de gado, em virtude do testamento que o dito Revdº Pde Francisco d'Araujo defunto deixou e por herdeira e testamenteira a Santa Casa de Misericórdia e se tomar justa posse de todos os ditos bens que do defunto se acharem ..." (Livro 41, pag. 5)

Na lápide mandada instalar na capela de Bom Jesus, pela Santa Casa, consta que o padre faleceu em 20 de fevereiro de 1659.

Wanderley de Pinho em sua História Social da Cidade do Salvador cita a lápide como tendo gravado o anno de 1669. Aqui eviden

temente, trata-se de erro tipográfico na transcrição do número do ano, mas entre a lápide e os documentos há uma distância de quase oito (08) anos, pois se em 1652 o Padre já estava dito como defunto, ele pode ter morrido entre os anos de 1650, 1651 ou início de 1652.

Ou, quem sabe, terá morrido verdadeiramente em 1659 e a Santa Casa de Misericórdia tomou posse das terras antes do falecimento?

Após o Auto de Posse, a Santa Casa faz o termo de depósito e entrega ao feitor designado pelo Padre, que era Luiz d'Araujo, juntando ao termo o inventário (vide anexo) onde consta a divisão da fazenda em quatro (4) currais de gado, com pessoas e gado neles nomeados.

Havia um número certo de escravos e gado para cada curral:

- curral de Tugeirumo (algumas vezes citado como Jurumu) - Jorge, Victoria sua mulher e Antonio Moleque e 30 cabeças.
- curral de Sinhahuma (algumas vezes citado como Inhaúma) - Domingos crioulo e 24 cabeças.
- curral de Goasaipe (algumas vezes citado como Guaraipe) - André Soeiro mulato, Francisca sua mulher, Agostinho crioulo, Gregório moleque e 34 cabeças.
- curral de Saubara - Gaspar negro, Suzana sua mulher e 46 cabeças.

Este quadro foi aos poucos se modificando, em função dos interesses da Santa Casa.

Havia, também, um curral de ovelhas com 13 cabeças e um escravo (não tem citação mais esclarecedora) e um curral de cavalgaduras com 02 cavalos e 01 égua.

Além dos escravos citados havia mais 29 escravos adultos, sendo 12 homens e 17 mulheres e as "crias pequenas" (crianças) eram 07 meninos e 02 meninas.

Da fazenda saíam produtos para abastecer o Hospital da Santa Casa, geralmente transportados por mar. Seguiam para Salvador beijus, carimãs, madeira (paus), farinha, café, fumo, algodão, carne bovina, aves e tijolos fabricados em Saubara.

A partir de 1653, seguiam para o hospital, oito tarefas de lenha e oito milheiros de tijolos, anualmente.

Em 04 de outubro de 1656 foi decidida, pelos Irmãos da Santa Casa a dispensa do feitor Luiz de Araujo devido a

"... muitos descaminhos que fazia na dita Fazenda e que atualmente estava na dita Fazenda lenhas à beira-mar e roçaria, indo contra a disposição do testamento do Rev. Padre Francisco de Araujo, que deixou a dita Fazenda a esta Santa Casa com obrigação de se não roçar à beira mar, nem fazer lenhas" ...

"... além disso desencaminhava o gado e marcava os negros com marcos dos bois e os castigava rigorosamente e fazia outras vexações muito grandes e não acudia a esta casa com os beijos e lenha a que se obrigara tinha feito muito grandes faltas de que sempre houve muitas queixas em todas as mesas dos anos passados ..."

Houve uma série de feitores e cada um deles permanecia por períodos entre três e cinco anos, sempre despedidos por força de má administração e "maus tratos com os escravos", sendo que um deles foi despedido porque a mulher era "terrível, açoitava os escravos em demasia e mandava no marido". (Livro dos Acórdãos nº 13).

Contrariando o testamento do Padre, que expressou o desejo de não se arrendarem terras em Saubara, a Santa Casa arrendou diversos sítios, pelo prazo mínimo de 03 anos (não se observou nenhum documento com prazo menor, nos livros pesquisados) e máximo de 09 anos, pagando a renda anualmente, em dias de São João ou Natal, porque eram dias festivos e todos vinham a Salvador nestas épocas.

Quase todos os rendeiros se declaravam pobres.

No período de 02.01.1652 a 13.08.1666 foram encontrados a certos de 58 rendeiros, onde se observou:

- profissão -

- 02 calafates
- 01 confeiteiro
- 03 caldeireiros
- 02 carapina
- 02 oleiro
- 01 alferes
- 47 sem indicação

## - sítios

Guasupiranga - 02  
 Inhaúma - 02  
 Guaraípe - 06  
 Paramerim - 03  
 Barra do Paraguaçu - 02  
 Sem indicação - 43

## - proprietários de escravos

04 reдеiros com 01 escravo  
 03 reдеiros com 02 escravos  
 04 " " 03 "  
 02 " " 04 "  
 02 " " 05 "  
 03 " " 06 "  
 40 sem indicação

## - produção

63.000 covas de mandioca  
 02 casas de aguardente  
 tabaco  
 roça simples  
 02 olarias

## - renda anual a pagar -

Na tabela a seguir constam nomes de reдеiros e os respectivos pagamentos anuais. Observa-se a quase totalidade de pagamentos em dinheiro e aves. Não há citação quanto à entrega de beijús ou farinhas, embora todos os termos autorizem e limitem os números de covas de mandiocas. No Livro de Contas do Patrimônio, há algumas citações sobre o recebimento de beijús, bastante deterioradas e quase ilegíveis.

## RENDA ANUAL A PAGAR

DATA	NOME	PAGAMENTO
02.01.1652	Manoel Gomes	5000   000
02.01.1652	Pero André	3 alqueires farinha
02.01.1652	Manoel Sardinha	10000   000
02.01.1652	Julião Saraiva	2 alqueires farinha/1 galinha
02.01.1652	Isabel Matos	6 alqueires farinha
02.01.1652	Julião	2 alqueires farinha
02.01.1652	Simão Dornelas	2 alqueires farinha/1 galinha
02.01.1652	Antonio Dias	5000   000
18.06.1652	Domingos Araujo	6000   000
20.08.1652	Francisco Figueredo	7000   000
06.10.1652	Sebastião Garcia	3000   000
15.11.1652	Manoel Gonçalves	3000   000
18.10.1656	Antonio Pinheiro	2 galinhas/2 frangos
18.10.1656	Antonio Lopes	10 galinhas
27.11.1656	João Abreu	galinhas
27.11.1656	João Pires	8000   000
29.11.1656	Luis Aires	12 galinhas/4 frangos
29.11.1656	João Nogueira	10 galinhas/12 frangos
10.12.1656	Jerônimo Ferreira	08 galinhas
13.12.1656	Manoel Vieira	3000   000/3 galinhas
?	João de Abreu	4000   000/2 galinhas
?	João Pires	16000   000
01.01.1657	Manoel Cardoso	9000   000
03.05.1657	Bento Rodrigues	2000   000/2 galinhas e um frango
?	Pero Lopes	2000   000
01.08.1657	Simão Dornelas	2 alqueires de farinha/4 galinhas
.. 08.1657	João M. Rocha	6 galinhas
23.08.1657	Francisco Gonçalves	20000   000
23.08.1657	Roque Rodrigues	16000   000/2 galinhas
23.08.1657	Augusto de Lima	4000   000
23.08.1657	Antonio Vieira	8000   000/2 galinhas
?	Álvaro de Matos	2000   000
26.08.1657	Antonio Gonçalves	3000   000/6 galinhas
29.08.1657	Antonio Alves/P.Cunha	14000   000
29.08.1657	Manoel Gomes/Dormondo	9000   000
04.09.1657	Sebastião Garcia	6000   000/2 galinhas
?	Francisco Nunes	01 cruzado/03 galinhas
11.09.1657	Antonio Pereira	6000   000/03 galinhas
11.09.1657	Mathias Vaz	6000   000/2 galinhas
01.10.1657	Domingos Couto	4000   000/80 tijolos
03.10.1657	Antonio Amorim	4000   000
05.10.1657	Antonio Dormondo	5000   000
05.10.1657	João Silveira	7000   000
19.10.1657	Miguel Leitão	12000   000
07.02.1658	Francisco Oliveira	8000   000
07.07.1658	João Gomes	2000   000
26.08.1659	Manoel Bulhões	15000   000/2 galinhas
26.08.1659	Francisco Costa	2000   000/2 galinhas
12.10.1659	João N. Rocha	10 patacas
12.11.1659	Manoel Vieira	6000   000
14.11.1660	Manoel da Silva	10000   000/2 galinhas
14.11.1660	Belchior Madeira	2000   000
31.10.1661	Manoel de Freitas	5000   000
06.12.1662	Braz de Castro	10000   000
13.11.1661	André Lopes	2000   000/3 galinhas
20.11.1661	Domingos Pinheiro	6000   000
08.10.1662	Brás Martins	6000   000
02.04.1664	João Francisco	2500   000

No livro das Instituições, no. 211, consta na folha 43, o seguinte:

" Hua fazenda sita na Saubara intitulada o Snor Bom Jesus a que se deo o valor de 5000 || 000 por ela. Regularão presente a qual pertence ao Instituidor o Pe. Francisco d'Aro que lhe vai debitada em sua conta ger. fs. 83 5000 || 000

Folha 83:

1773 "Pelo valor da fazenda do Bom Jesus da Saubara que existe  
Jan. 1 e é do mesmo testador, por hua presente regulação segundo o rendimento líquido presente 5000 || rs porem na realidade há muitas opiniões de que tem maior valor, porem presente mente é para cálculo do tombamento não faz prejuízo algum o referido valor que se lhe dá de 5000 || 000.

No livro 818, num total de 110 folhas, estão anotados as sentamentos de rendeiros do período 1786-1792, apenas no que diz respeito a tempo e valor. Não há qualquer indicação de produção, mão-de-obra ou profissão.

É de se observar que em nenhum momento foi possível detectar limites das terras em qualquer das duas séries de documentos (1650-1666 e 1786-1792); não há citações dos limites da fazenda nem dos sítios arrendados, exceto uma posse de Marinho de Castro que diz "sítio no riacho de Paratigipe de uma banda como de outra de do sul até a tapêra onde esteve Francisco d'Araujo d'Aragão e do norte a passar a camboa velha, que é sítio mais pequeno e limitado e a mesma largura ao sertão e porquanto ele suplicante e sua mulher são velhos se querem acomodar junto à Igreja para se encomendarem a Deus e ouvirem as missas". (livro 41, pag. 70).



A Capela de Bom Jesus foi construída em 1623 e sofreu algumas reformas em fevereiro de 1660 (Livro de Acórdão nº 13), ampliando-se o comprimento, permanecendo a mesma largura; a obra só terminou em 15 de junho de 1668.

Não foram encontrados desenhos ou plantas da época, só descrições.

Não há informações precisas de quando e por quanto a Santa Casa vendeu a Fazenda. Sabe-se apenas que em 1920 as terras de Saubara, ao redor da Capela do Bom Jesus pertenciam a Manuel Astério Pimentel, sendo a fazenda deste, chamada Guanabara.

#### 4ª Fase - Temário

Tomando como base esta documentação anterior, a exposição será desenvolvida da seguinte maneira:

- a) fazer a árvore genealógica de Caramuru, localizando a família do Padre Francisco de Araujo;
- b) compor um texto sobre a Igreja no Brasil Colônia, o significado do padre secular, os ritos, a indumentária;
- c) organizar cronologicamente a história de Saubara, intercalando com peças e fotos entre os documentos, de modo a não cansar o visitante;
- d) fazer maquete do distrito situando os principais pontos de referência e, na medida do possível, assinalando os pontos referenciais do passado e os limites do distrito; situar Saubara em relação à Bahia e ao Brasil, através de mapas ampliados;
- e) elaborar textos sobre a Bahia Colonial, especialmente, acontecimentos relativos àquela região do Recôncavo;
- f) confeccionar modelos, desenhos ou pinturas sobre usos e costumes da Bahia Colonial;
- g) explicar o vocabulário da época, que aparece nos documentos, em textos suscintos, ao lado de cada grupo de documentos;
- h) expôr objetos iconográficos, explorando material, estilo e técnica, além de orientar quanto à função deles no passado e no presente (imagens, gravuras, desenhos, pinturas, mapas ilustrados)
- i) fazer quadros estatísticos comparativos de épocas:

- produção de farinha em 1650 - 1750 - 1850
- nº de escravos (ídem)
- quadro comparativo do pagamento anual dos rendeiros nos séculos XVII, XVIII e XIX
- j) fazer fotos e reconstituições a bico de pena do interior de uma fazenda do Sec. XVIII;
- l) expor (originais, reproduções ou fotos) móveis, indumentária, vestes sacerdotais, objetos sacros, reconstituindo a capela-mor;
- m) explicar com textos e fotos, o papel da Santa Casa de Misericórdia da Bahia na história da Saubara;
- n) fazer quadro comparativo do regimento dos feitores e a legislação atual para zonas rurais (administração e rendeiros)

#### Operacionalização

Sempre que possível, produzir todo o material de apoio à exposição na própria comunidade, valendo-se de artifices, ourives, carpinteiros, pintores, pedreiros, fotógrafos, eletricitas, encaixadores, professores de 1ª, 2ª e 3ª graus, rendeiras, pescadores, capelão, costureiras, etc...

Usar o pessoal técnico-científico da Universidade Federal da Bahia para os serviços de coordenação.

Angariar recursos na Prefeitura Municipal, Universidade Federal, Governo do Estado, Secretaria de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Santa Casa de Misericórdia e particulares ou empresas interessadas no projeto.

Elaborar o cronograma de trabalho a partir da confirmação do apoio dos órgãos convidados para vinculação efetiva no projeto.

As fases de Império e República serão programadas imediatamente à execução desta, que terá o efeito de um plano inicial.

Atitudes que deverão ser tomadas após a montagem do Museu:

- formação de um clube de amigos para manutenção dos monumentos e suas imediações;
- Organização de um grupo de trabalho na Prefeitura e Cartórios com finalidade de catalogar e manter documentos segundo normas técnicas;

- Criação do grupo em defesa da ecologia (água, terra e ar)
- Formação do Clube do Vovô, destinado a ocupar pessoas idosas no ensino de tradições, lendas e trabalhos manuais, valorizando as sim, a experiência e vivência do idoso na sociedade;
- Organização do Centro de Artesanato, para recuperar as técnicas esquecidas na memória coletiva ( as rendas, as redes, os cestos de palha, a carpintaria)
- Organização do Grêmio Literário e Artístico, para incentivar pes soas da região nas áreas de música, literatura, teatro, artes plásticas.

O museu deverá ser mantido pela Prefeitura em convênio com entidades afins, que possam apoiar projetos paralelos e complemen tares sobre a restauração e manutenção de monumentos, sítios his tóricos e objetos.

C O N C L U S Ã O

## CONCLUSÃO

O estudo sobre a contribuição dos museus para o desenvolvimento social, mostrou que três aspectos distintos, mas em íntima conexão, são pontos fundamentais para a compreensão do assunto:

- a análise dos conceitos de desenvolvimento, educação e museu;

- a análise das funções das ciências sociais no mundo contemporâneo e

- a percepção da função social do museu como parte do processo educacional e conseqüentemente, da evolução social.

O conceito de desenvolvimento tem sido bastante discutido por várias correntes ideológicas. Todas elas estão preocupadas em encontrar o "point-of-spirit" que gera o conceito; algumas o entendem como crescimento econômico acelerado e conseqüente melhoria das condições de vida da população; outras o tomam por crescimento social igualitário, onde oportunidades iguais de mudança no status social seriam possibilitadas; outras ainda sugerem que desenvolvimento é a superação de "fases naturais" pelas quais as sociedades necessitam passar para atingir um estágio mais "avançado".

Da mesma maneira, a vinculação da educação com o desenvolvimento tem contribuído para outra série de discussões sem propostas definidas. Educação tem se confundido com modernização, com crescimento de renda "per capita" com transformação da sociedade para obtenção de justiça, igualdade social, chances de elevação para todos os indivíduos.

Os museus, neste processo de tentativa para identificar educação com desenvolvimento, não tem tido nenhum outro papel além daquele de "transmissor cultural", isto é, guardião de valores, muitos deles símbolos parciais de uma determinada cultura.

As vinculações ideológicas dos conceitos foram analisadas no decorrer do estudo, as implicações que elas possam trazer para a sociedade são amplamente discutidas nos meios universitários do país; mudanças sugeridas pelas Ciências Sociais têm sido parciais e limitadas.

A comunidade internacional tem procurado o que seria a mola propulsora do desenvolvimento.

Existem muitas espécies de sociedades, cada uma com suas

próprias transformações e critérios para o desenvolvimento.

Não se consegue encontrar uma linha comum para o desenvolvimento que integre as diversificadas formações sociais a partir de resoluções políticas, econômicas, sociais, em suma, históricas.

Só é possível entender o ponto de contato do processo de desenvolvimento que seja viável para todas as sociedades, pelo aspecto humano.

Todas as pessoas, sem qualquer distinção, nascem, vivem e morrem. Muitas delas não têm sequer um tempo para crescer socialmente; morrem tal qual nasceram. Mas todos os indivíduos têm direito inviolável à dignidade humana; é um princípio universal que não admite exceções. Todos os indivíduos têm direito ao respeito e à solidariedade.

Não se fazem países e nações apenas com poderio econômico, político ou com inexistência de classes sociais; se não houver respeito pela dignidade a que cada ser humano tem direito, se não houver autenticidade e amor nas atitudes entre indivíduos não será possível encontrar o caminho para o desenvolvimento.

Qualquer que seja a razão da diferenciação entre as sociedades ela pode ser solucionada por meios políticos, técnicos, econômicos, sociais, religiosos, por uma infinidade de meios, a partir de consenso entre as comunidades internacionais, de colaboração através de intercâmbios e convênios que auxiliem a superar as diferenças.

Mas, se não houver amor, traduzido em interesse verdadeiro, corajoso e leal pelo outro ser humano, se não houver disponibilidade para tomar o lugar do outro e sentir suas dores, não haverá crescimento.

As atitudes dos indivíduos não podem ser tomadas em função de si mesmos ou de seu pequeno grupo de amigos. Elas precisam ser atitudes coletivas, de desprendimento, de "um pensar mais além".

Muitas das realizações do "hoje" só terão fruto em um "amã" e as pessoas passam pela vida sem perceber o valor positivo ou negativo de sua contribuição.

Cada ser humano é responsável por si mesmo, mas também pelos outros.

Cada ação tem resultados a curto, médio e longo prazo e não se pode esquecer de nenhum deles.

Uma atitude agressiva hoje, outra amanhã e sucessivamente, gera mentes agressivas nas gerações futuras, possibilita regimes autoritários, violência urbana, guerras, tal como ocorre atualmente.

Se não houver uma conciliação mundial em busca de atitudes pacifistas e solidárias, a geração que está se formando hoje, nesse emaranhado tecnológico que a atinge maciçamente insensibilizada por preconceitos, aos valores de verdadeira expressão humana no passado dos povos, terá poucas chances de escapar da auto-destruição do choque com o futuro, em razão direta do desequilíbrio interior e exterior no qual foi formada.

A partir daí é legítimo conceber a sociedade como sendo, toda ela, uma situação educativa e sem minimizar as demais ciências, cabe às ciências sociais um papel relevante.

"Isso significa que no mundo contemporâneo, a necessidade de maior e mais eficaz aproveitamento das ciências sociais se estende do campo da "aplicação" ao da "educação". Através do ensino das ciências sociais poderemos preparar as gerações novas para viver em segurança e em liberdade; pois é da aquisição de conhecimentos por elas obtidos que dependem, cada dia que passa, de modo mais acentuado, as possibilidades de conduta racional". (Florestan Fernandes).

Significa que, preparando-se o homem para escolher compativelmente com seus interesses reais, os valores com os quais se identifique de fato, a sociedade, em seu processo educacional, estará tornando possível a existência de um novo homem, o qual irá contribuir construtivamente no estabelecimento do equilíbrio individual e social.

O ensino das ciências sociais torna claro para os indivíduos a dinâmica dos movimentos sociais, a formação das sociedades e seus propósitos e assim, possibilita escolhas mais conscientes e fundamentadas, quanto aos caminhos para promover a dignidade individual e a paz coletiva.

Exatamente neste ponto, encontram-se novamente desenvolvimento, educação, museus.

Os novos museus históricos são a forma mais simplificada e ágil de ensinar ciências sociais a uma comunidade, sem incorrer na teorização própria aos meios universitários.

Estes museus são meios de sensibilizar a população pelos valores do passado e do presente, não permitindo a defasagem entre estes e as perspectivas futuras.

Os museus históricos tradicionais devem procurar estes no vos rumos, deixando de lado suas características de templos sacra lizados, tornando-se organismos vivos que acompanham o desenvolvi mento social, contribuindo como parte da infra-estrutura de apoio à educação.

Os museus de história dos anos 80 deverão ser instituições revitalizadas e revitalizantes em constante busca de melhores for mas de incorporação ao processo dinâmico da evolução social.

Muitos dos novos museus não são instituições acabadas, pron tas; pelo contrário, estão buscando a renovação, mas já encontra ram seu próprio caminho.

O Brasil, país com população predominantemente jovem, tor na-se dependente da compreensão e aplicação desta nova filosofia museológica, para enfrentar os fantásticos desafios históricos que já se apresentam.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - AEBLI, Hans. A compreensão de objetos. In: \_\_\_\_\_. Prática de Ensino. formas fundamentais de ensino elementar, médio e superior. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 152-167.
- 2 - ALBUQUERQUE, Manuel Maurício de. Pequena história da formação social brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1981. 728 p.
- 3 - ALDERSON, William T. The objectives of historic site preservations; historic buildings as museums. Museum, Paris, 27(3):101-104. 1975.
- 4 - ASSOCIAÇÃO Brasileira de Educadores Lassalistas. Plano Educacional. Niteroi, Instituto Abel, 1974. 142p.
- 5 - AUER, Hermann. Le musée de sciences exactes et naturelles; problèmes et perspectives, quelques réalisations. Museum, Paris, 26 (2): 68-71. 1974
- 6 - ANDREONI, João Antonio (André João Antonil) - Cultura e Opulência do Brasil, São Paulo, C.E.N., 1967.
- 7 - BAHIA. Governo do Estado. Secretaria de Educação e Cultura. Programa de Integração museu-escola; Museu de Arte da Bahia. Salvador, 1979. Folheto.
- 8 - \_\_\_\_\_. Programa de integração museu-escola; Museu de Arte Moderna da Bahia.
- 9 - BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. IPAC-Ba. Inventário de proteção do acervo cultural; monumentos e sítios do Recôncavo. 2.ed. Salvador, 1982. part 1.
- 10 - BALASSA, Ivan. Traditional and historical agriculture in museums. Museum, Paris, 24 (3) 1972.
- 11 - BARAMKI, D. The museum and the student. In: INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS; eight general conference. Munich, 1968, p.30-34.
- 12 - BARATA, Mário. Resumo da comunicação: os museus gerais e os museus especializados, sua importância... Salvador, Bahiatursa, PROPREPAC/APLAN, 1974. 4 p. mimeogr.
- 13 - BARROS, Samuel Rocha. Estrutura e funcionamento do ensino de 2º. grau de acordo com a reforma do ensino de 1º. e 2º. graus: Lei no.5.692/71. 2 ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980. 346p.
- 14 - BAY, Aun. Getting decent docent. Museum News: the Journal of the American Association of Museums. Washington D.C., 52 (7): 25-29, Apr.1974.
- 15 - BERNARD, Diego. The Argentine Institute of Museology/l'Institut Argentin de Museologie. Museum, Paris, 22 (1) 1969.
- 16 - BIRÓ, Friderika. The protection of monuments of traditional architecture and open-air ethnographical museums in Hungary. Museum, Paris, 32(4): 208-217. 1972.
- 17 - BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Museu Nacional de Belas Artes. Binômio: museum e educação. 2. ed. Rio de Janeiro, 1969. 15p.
- 18 - BURCAW, Ellis G. Introduction to Museum Work. Nashville, the American Association for State and Local History. 1975. 202p.
- 19 - CAMERON, Duncan F. Nuevos museos para nuestra época; como suscitar la creación en el público. El Correo; Paris, 23, oct. 1970 p.26-42
- 20 - CARDOSO, Ciro Flamaron & BRIGNOLI, Hector Pérez. Os métodos da História. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979. 528 p.

- 21 - CARRAZZONI, Maria Elisa, coord. Guia dos museus do Brasil. 2a.ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura"AGGS, 1978. 167 p. il. (Guias Culturais Brasileiros, 1)
- 22 - CALDAS, José Antonio. Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759: ed.fac., Salvador. Tip. Beneditina, 1951 e R.I.H. Baiano tomo 57.
- 23 - FEBVRE y Leuillot. La enseñanza de la historia y de la geografía. Buenos Aires, Ed.Nova, 1958.
- 24 - GRACIANI, Maria Stela Santos. O ensino superior no Brasil; a estrutura de poder na Universidade em questao. Petropolis, Vozes,1982.
- 25 - GUICHEN, Gaël de. Museus: adequados a abrigar coleções? Trad. de Waldisa Russio. São Paulo, Museu da Indústria, Comércio e Tecnologia, 1980. n.p. (Coleção Museu & Técnicas,1)
- 26 - INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS. Subsídios para implantação de uma política museológica brasileira. Recife, 1976. 58p. (Série Documentos, 5)
- 27 - The INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Statutes. Coimbra, Portuguese National Committee, 1969, 16.p.
- 28 - ISAR, Yudhishtir Raj. Patrimoine industriel et société contemporaine; Colloque international, tenue à l'Écomusée de la communauté urbaine Le Creusot - Montceau-les-Mines. Museum, Paris, 29 (4): 240-242. 1977.
- 29 - JEANNOT-VIGNES, Bernard. La collect ethnographique; expérience l'Écomusée de la communauté urbaine Le Creusot - Montceau-les-Mines. Museum, Paris, 28 (3): 159-165. 1976.
- 30 - LACOMBE, Américo Jacobina. Introdução ao estudo da História do Brasil. São Paulo, Nacional, 1974. 208p.
- 31 - MUSEUM. Le musée africain à la recherche de son avenir.Paris, v.28, n.4,1976.
- 32 - MUSEUM. Musée et interdisciplinarité. Paris, v.32, n.1/2, 1980.
- 33 - MUSEUM. Museums, heritage and cultural policies in Latin America and the Caribbean. Paris, v.34, n.2, 1982.
- 34 - MUSEUM.Problèmes du musée d'art contemporain en Occident. Paris, v.24, n.1, 1972.
- 35 - MUSEUM. Rôle du musée dans l'Amérique Latine d'aujourd'hui. Paris, v.25, n.3, 1973.
- 36 - MUSEUM. Le musée dans les Iles du Pacifique; essai de justification métaphisique. Paris, v.30, n.2, 1978.
- 37 - MUSEUM. Le musée et l'enfant. Paris, v.31, no. 3, 1979.
- 38 - MUSEUM. New techniques in displaying traditional objects. Paris, v. 27. n.1, 1975.
- 39 - MUSEUM. The modern, living museum. Paris, v. 27, n.2, 1975.
- 40 - NOUVELLES DE L'ICOM; bulletin trimestriel du Conseil International des Musées. Paris, v. 33, no.4, 1980.
- 41 - \_\_\_\_\_ . Paris, v. 34, n. 2, 1981.
- 42 - \_\_\_\_\_ . Paris, v. 35, n. 1, 1982.

- 43 - NOUVELLES DE L'ICOM; bulletin trimestriel du Conseil International des Musées. Paris, v.35, n.2, 1982.
- 44 - NETO, Zahidé Machado. Quadro sociológico da civilização do Recôncavo. Salvador. Centro de Estudos Bahianos.n. 71 . 1971.
- 45 - SCHNEIDER, Erezén. La voie du musée, exposition au Musée Norave, Brno. Museum, Paris, 29 (4): 183-189. 1977.
- 46 - STOLOW, Nathan. La Conservation d'exposition: récents développements, politiques et orientations. Museum, Paris, 29 (4): 192-205. 1977.
- 47 - TOUCET, Pablo. The Museum of Niamey and its environment. Museum, Paris, 34 (4): 204-207. 1972.
- 48 - \_\_\_\_\_. Um museu original, a céu aberto. O Correio, Rio de Janeiro, n.4, 32-35. 1975.
- 49 - UNESCO. Preserving and restoring monuments and historic buildings. Museums and monuments. Paris, n. 14, 267 p., 1972.
- 50 - UNESCO. La conservation de los bienes culturales. Museums y monumentos. Paris, n. 11, 347 p., 1969.
- 51 - UNESCO. The organization of museums - practical advice. Museums and monuments. Paris, 189 p., 1974.
- 52 - VALLADARES, José. Museus para o povo; um estudo sobre museus americanos Bahia, Secretaria de Educação e Saúde, 1946. 105 p. (Publicações do Museu do Estado, 6).

EM TEMPO:

- 3A - ALMEIDA, Fernanda de Camargo e. Guia dos Museus do Brasil. Rio de Janeiro, Expressão Cultura/AGGS, 1972, 295 p.
- 3B - ANGOTTI, Thomas. Planning the open-air museum and teaching urban history; The United States in the world context. Museum, Paris, v. 34, n. 2, 179-188, 1982.
- 14A- BENOIST, Luc. Musées et museologie , 2 ed. Paris, Presses Universitaire de France. 1971, 127 p.
- 22A- DEACON, John. O museu vivo de Ndebele. Panorama, Africa do Sul, n. 69, 1983 p.6-7.
- 25A- HERBST, Wolfgang. Le musée d'histoire face au développement de la science historique. Museum, Paris, 29 (2/3) 1977. p.61-69.
- 29A- KUSTOV, Michael. Situation et problèmes de certains musées d'art contemporain. Museum, Paris, 24 (1), 1972.33-57 p.
- 30A- LEITE, José Roberto Teixeira. Os museus brasileiros vão mal, obrigado. Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 1973.
- 30B - M'BOW, Amadou-Mahtar. Metas para o futuro. O Correio. Rio de Janeiro. Ano 5, n. 5. 1977.p. 6-13.
- 44A - READ, Herbert. Educacion por el arte. 2 ed. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1959, 341 p.

A N E X O S

<b>REPÚBLICA F. do BRASIL</b>		INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL	<b>IPAC</b>	<b>MONUMENTO</b>	IPAC Nº. BR 132117-1.0-10.041
<b>CONVÊNIO SEPLAN-ESTADO DA BAHIA</b>		Órgão EXECUTOR <b>SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO</b>	-	<b>COORDENAÇÃO DE FOMENTO AO TURISMO</b>	<b>PROJETO PATRIMÔNIO HISTÓRICO</b>
Região: Nordeste		Estado: Bahia	Município: Santo Amaro		Distrito: Saubara
Localização: Bom Jesus dos Pobres		Denominação: CAPELA BOM JESUS DOS POBRES			Cadastro Imobiliário:

Situação e Ambiente: A capela de Bom Jesus dos Pobres esta localizada no povoado do mesmo nome, a beira da Baía de Todos os Santos. Dela se descortina parte da baía tendo como fundo o perfil da cidade do Salvador. As fachadas posterior e lateral esquerda estão voltadas para o mar. Em frente à fachada principal, existe um cruzeiro sobre pedestal de alvenaria. Próximo à capela, está um correr de casas terreas voltadas para a praia.

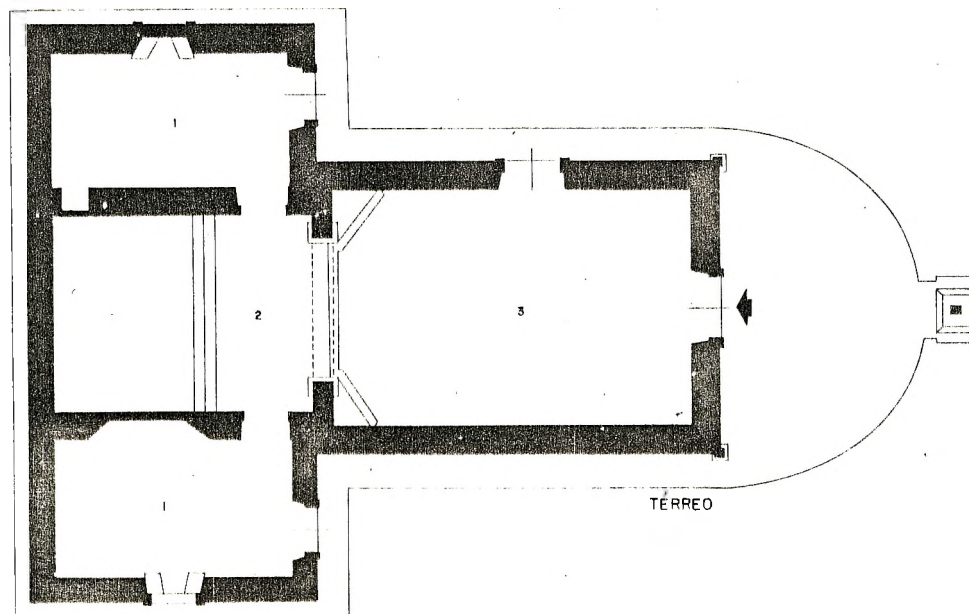
Epoca: Seculo	17 M	I - início	M - meados	F - final	Utilização atual: culto eventual	1637	Area construída: 1016,3 m <sup>2</sup>
---------------	------	------------	------------	-----------	----------------------------------	------	--

Descrição: Edifício de relevante interesse arquitetônico. Recobre o corpo principal telhado de duas águas terminado em beirais de cornija. A fachada principal possui uma porta e três janelas de coro. Um frontão recortado ladeado por dois corruchêus coroa a composição. A fachada posterior está dividida em três partes por pilastras. O corpo central, em 1940 foram abertas recentemente duas janelas muito esbeltas, culmina com um frontão triangular ladeado por corruchêus. O interior é modesto. A nave é telha-vã e a capela-mor possui forro novo de madeira em abóbada. Os altares são novos, de alvenaria. O coro já não existe. As sacristias possuem janelas com conversadeiras. A do lado direito teve sua janela entalpada o mesmo ocorrendo com uma grande janela que ligava a capela-mor à sacristia esquerda. A capela ainda conserva lápide de lioz com a seguinte inscrição: "Sepultura do Pe. Francisco de Araujo, fundador desta capela (que) faleceu em 20 de fevereiro de 1659. Esta sepultura lhe pôs a Santa Casa, administradora de seus bens, sendo provedor o coronel Francisco Gil de Araujo, no ano de 1669".

Estado de Conservação	A Satisfatório	Mar 76	Estrutura Portante	A	Elementos Secundários	B	Cobertura	A	Interior	B	Instalações e Serviços	C	Salubridade	A	Grau de Proteção	IPAC 1
Proteção existente:	Nenhuma										Proteção proposta:	Tombamento Estadual				



Elementos de identificação gráfica e fotográfica



IPAC/ Ba.

LEGENDA/ USO ATUAL

- 1 - SACRISTIA
- 2 - CAPELA MOR
- 3 - NAVE

0 5m

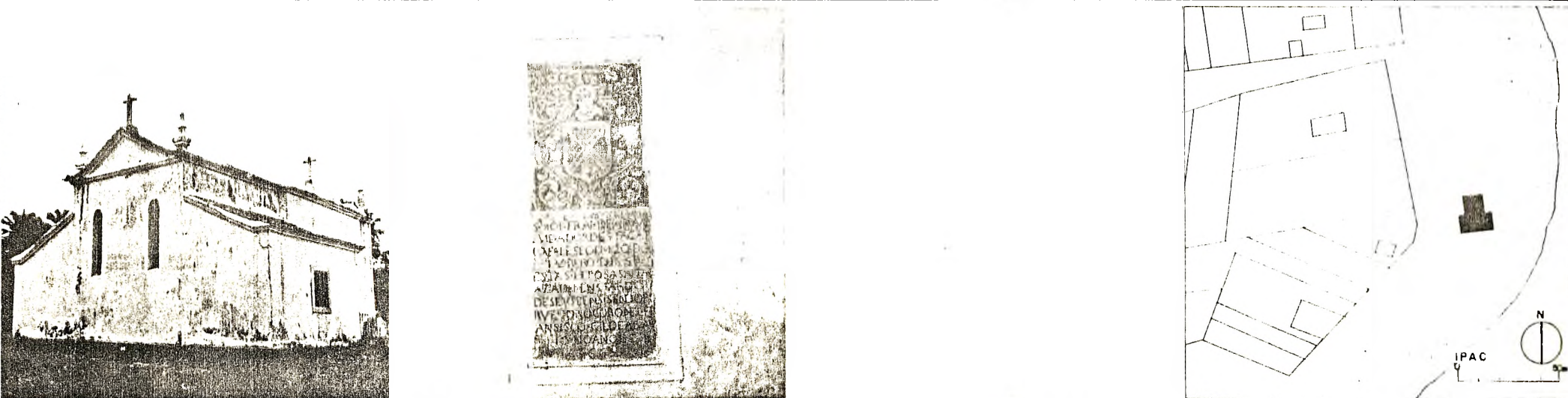
Observações:

Compilada por: Equipe PPH/CFT Data: Mar. /76  
 Conferida por: Esterzilda B. de Azevedo Data: Ago. /78  
 Revista por: Paulo O. D. de Azevedo Data: Set. /78

As informações contidas deste lado da ficha são indispensáveis a qualquer medida de proteção. Os dados do verso tem caracter complementar.

Dados tipológicos	Dados cronológicos	Dados técnicos
<p>Capela com partido em "T", muito utilizado no século XVII mas que se manteve em voga até o século XVIII, especialmente na zona rural. Nos exemplos mais antigos, como a antiga igreja da Palma de Salvador, não existia coro. No edifício em análise, a presença de cercaduras de cantaria apenas nos vãos do pavimento terreo sugere que o corpo principal deste edifício teria sido ampliado verticalmente para inclusão de um coro, provavelmente do século XVIII, época do seu atual frontão. Embora entaipada, este edifício conserva a janela de ligação da capela-mor com uma das sacristias, elemento típico, no Recôncavo, das capelas rurais, em especial de engenho. Estes vãos eram usualmente guarnecidos de gelosias e serviam a proteger as mulheres dos olhos masculinos durante as cerimônias religiosas.</p>	<p><b>Histórico arquitetônico:</b>                  Sec. XVII - No segundo quartel deste século, o clérigo - Francisco de Araujo, bisneto de Diogo Alvares e Catarina Caramuru, mandou construir, no local de Bom Jesus dos Pobres, uma capela. Era, então, proprietário daquelas terras e grande criador de gado.</p> <p>1650 - Neste ano, o Pe. Francisco de Araújo doa à Santa Casa de Misericórdia da Cidade do Salvador as suas fazendas, inclusive a capela.</p> <p>1659 - Em 20 de fevereiro, faleceu e foi enterrado na capela o padre Francisco de Araujo, conforme lápide fixada na parede da nave.</p> <p>1669 - A Santa Casa de Misericórdia homenageia o fundador da capela, mandando executar sua lápide funerária.</p> <p>1926 - Segundo informação da população local a propriedade, até então de Manoel Asterio Pimentel, foi vendida a Domingo Manoel de Oliveira.</p>	<p><b>Sistema construtivo e materiais:</b> Construção em paredes autoportantes de alvenaria de pedra que suportam telhado com estrutura de madeira.</p> <p><b>Restaurações e intervenções realizadas:</b></p> <p>1975 - Neste ano, foram feitas obras de limpeza e reparos gerais.</p>
<p>Características especiais:</p>	<p>Utilização proposta:</p> <p>Utilizações possíveis:</p>	<p><b>Restauração necessária:</b> Preservação da ambiência, reparos gerais e limpeza.</p>

Documentação complementar e situação



Bibliografia básica: PEDREIRA, Pedro Tomas, *Memória Histórico-Geográfica de Santo Amaro*, Brasília, 1977; BULCAO SOBRINHO, Antonio de Araujo de Aragão, *Famílias Baianas*, 2ª vol, Salvador, Imprensa Oficial da Bahia, 1946. PLAN TA executada pela PPH/CFT.

Perigos potenciais: Descaracterização do monumento e da ambiência por falta de proteção legal.

1 - Volumetria; 2 - Fachada sul; 3 - Lápide funerária

propriedade privada

end: Paço Arqueiepiscopal - Pr. da Sé, 01 - Salvador

Reinspecionado por:

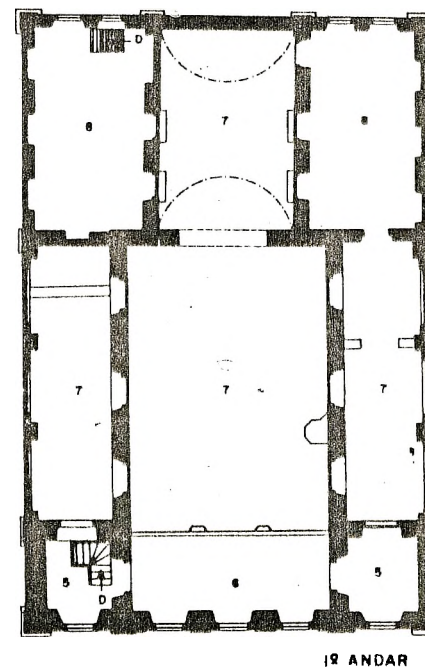
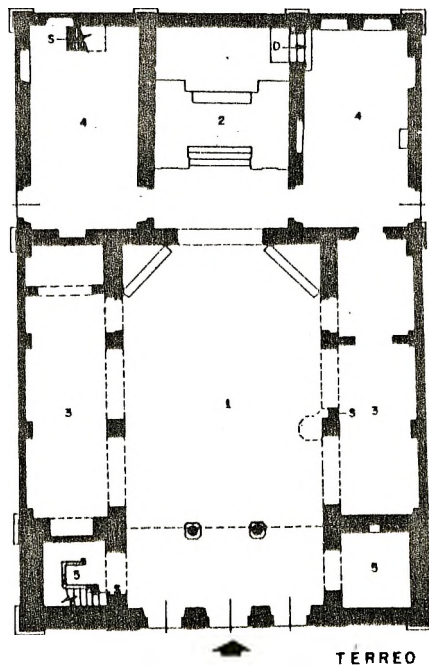
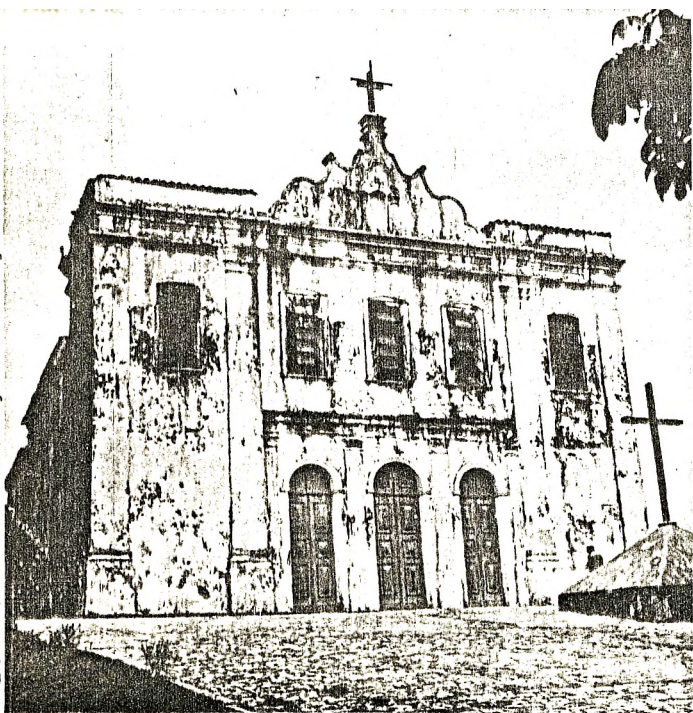
Data:

<b>REPÚBLICA F. do BRASIL</b>	INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL	<b>IPAC</b>	<b>MONUMENTO</b>	IPAC Nº 8 P 132.1.1.7-1.0-1.0.1.21
<b>CONVÊNIO SEPLAN-ESTADO DA BAHIA</b>	ORÇÃO EXECUTOR <b>SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO</b>	<b>- COORDENAÇÃO DE FOMENTO AO TURISMO</b>		<b>PROJETO PATRIMÔNIO HISTÓRICO</b>
Região: Nordeste	Estado: Bahia	Município: Santo Amaro		Distrito: Saubara
Localização: Saubara	Denominação: <b>IG. DE SÃO DOMINGOS DE GUSMÃO</b>			Cadastro Imobiliário:

Situação e Ambiência: Igreja matriz situada na periferia e ponto mais elevado da vila de Saubara de onde se domina todo o povoado e grande parte da Baía de Todos os Santos, tendo ao fundo o perfil da cidade do Salvador. O acesso ao templo se faz por uma ladeira ladeada por duas fileiras de casas térreas. O monumento está isolado tendo à frente um adro de forma trapezoidal no centro do qual existe um cruzeiro.

Epoca: Século	18 M	I - início	M - meados	F - final	Utilização atual: culto	15 31	Área construída: 10,8 1 0 m <sup>2</sup>				
Descrição: Edifício prejudicado pela inserção de elementos não condizentes e mutilação de outros. O antigo edifício de nave única e corredores laterais foi transformado em igreja de três naves. Sua fachada principal está dividida em três partes por pilastras. Possui pórtico de estuque com três portas de verga em arco pleno e cinco janelas de coro com esquadrias em basculantes de ferro e vidro. Um frontão recortado com nicho esconde o telhado de duas águas da nave central. As torres não foram concluídas. O interior está muito alterado. Além da abertura de arcos, foram eliminados os pisos das galerias de tribunas entapadas suas janelas externas e fundida laje no coro. A capela-mor apresenta forro de madeira em abóbada de berço novo enquanto a nave central é telha-va. O altar-mór é de talha neo-clássica. Em pedra são confeccionados o arco cruzeiro, soco do altar, base do púlpito, lavabo com delfins e pia batismal. A igreja possui boas imagens como as de N. Sra. das Dores (roca, tamanho natural), S. Domingos, Sr. dos Passos, N. Sra. do Carmo, Sr. Morto etc. Merecem destaque as grades torneadas do arco cruzeiro e tribunas, do século XVIII.											
Estado de Conservação	A Satisfatório	B Medíocre	C Ruim	Em: 17.7	Estrutura Portante	A Elementos Secundários	B Cobertura	A Interior	C Instalações e Serviços	C Salubridade	A Grau de Proteção
Proteção existente:	Nenhuma					Proteção proposta:	Tombamento Estadual				
<b>IPAC 2</b>											

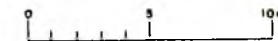
Elementos de identificação gráfica e fotográfica



IPAC / Ba.

LEGENDA / USO ATUAL

- 1 - NAVE
- 2 - CAPELA-MOR
- 3 - NAVE LATERAL
- 4 - SACRISTIA
- 5 - BASE DA TORRE
- 6 - CORO
- 7 - VAZIO
- 8 - SALA



Observações:

Compilada por: Equipe PPH/CFT

Data: Set. /77

Conferida por: Esterzilda B. de Azevedo

Data: Ago. /78

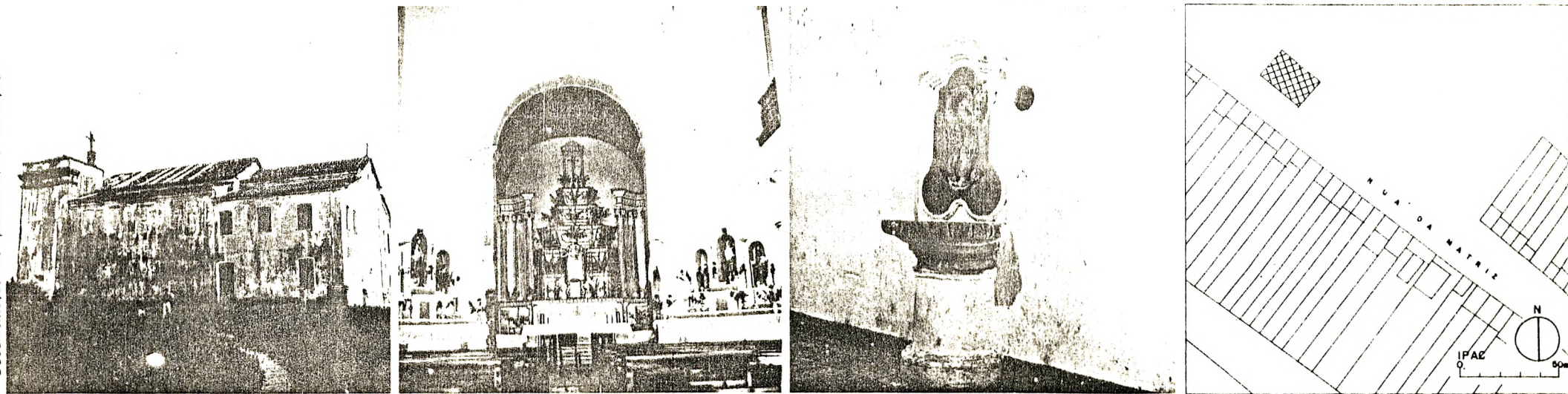
Revista por: Paulo O. D. de Azevedo

Data: Ago. /78

As informações contidas deste lado da ficha são indispensáveis a qualquer medida de proteção. Os dados do verso têm carácter complementar.

Dados tipológicos	Dados cronológicos	Dados técnicos
<p>Igreja do segundo quartel do século XVIII. Apresenta a planta típica das igrejas matrizes e de irm. ndades daquele século, isto é, nave ladeada por corredores laterais que são superpostos por tribunas. Sua fachada, embora inacabada, procura imitar a de N. Sra. da Purificação, como se pode notar no frontão e portada tríplice. No final do século passado ou início do atual, teve seus corredores transformados em naves laterais e ligados à central por arcos plenos desiguais. Esta transformação, que atingiu outras igrejas baianas no mesmo período, parece estar ligada ao avanço do Neo-Gótico que reviveu o partido de três naves abandonado pela Contra-Reforma.</p>	<p><b>Histórico arquitetônico:</b>                      1685 - No povoado fundado por Braz Fragoso, em terras que foram de Mem de Sá, seus moradores resolveram construir, neste ano, em um alto, uma capela dedicada a São Domingos de Gusmão.                      1696 - Neste ano, o arcebispo Dom João Franco de Oliveira, eleva o povoado à categoria de sede da freguesia e, conseqüentemente, sua capela à matriz.                      1722 - O vigário de São Domingos de Saubara, Pe. Antonio Bonfil, solicita ao Rei de Portugal ajuda para a reedificação do corpo da igreja e feitura de uma nova capela-mór, que estavam em precárias condições.                      1728 - Em 29 de abril deste ano, o Conselho Ultramarino exara parecer favorável ao pedido do Pe. Antonio Bonfil.                      1759 - Possuía a Freguesia, nesta época, 242 fogos e 2.115 almas, segundo Caldas.                      1822/23 - O vigário da freguesia de São Domingos da Saubara, Pe. Manuel José Gonçalves Pereira, assume importante papel nas lutas de Independência, arregimentando gente e comandando a luta de defesa daquela parte da baía.</p>	<p><b>Sistema construtivo e materiais:</b> Construção em paredes autoportantes de alvenaria mista de pedra e tijolo que suportam as tesouras do telhado. As duas paredes da primitiva nave foram abertas em arcos.</p> <p><b>Restaurações e intervenções realizadas:</b>                      A igreja foi muito alterada no final do século passado e neste, com a abertura de arcos na nave, criação de laje de concreto no coro, introdução de esquadrias metálicas na fachada principal etc.</p> <p>1972 - Colocação de piso de lajota cerâmica na capela-mór e naves central e esquerda.</p> <p>1975 - É refeito o telhado com a ajuda da Prefeitura de Santo Amaro e da comunidade local. Na mesma oportunidade, restaurou-se o assoalho da sala situada sobre a sacristia direita e pintou-se todo o edifício.</p>
<p>Características especiais:</p>	<p>Utilização proposta:</p> <p>Utilizações possíveis:</p>	<p>Restauração necessária: Eliminação de anexos sem mérito arquitetônico, reparos gerais e limpeza.</p>

Documentação complementar e situação



Bibliografia básica: PEDREIRA, Pedro Tomás, *Memória Histórico Geográfica de Santo Amaro*, Brasília, 1977; CALDAS, José Antonio, *Notícia Geral de Toda esta Capitania da Bahia (1759)*, Salvador, tip. Beneditina, 1951; PLANTA executada pela equipe PPH/CIT.

Perigos potenciais:

1 - Fachada principal; 2 - Fachada Nordeste; 3 - Interior; 4 - Lavabo

Planta de instalação elétrica

100

Projeto Arquitetônico - Pr. da Sé. 01. Salvador

Reinspecionado por:

Data:

Elementos de identificação gráfica e fotográfica

Obs

As



@ 100

Informação que se mandou ao Provedor  
e Irmãos da Misericórdia de Vianna com a  
parta atrás para a cobrança que se fez de fa-  
vor do dinheiro do P.<sup>o</sup> Francisco d'estrup, e  
Dous tom.

Falleceu nesta Capitania de Bahia, parte do Bra-  
zil, o P.<sup>o</sup> Francisco d'estrup, com solenne testa-  
mento approvedo de sua ultima vontade em  
um escripto que mais foy. No dito testamen-  
to instituiu sua alma por herdeira, deixando  
por testamentarios os Irmãos da Santa casa  
da Misericórdia da Bahia presentes e aus-  
entes que ao diante succedem na mesma.  
Consta dos papéis que vão com esta, da fide-  
litação da dita testamentaria, junto a elle  
o traslado do testamento e codicillo, tudo au-  
tentico na verba letra A, declara o dito de-  
funto ter na Villa de Vianna oito mil e quin-  
centos cruzados de principal e os mais de  
litos que de outras quantias deblarou, as quaes  
quantias mandou entregar a Gaspar Rodri-  
gues Moreira morador em a freguesia termo  
de Ponte de Lima, o qual diz por do dito  
dinheiro, e que consta pela escriptura feita  
na nota do tabelião Lucas de Brito, em  
2 de Maio de 619 annos, a que os herdeiros  
do dito Gaspar Rodriguez, Gaspar Teves Ba-  
bosa d'Almeida seu filho, e seu cunho Francis-  
co Pereira de faldas que usse entre são obli-  
gados a satisfazer por suas fazendas e que  
o dito Gaspar Rodriguez se tem devedor de  
quase todas as quantias do dito Gaspar  
Rodrigues e Gaspar Pinto o qual he que  
he passou o dito dinheiro, e que mais clau-  
se verá pela copia da escriptura que vai  
com esta para a quantia nella declarada,  
e para o mais do presente declarada a  
quem trear.

Vae tambem a copia de duas cartas de  
Gaspar Rodriguez e outra do Riojo de junho

já recebido muita quantia como de mi-  
nha escripturação tudo constante prova  
tem em seu poder e em lha dei do que  
sempre fui recebendo e de uma conta  
sua com juros ferrosos que estão em  
meus papéis

O que se achar de resto se arrecadará  
elles e assim mais o que se achar me  
pertence por qualque via e circuito que  
for.

Recebo tambem Gaspar Rodrigues Ma-  
riva meus setenta e cinco mil réis que  
lhe dei Gaspar Rodrigues Machado em  
Porto de Lima por minha ordem, por  
me avisar o dito Gaspar Rodrigues Ma-  
chado mandasse cobrar a dita quan-  
tia dos setenta e cinco mil réis, e eu co-  
mandei entregar a Gaspar Rodrigues  
Mariva e assim mais vinte e quatro  
mil réis de meus Gaspar Rodrigues  
Machado de uma encomenda do Alga-  
ve que chegou a esta terra da Bahia, e  
se me não der do que tudo mandei com  
papéis que Gaspar Rodrigues tem e se  
verão os Testamentos de ambos e d'ris.

Reço que por nenhuma maneira por  
minha morte se de a chamada Luta  
para bispado pois lhe não deu conformo  
o direito assim Canonico como Civil  
nem usou costume que haja prescri-  
pção para o poderem levar com bõ  
fê, ainda que elles venham e procedam  
com censuras sem violências e fora de  
tudo o direito e appello e appave das  
taes censuras de a Roma e haja sen-  
tença no caso para se evitar tão gran-  
de ambigão e para isso se quite todo  
a minha fazenda sendo necessário  
em meus papéis se achará grande  
clausa sobre este negocio e sobre de lo-  
do o direito. Não se me arran-

to e ultima vontade deirem que estandoy  
Francisco d'Alvaiz, sã e sem doença al-  
guma, mas pela vertice que tenho e expe-  
riencia e vendo-me velho, não sei o dia nem  
a hora que Nosso Senhor será servido de  
me levar d'esta vida presente, e vendo-  
me com todo juizo perfeito e intelli-  
mento que Heus foy servido de me dar  
o d'el' meu testamento e ultima vontade,  
para nelle dispor de meus bens pois não  
tenho herdeiros legados para descarga da  
minha consciencia e bem de minha al-  
ma; o que faço na maneira seguinte:  
Recomendo minha alma a Nosso  
Senhor que de nada a criou, e ao men-  
nhor Jesus Christo, que com seu precioso  
sangue e morte a rescio; tomo por mi-  
nha advogada a gloriosa e sempre vir-  
gem Maria, para que seja por mim  
diante de Sto. unigenito Filho, meu Jesus  
Christo e da Santissima Trindade que  
sentando-lhe seus merecimentos em sa-  
tisfação de meus peccados; tomo ainda  
por advogada ao Santo Espirito de minha  
guarda e a todos os Santos e Santas  
da Corte Celestial.

Rogo ao Provedor da Santa Casa da Misericordia  
d'esta cidade da Bahia e Juiz d'ella por servico  
de Deus e por me fazerem merecimen-  
tos ser meus testamentarios.

Logo Heus servido de me levar d'esta vi-  
da presente, será meu corpo arrastalha-  
do com os ornamentos Sacerdotaes com  
indigno Sacerdote que sou e será meu  
corpo sepultado na Igreja de Parati-  
fise nomeada do Velador e me des-  
panharão os que de presente se acham  
aos quaes foy me recomendo  
a Deus e se me digão as missas que  
se puderem dar e com brevidade

que no presente não tenho dinheiro em  
meo poder para logo deixar as esmolas  
cumpridas, ficando tudo no caderno, e  
tanto que tiverer dinheiro de cumprir  
rã das esmolas, não com detrimento da  
Capella senão de boamento, e senão  
venderão escravos sem a boa nesta oc-  
casão, senão por mais visto es-  
tar eu de presente com prouca gado.  
Deixo a Luiz d'Almeida Correia com es-  
ta faculdade pela ordem que lhe dei-  
xo com que diga com si lhe pagar  
o que for justo a respeito d'elle sabendo  
que nella ha e conhece o agente o  
trato que elles d'ahiã contra da fide-  
lidade.

Com isto tanto a pedir ao Provedor  
da Santa Casa de São Paulo d'ella  
quero ser meus testamentarios pelo  
amor de Deus e por me fazerem  
merci como no principio do testamen-  
to peço aos quaes e a cada um insin-  
dem do todo poder que em direito pos-  
so e for necessario para de meus bens  
tomarem e pendarem o que for neces-  
sario para me enterrarem e cum-  
primento de meus legados e salis de minhas  
dividas.

E por quanto esta seja minha últi-  
ma vontade de modo que venha a ser guardada  
qualquer outro testamento que tenha  
feito ficando sempre este valioso com  
que se e como peço de justiça or de todos  
as Magestades fazedo cumprir e guar-  
dar como nelle manda e dispozinho.  
E não escreva em cartas d'este papel  
por passar muita a tanta, pelo que não  
hafo duvida e apion me asseguro  
testamento fazer nove de julho de mil  
seiscentos e cincoenta e seis na Ba-  
hia de Todos os Santos, Cidade de São

th'o approuvei e soubre por approuvando  
 tanto quanto devo e processo em direito  
 se requer, e por ser sua ultima vontade  
 de i solenne testamento, sendo a tid, pu  
 sentes, por testemunhas, e lhos Pais Francis  
 co de Fonseca Ruthões, Antonio Caetano  
 e Antonio Goncalves e Jaciel e Anto  
 nio d'Almeida moradores nesta cidade, e  
 todos assignaram com o dito testador em  
 Matias Cardoso tabelião o escrevi e  
 assignei de meu publico signal e qua  
 le publico Francisco d'Almeida Fran  
 cisco de Fonseca e lhos Pais e Antonio  
 Goncalves e Jaciel e Antonio d'Almeida  
 Antonio Caetano de Silveira.

Compra-se do Spiz  
 Compra-se como nelle se contem. Pa  
 tid vinte e quatro e mil seiscentos e  
 cinquenta e dois.

Cuidado de replicação como  
 testamento para destanga de minha  
 consciencia e obras pias  
 Premissamente de clar que ate a finta  
 ra d'este não devo deida, senão uma  
 deida em Portugal que datao contra  
 d'ella os herdeiros de Jacoan Rodrigues,  
 a qual deida consta de papeis e ca  
 da hora expun resolução d'ella.  
 Tenho uma demanda com os Padres  
 da Companhia a qual se principia  
 ara e não correu outra presção com  
 ella senão e Jacinto de Paeto por  
 quanto a principiou, e pelo ao Sr.  
 Provedor e Camarã the facão procura  
 ção bastante para isso dando the  
 todo dinheiro necessario e pelo meu  
 to que the devo, por ser muito fiel,  
 e vivea muitas terras minhas em  
 or the pauca sem pagar estyren  
 dlo com a linguagem que the pau  
 ca e por sua morte ficou a

8

Sei doutrinado e sacado; declaro que  
lho deixo para a seu doze dez cabeças  
de gado vacum e lho deixo um coberto  
de paço que tenho

e a herança se dará uma vna man-  
sa a Francisco d'estrangos.

Os Indios da terra todos são livres e  
não para onde quizerem.

Como deixo no meu testamento não  
me venderão escravos algum, antes se  
for necessario

sempre nem alijados escravos algum  
ai covinhas, contentos-me com can-  
nhas, algodões, arroz, e outras coisas  
e o meu filho Luiz d'estrangos todos  
os annos dará conta ao Provedor  
da Casa de todo seu manejo até  
das crias, e lembro ao Sr. Pro-  
vedor que as esmolas sejam, podendo  
ser, todas applicadas ao Hospital  
da mesma Casa.

Maria Soeira deixo Soeira e a sua  
filha Joanna, como sempre foram,  
e por Soeira a Casa. Deixo a Joan-  
na um dos dois cobertores e um len-  
col e quatro reis brancos para seu  
casamento, um dos cobertores fica para  
o casamento de Rufino.

A prata dará conta d'elle Luiz de  
estrangos, a qual será para: Castiças  
e Comendador onde me hei de en-  
terrar, Luiz d'estrangos fará os meos  
gastos de meu enterramento e ac-  
ta de luctuos elle proveerá com  
pauco do Sr. Provedor, e as mi-  
nhas escravas Sr. Comendador  
com coisas de minha fazenda,  
para o luctuo Sr. Provedor e Sr.  
mãe se governem pela ordem  
de Luiz d'estrangos.

Declaro mais que Luiz d'etra-

~ Auto do posse ~

Saiba quantos e de instrumentos de  
antida posse vierem ou se com o  
nascimento de S. S. Jesus Christ  
de mil e seicentos e cincoenta e  
dois annos, aos vinte e cinco dias  
do mez de Fevereiro nestes limites  
da S. Barbara nas terras que foram  
de D. Jo. Francisco d'Albuquerque onde  
se achava a Santissima e o  
Conde sem por ordem do Governador  
Dallara d'Albuquerque e mais  
Senhores da mesma Condição em Com  
panhia do Thesorero Alonzo  
Alvarez a tomar posse e enca  
ga de todos os bens moveis e de  
raiz, e de arrendamento, e de  
raiz de cada, em virtude de testame  
to que o dito Pedro P. Francisco  
d'Albuquerque defuncto deixou, e por  
herdeira e testamentaria a Santis  
sa de misericordia, e se tomar pos  
se de todos os ditos bens que do dito  
defuncto se acharem e que neste por  
te se requirido, por parte do dit  
Alonzo Alvarez Thesorero da  
Santissima de misericordia, e tomei  
pela mão e andar com elle presen  
tando partes das ditas terras de  
rendo em altas vozes se havia  
alguma pessoa ou pessoas que  
a tal posse contradizessem  
aparecerem, e elle faria com  
primeto de justiça, e por não  
haver pessoa que a dita posse  
contradizesse em o lugar e em o  
meo hamello, e de mais da Santa  
Com de misericordia, e de mais  
por dade tanto quanto em dres  
to deo e posse, sendo testemu  
nhas Simão e Manoel de Aguiar, Fran





Nº - 7 - - - - "

O. Vto. em Fronte. Fia. xou  
deuendo. R. Dito. 18600

O. Vto. Lado. da Fazenda.  
Sem. Pagar. 3 an. q. de via q. de  
uenera. em 25 de dezembro.  
de 179º Saubara. 10 de  
de Maio. de 1791 - - -

Saubara. 27 de dezembro. de 1786 - - - - -

José dos Santos Suero. a demetido Pela. Meia. da Santa  
Misericórdia. q. paga. Renda. no sitio da Mata Suera-  
desta. Fazenda. do q. paga. de Renda. a anual. Monte.  
Fouy. Mil. Reij. e como. se. obriga. a sua. saty. Fazão. e  
a signou. este. termo. com. Migo. Jm. Petyr. da Fazenda.  
Jozê de Freitas Cardozo Camello. Feue. esta. Renda. o

O. Principio. em 25 de dezembro. de 1786 - - - - "

José de Freitas Cardozo Camello  
Paga. Por. Renda. Por. anno. - - - - - 28000

Paga. José dos Santos Suero. a Renda. de seis. Mees.  
ueneridos. em 24 de Junho. de 87. q. São. - - - - 18000

Pague. o Vto. adian. a Renda. de seis. Mees. q. se uenera. em 25  
de dezembro. de 87. q. São. - - - - - 59000

Recebi. q. adito. a boma. seis. Pataca. a conta. da Renda. de  
anno. q. se uenera. em 25 de dezembro. de 1788 Saubara. 20  
de Junho. de 1790 - - - - - 920

Recebi. a conta. do Vto. adim. quatro. setec. e oitenta. a conta  
de 4800 reij. q. due. de Renda. de 2 anno. q. se uenera. em  
em 25 de dezembro. de 1789 Saubara. 14 de Fevereiro. de 1790  
Cameleto. São. - - - - - 5480  
Saubara. 24 de Junho. de 1791 - - - - -

Pomos. dos Santos a demetido. Por. Renda. no sitio. Fia. Uma. a  
pagando. a Renda. de 1000. anual. me. ste. - - - - - 18000  
Cameleto.

Jacobina 31 de Decabr. de 1786  
 Rece. esta. Renda o Permissio. em 25 de Decbr. de 1786  
 Pedro Soares a de metido. Pela Mesa da Casa da  
 da Santa Misericordia de Beuda no sitio do terceiro  
 desta Fazenda. e q paga de Renda a anual. Monte-  
 Douy. Mil. reis. e como. Sobriga. a sua. Saty. Garai. a  
 a Sigau. este termo. Com. Migo. Torde Freitas. Cardozo.  
 o Sigau. De clavo. q este. Renda. Permissio. no dia de.  
 Natal do 26 Para. Diante. Sinal. X do Vito a Lima  
 Torde Freitas Cardozo. Camello. — " — " — "  
 O. Renciro. a Lima. Paga. a qual. mente. — " 25000  
 — " — " — " — " — " Camello. — "

Pagou. Pela. Soares. a Renda. de. Sij. Mesy.  
 validas em 24 de Junho de 87 q Sao. — " 12000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. em 25  
 de Decabr. do 87 q Sao. — " — " — " — " 125000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. q  
 em 24 de Junho. de 1788 q Sao. — " — " — " — " 12000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. q  
 em 25 de Decabr. de 1788 q Sao. — " — " — " — " 12000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. q  
 de Junho. de 1789 Saubara. 11 de Vbr. do 89 — " — " — " 12000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. q  
 de Decabr. de 1789 Saubara. 7 de Fevereiro. de 1790 — " — " — " 12000  
 Camello

Pagou. o Vito a Lima. a Renda. de. Sij. Mesy. q  
 de Decabr. de 1790 Saubara. 20 de Maio. de 1791 — " — " — " 12000  
 Camello



